

A man with dark hair and a beard, wearing a dark blue suit jacket over a white button-down shirt, is the central figure. He is looking slightly to his left with a serious expression. The background is a dark, textured brown with light-colored speckles.

Enlace **IMPROVÁVEL**

QUARTETO DE NOIVOS - LIVRO 1

MARI SALES



Enlace **IMPROVÁVEL**

QUARTETO DE NOIVOS - LIVRO 1

MARI SALES

1ª. Edição

2019

Copyright © Mari Sales

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Edição Digital: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Sumário

[Sinopse](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Fred](#)

[Capítulo 2](#)

[Fred](#)

[Capítulo 3](#)

[Fred](#)

[Capítulo 4](#)

[Fred](#)

[Capítulo 5](#)

[Fred](#)

[Capítulo 6](#)

[Luana](#)

[Capítulo 7](#)

[Fred](#)

[Capítulo 8](#)

[Fred](#)

[Capítulo 9](#)

[Fred](#)

[Capítulo 10](#)

[Luana](#)

[Capítulo 11](#)

[Fred](#)

[Capítulo 12](#)

[Fred](#)

[Capítulo 13](#)

[Fred](#)

[Capítulo 14](#)

[Luana](#)

[Capítulo 15](#)

[Luana](#)

[Capítulo 16](#)

[Fred](#)

[Capítulo 17](#)

[Fred](#)

[Capítulo 18](#)

[Fred](#)

[Capítulo 19](#)

[Luana](#)

[Capítulo 20](#)

[Luana](#)

[Capítulo 21](#)

[Fred](#)

[Capítulo 22](#)

[Fred](#)

[Capítulo 23](#)

[Fred](#)

[Capítulo 24](#)

[Luana](#)

[Capítulo 25](#)

[Fred](#)

[Capítulo 26](#)

[Fred](#)

[Capítulo 27](#)

[Fred](#)

[Capítulo 28](#)

[Fred](#)

[Capítulo 29](#)

[Fred](#)

[Capítulo 30](#)

[Fred](#)

[Capítulo 31](#)

[Fred](#)

[Capítulo 32](#)

[Fred](#)

[Capítulo 33](#)

[Fred](#)

[Capítulo 34](#)

[Luana](#)

[Capítulo 35](#)

[Fred](#)

[Capítulo 36](#)

[Fred](#)

[Capítulo 37](#)

[Luana](#)

[Fred](#)

[Capítulo 38](#)

[Fred](#)

[Capítulo 39](#)

[Fred](#)

[Capítulo 40](#)

[Fred](#)

[Capítulo 41](#)

[Fred](#)

[Capítulo 42](#)

[Luana](#)

[Capítulo 43](#)

[Fred](#)

[Epílogo](#)

[Fred](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outras Obras](#)

Sinopse

A vida de Fred estava do jeito que gostava, tinha um ótimo emprego e uma vida social bem movimentada, principalmente na cama. Solteiro convicto, ele, seu irmão e outros dois primos formavam o quarteto de solteiros mais cobiçado da cidade.

Certo de que nada mudaria sua opinião quanto a relacionamentos duradouros, em uma reunião familiar, surpreendeu-se com as palavras da avó a respeito da concepção de família, e se pôs a questionar suas antigas convicções. Não bastando isso para o tirar da zona de conforto, sua mãe bagunçou ainda mais suas reflexões com uma profecia a respeito da mulher da vida dele.

Quem disse que palavra de mãe não tem poder?

Foi em um bar, longe do seu círculo social, que Fred conheceu Luana, uma mulher trabalhadora e que, como Fred, não procurava um relacionamento, mas, só que por um motivo diferente: a necessidade de pagar uma dívida do irmão e cuidar do pai.

Para quem nunca deu uma chance para o amor, Fred buscará em Luana muito mais do que um momento.

Dedicatória

Em honra a minha família e a história familiar de Fabricio Sales.



Prólogo

Dez anos antes...

— Cara, você bebeu quanto para pegar a direção? — Ricardo falou para Guido sentando no banco da frente. Fred, Leonides e Bastien estavam no banco de trás da caminhonete.

Era final de festa, quase cinco horas da manhã, formatura do ensino médio.

— O carro é meu, quem vai dirigir sou eu — Guido falou, ligou a caminhonete e saiu dirigindo, até então, normal. A sorte estava a seu favor, não havia muito movimento na rua, muito menos fiscalização.

— Ricardo, conta essa história direito, você deu em cima da Diretora? — Fred perguntou e todos começaram a murmurar sobre o assunto.

— A mulher veio pegando no meu braço duas vezes. Ela estava com tesão em mim, só não sabia como chegar — Ricardo falou rindo. — Ela era uma coroa enxuta.

— E a Márcia pica-pau? Me senti molestado de tanto que ela passava a mão em mim enquanto a gente dançava. — Bastien comentou e todos rimos.

— Ela pegou na minha bunda, essa mulher é louca — Leo falou.

— Sim, louca para dar — Fred complementou.

— Torto estava lá com a irmã de menor dele. Meu irmão, o sonho dele é me ver casado com ela — Guido comentou.

— E pelo visto é o sonho dela também. Peguei vocês no banheiro, ela na sua frente... — Ricardo falou.

Várias vaias ecoaram no automóvel, eles tinham pouco mais de dezoito anos e a *pegação* estava a todo vapor.

— Ela não fez nada, não deixei — Guido falou alto e bravo.

— Foda-se que não fez, trouxe. Tinha que ter aproveitado, ela é apaixonada por você — Leo zombou.

— Eu não sei, tenho medo dela!

Todos riram e bateram no ombro do motorista, que tentava guiar sem muito ziguezague.

— Velho, minha casa é virando ali, você vai passar! — Ricardo

apontou e ordenou.

E sem conferir se existia um caminho ou não para entrar aonde Ricardo indicava, Guido virou o volante com tudo, subiu no canteiro central entre um poste de iluminação e o semáforo, fazendo com que vários estouros acontecessem. Antes de concluir a travessia para a outra pista e ficar na contramão, ele desligou a caminhonete e todos se entreolharam assustados. Caramba, a sarjeta era alta, o espaço entre os dois postes era estreito, como ele tinha conseguido essa façanha?

— Por que você subiu no canteiro central da avenida, Guido? — Leo gritou.

— Porque Ricardo falou para virar, merda! — respondeu e desceu do carro cambaleando. Estavam todos embriagados, a sorte era ninguém tinha se machucado até hoje nas loucuras pós-festa.

— Eu falei que era virando ali, não que você tinha que fazer a conversão nesse exato momento. — Ricardo desceu e olhou o pneu da frente murcho. — Porra, um pneu furado aqui.

— Dois aqui — Guido gritou e Ricardo conferiu o quarto e último pneu do automóvel.

— Caralho, você furou os quatro pneus! — Ricardo falou rindo e todos os outros começaram a rir também, tanto pelo nervosismo quanto pela embriaguez. Como fariam agora?

— Liga para o seu pai — Bastien falou para Fred, que negou veemente.

— Vocês têm quantos anos, doze? — Ricardo ralhou.

— De jeito nenhum, já levei bronca por conta da nossa última aventura. Vai para o seu tio, Guido, ele não mora perto de uma borracharia? — Fred sugeriu.

— É verdade, está aqui perto, mas como vamos até lá? — Guido falou entrando na caminhonete e as portas se fecharam com todos dentro.

— Vai desse jeito, devagar, sem fazer outra merda dessas, cabeçudo — Ricardo bateu no ombro de Guido, que riu levantando as sobrancelhas.

— Andou me vendo mijar? Minha cabeça é grande mesmo.

— Vão tomar no cu, falando de pau? — Leo retrucou e começaram a discutir enquanto devagar, Guido saía do canteiro central e guiava o carro para a casa do tio.

Apesar de saberem da gravidade da situação, dirigir embriagado era

uma das loucuras que esses primos faziam. Namoraram muito, iam em festas e marcavam presença em todas, tanto pela beleza quanto por sempre estarem juntos.

Eles curtiam a juventude e graças a Deus, não fizeram mal a ninguém. Sempre olhando com respeito para o passado, independente do que aconteceu, com a história deles aprenderemos, e com a história de quatro deles, nos apaixonaremos.



Capítulo 1

Fred

Saí do carro para abrir a porteira de entrada do Haras, pertencente aos pais de Guido, meu primo e grande amigo. Era domingo, a família estava reunida para comemorar o aniversário da nossa avó Cida, a matriarca e mãezona de todos os netos e bisnetos.

Minha família era grande pelo lado do meu pai e sempre que nos reuníamos, era um grande evento regado com boa comida e bebidas. Era a típica família Italiana da minha avó mesclada com a família árabe do meu avô, no caso falecido. Um grande homem, pai e avô, que deixou grandes lições de vida e piadas antigas como legado.

O sol ardeu meus olhos mesmo debaixo de óculos escuros. Com tênis, calça jeans escura e uma camiseta polo vinho, observei a entrada do Haras e sorri para tantas lembranças que havia naquele lugar, e também, da recordação da noite passada, o motivo por estar atrasado para a reunião de família.

Passei o carro pela porteira, fechei-a e segui o caminho de grama com o carro até debaixo da grande mangueira, onde estacionávamos. Já estava com superlotação, mas como sempre, tinha espaço para mais um.

Mal saí do carro e já recebi uma grande saudação *sarrista* do anfitrião:

— Olha quem chegou, o Cristiano Ronaldo! — falou alto de onde estava. Era comum falarmos isso para o último que chegasse, por se tratar da estrela do momento, aquele que não cumpria o horário.

Bem, meu atraso havia sido por conta da noite anterior, que além de ter bebido muito, estava com companhia em casa pela madrugada. Uma beldade, loira e que fazia muito bem o serviço enquanto aproveitava o passeio no parque de diversões do gostosão Fred!

Sim, eu me achava foda.

Do lado esquerdo de quem chegava havia a construção da casa, do lado direito o salão com churrasqueira, cozinha e uma enorme mesa de madeira com dois bancos inteiriços.

Caminhei até meu tio que estava na parte da churrasqueira, cumprimentei meus outros tios com um forte abraço e distribuí saudações para o resto da turma.

— Meu filho, voltou para casa que horas? — minha mãe perguntou me

abraçando.

— Voltei cedo, mãe — respondi dona Bety fazendo graça, não me importava que ela me tratava como criança, eu continuava fazendo o que queria da minha vida, até porque, não morava mais debaixo do seu teto.

— Só não volte para casa dirigindo bêbado. Você não tem mais dezoito anos! — uma tia comentou e não me abalei com seu comentário desnecessário ao lembrar da vez que furamos os quatro pneus da caminhonete.

Família era assim, não podia falar de um assunto que vinha todos os parentes dar o melhor palpite sobre ele.

As mulheres costumavam estar em um canto e os homens em outro. Apesar de não haver nenhum machista extremo na família, os pilares que fomos criados eram bem tradicionais e haviam raízes que eram difíceis de serem abandonadas, principalmente porque o assunto de um não combinava com o do outro.

Quando cheguei para cumprimentar minha prima Miriam, uma bióloga apaixonada pelo pé de Jacarandá Mimoso, não perdi a oportunidade de alfinetar:

— Já parou de chorar pelo juiz fresco?

— Vai te catar, Fred — respondeu me dando um tapa no ombro.

— Você é muito chato, não perde a oportunidade de azucrinar! — minha prima Simone falou irritada, irmã de Guido.

— Não se deve confiar nos homens que não gostam do mato, tomar cerveja e escutar moda de viola. — Pisquei um olho para os revirar de olhos delas e fui até a minha turma.

Guido era mais novo que eu e tinha a mesma idade que Bastien. Leonides era meu irmão e juntos, éramos o quarteto que botava o terror nessa cidade há mais de dez anos.

Os solteiros mais cobiçados.

— Finalmente chegou! — meu irmão resmungou e para irritá-lo, tomei a cerveja da sua mão. Explosivo e sem paciência, era fácil tirá-lo do sério. — Porra, vai pegar uma para você!

— Adivinha quem foi a vítima da Márcia pica-pau dessa vez! — Guido falou divertido e olhei para Bastien, o único que não tinha sido pego por essa mulher. Estávamos no mesmo pub ontem e fui embora acompanhado antes de todos.

— Não! O que aconteceu? Cansou dela te passar a mão ou foi curiosidade? — questionei surpreso e o cara até parecia envergonhado.

A mulher tinha esse apelido por conta de não poder ver um pau que já queria picar, no sentido mais perverso da frase. Desde a nossa época do colégio, ela tentava nos seduzir e bem, uma hora conseguiu, um por um.

Apesar da cidade ser grande, o mundo era pequeno e nós a encontrávamos nas nossas saídas várias vezes.

— Foi a tequila, certeza — Guido falou tomando sua cerveja. — Bastião até tentou...

— Cara, a mulher é muito louca — Bastien resmungou e olhou para todos os cantos. Tínhamos o costume de chamá-lo de Bastião, já que muitos não sabiam pronunciar seu nome corretamente, para chateação da sua mãe, que amava o nome francês.

Leo saiu e voltou com cerveja para todos nós antes de falar seu parecer:

— Depois que você foi embora do bar com aquela loira, que ele — apontou com a cabeça para Bastien — estava de olho, Bastião tomou todas e foi tomado pela pica-pau.

— Essa semana fui fazer exame de rotina e a encontrei fazendo exames para DST — falei apenas para ver o meu primo preocupado, o que rendeu muita *zoação*.

— Para, cara, eu ainda estou com dor de cabeça por conta disso — resmungou.

— Vai dizer que não curtiu? A gente sabe como ela é, foi um passeio como nos filmes de ação que você assiste escondido no banheiro! — Bati no seu ombro e ele tentou não sorrir para concordar com minha fala.

Apesar de tudo, a mulher era experiente e fazia um trabalho e tanto. Comigo havia sido há muito tempo, então, ela com certeza tinha melhorado e muito.

Terminei minha cerveja roubada de Leo, peguei mais uma no freezer vertical que foi comprado exclusivamente para guardar as bebidas e lembrei das várias vezes que dormimos aqui, em redes, depois de tomar todas e mais um pouco. Em nossa adolescência e juventude, pelo menos uma vez por mês, meus tios nos proporcionavam grandes e memoráveis momentos.

Apesar da ressaca, eu tomaria algumas antes do almoço e voltaria para casa antes do sol se pôr, recuperado da bebida e com mais memórias para acumular.

Sim, no pesar dos prós e contras, ter uma família como a minha era muito bom.



Capítulo 2

Fred

— Olha quem está com saudades do dindo! — Ricardo apareceu com sua pequena Maria Clara nos braços. Ela já se jogava em direção de Leonides, que a pegou e foi em direção as baias dos cavalos tratados pelo Haras.

— Fala homem de família! — cumprimentei meu primo mais velho, um dos primeiros a casar dos netos, grande orgulho da avó Cida. Costumávamos dizer que ele era um dos únicos homens da família que prestava para casar, o quarteto se manteria solteiro até os últimos dias.

— Queria saber quem de vocês está a fim de cuidar da Clarinha para que eu e Tati tenhamos um vale *night*!

— Você escolheu Leo de padrinho para isso, não olhe para mim! — Guido falou e Bastien concordou.

— Até parece que você sofre tanto assim. E outra, a gente não sabe cuidar da gente, imagine de uma criança — falei observando o brilho dos olhos dele. Ricardo gostava de nos perturbar e claro, dávamos o troco.

— Quantos anos vocês têm? Vinte e oito? Trinta? Quando tiverem filhos serão avós deles e não pais.

— Somos da turma moderna, não somos obrigados a casar e nem termos filhos. — Bastien apontou com sua cerveja para as primas. — Elas precisam casar primeiro antes de nós, não existe uma regra que as mulheres precisam ir antes dos homens?

— Casar é a melhor coisa do mundo, minha gente — Ricardo falou animado. — Entre nessa piscina você também!

— Falou o cara que está sem transar há vários dias. Ou seriam semanas? — Guido falou baixo e nós rimos, incluindo Ricardo. — Estou bem assim e garanto meu momento duas vezes na semana ou mais.

— No dia que vocês se descobrirem pais, vão saber que casar é muito mais que isso! — Ricardo virou em direção a nossa avó e gemi internamente pelo o que viria. — Vó, a senhora não acha que eles precisam casar logo?

— Cala a boca, cara! — Bastien resmungou e vimos a matriarca sair da sua cadeira e caminhar com dificuldade até nossa roda, apoiada por uma bengala. Por causa do sobrepeso e problemas de articulações que tinha, se

locomover era muito custoso. — Vó, não dá moral para o que seu neto está falando. Tomou uma latinha de cerveja e já está bêbado.

— Meus filhos, vocês precisam se acalmar. Até quando vão ficar com essas mulheres que não querem saber de nada na vida? — Ricardo segurou a vó e ela nos encarava com o cenho franzido.

— Tempos modernos, vó. Se a mulher não é obrigada a casar e ter filhos, o homem também não! — Guido provocou.

— E vão me deixar com menos bisnetos que netos? Não foi dessa forma que criei suas mães e seu pai — vó Cida olhou para mim quando falou o último —, vocês precisam formar uma família. Quem vai cuidar de vocês na velhice?

— O Leo vai cuidar de todo mundo, é o mais novo — Bastien brincou.

— Ter uma mulher para ditar o que você precisa ou não fazer dentro de casa, uma filha que não te deixa assistir televisão ou olhar o celular com tranquilidade, é a melhor coisa do mundo! — Ricardo levou uma bengalada na perna e controlou o riso. — Eu sou o casado, vó, por que me bateu?

— A esposa cuida de você e os filhos são presente de Deus. Eu não aceito que meus netos fiquem falados na cidade por não darem conta de segurar uma mulher.

— Para que segurar uma se podermos ter todas? — Leo chegou colocando Clarinha no chão, que correu para a mãe.

— Essas mulheres da vida estão só esperando para roubarem seus dinheiros e te darem uma noite. E aquela que fará a diferença na sua vida? — Ela apontou para a mesa onde a maioria da família estava sentada. — Vocês só têm isso porque meus filhos aceitaram o chamado de Jesus e criaram suas próprias famílias. Estarmos presentes nas festas é muito mais do que beber e comer, mas criar memórias e fortalecer as energias. Cada um que está aqui faz a diferença na vida do outro, cada criança que nasce é um momento de renovação na família inteira. Estou errada?

— Putz, vó, pegou pesado — Guido falou olhando para mim com desespero. Sim, apesar da forma arcaica de se pensar, havia um fundo de razão, o que não me agradou.

— É questão de vocês pararem de ir para os bares e assistirem uma missa — Ricardo colocou mais lenha na fogueira.

— Nós vamos na Miça^u, uma vez por semana — Bastien falou e tomou um gole da cerveja. Esse era um dos bares que frequentávamos, com seu nome capcioso.

— Eu sei que tem um boteco com esse nome, sua avó está velha, mas conhece as coisas. A próxima reunião de família quero ver vocês tomando jeito.

— Ah, que bom, vó. Eu já cansei de falar para Frederico e Leonides pararem com esse troca-troca de mulher. Não foi assim que os criei — minha mãe entrou na roda, revirei os olhos e tomei toda cerveja em apenas um gole. Se existia uma pessoa exagerada, essa era a dona Bety.

— Mãe, menos — Leo resmungou e saiu de perto com Bastien.

— Minha filha, você não poderia ter deixado eles saírem de casa sem antes casar. Agora são filhos do mundo, jogados — vó Cida comentou chateada e foi a vez da minha mãe levar bronca. Que bola de neve!

— Viu, Ricardo, culpa sua. Se casar me deixará chato como você, vou continuar solteiro — falei divertido e aborrecido ao mesmo tempo.

— Sabe que faço meu melhor para te trazer para o lado negro da força — ele não perdia a piada e muito menos se ofendia. Guido saiu de perto de nós e Ricardo levou nossa avó de volta para a sua cadeira.

— Vocês tomam suas atitudes, depois quem sofre as represálias da sua avó sou eu — minha mãe falou baixo para mim e a encarei descrente por achar que ela estava levando tudo muito a sério. Tudo bem, era sua sogra, mas ela tinha mais tempo de convivência do que eu, deveria saber filtrar os exageros da vó Cida.

— Mãe, se eu não estiver a fim, não vou namorar nem casar. Não me incomodo com as coisas que a vó fala, a senhora também tinha que fazer o mesmo.

— Fácil falar quando a vê apenas uma vez a cada quinze dias ou menos. Pare de ser egoísta e tome jeito na vida!

— Lavando roupa suja em plena festa de família? — Balancei a cabeça em negativa. — Tenho um bom cargo em uma Concessionária de Automóveis, comprei uma casa e um carro com meu dinheiro e nem cheguei nos trinta anos. Você preferia que fosse casado a ser bem-sucedido?

— Poderia ser as duas coisas, mas prefere mijar seu dinheiro, só compra bebida e solta tudo no vaso. Em casa a gente conversa — ela falou e saiu de perto de mim. Tive que rir, porque ir na sua casa não estava nos meus planos pela semana, ainda mais com esse assunto estando tão fresco.

Não tinha problema de relacionamento com meus pais, pelo contrário, o apoio deles me ajudaram a conquistar muitas coisas, mas quando o assunto era casamento, ter filhos... parecia que nada estava bom.

Olhei para a reunião de família e a conversa da minha avó veio na

minha cabeça. Essa reunião só existia, porque meus pais decidiram formar uma família, meus primos só existiam, porque os pais deles decidiram formar uma família.

Larguei a cerveja em um canto e resolvi sentar perto dos meus tios, que falavam de futebol, um assunto mais seguro no momento, já que minha mente e algo dentro de mim começava a se remexer e não gostava nada disso.



Capítulo 3

Fred

Como tudo o que a gente tentava evitar acontecia, precisei ir até a casa dos meus pais para ajudar com a troca de um ventilador de teto. Meu pai, sempre à serviço da minha mãe, ao invés de pagar alguém, fazia tudo por conta própria.

Passei na minha casa depois do meu expediente, troquei de roupa e fui até lá mentalizando que minha mãe não falasse na porra de casamento. Confesso, o que minha avó tinha falado me abalou um pouco, e depois que sonhei que cada tio estava em um canto olhando para mim de forma acusatória e a construção do Haras estava toda destruída, acordei assustado e pensando que estava fazendo algo de errado.

Seria mesmo real que eu estava contribuindo para a destruição das reuniões de família?

Parecia exagero, ainda mais que nunca levei essas cobranças a sério, mas havia sido a primeira vez que minha avó falou dessa forma, colocou todo o legado da família e as confraternizações que tanto prezava em jogo.

Perturbado. Estava incomodado e precisava de paz para que esse assunto morresse, por isso evitar minha mãe ou avó por uma semana ou mais era necessário.

Bem, pelo jeito, isso não aconteceria nessa semana.

Entrei na casa dos meus pais e fui direto para o escritório, onde meu pai estava montando o ventilador de teto em cima da mesa.

— Oi, meu filho, me dê uma mão.

— Vim trazer duas, pai. Tudo bem? — Segurei o fio que ele me indicou e aproveitei para mexer em um parafuso.

— Tudo bem, só sua mãe que parece atacada essa semana. — Ele riu baixo, quem o via dizendo não entenderia que o ataque da minha mãe não tinha graça nenhuma.

— Só espero que não sobre para mim. Você não me trouxe para receber chumbo, certo?

— Ela é sua mãe, Frederico, tem que aceitar do amor até a dor.

— Meu filho, nem veio cumprimentar sua mãe! — Dona Bety apareceu no escritório e beijou minha bochecha.

— Vim direto para o trabalho, mãe. Por que mesmo não contratou alguém para colocar esse ventilador?

— Porque seu pai sabe fazer isso. O dinheiro não dá em árvore, Frederico.

— Meu Deus, se estão com tanta dificuldade, eu pago — falei indignado e meu pai balançou negativo a cabeça. Oh, droga, falei besteira.

— E desde quando os filhos têm que pagar algo para os pais? Quando você tiver os seus próprios, saberá.

— Tudo bem — falei seco.

— E Alexia, como está? Já parou de enrolar a moça?

— Mãe, você sabe que a considero como uma irmã! — Mordi a língua para não dizer que o real interessado na minha amiga era meu irmão. Revelar tal coisa seria muito pior do que ter esse incômodo sobre casar para continuar com o legado da família.

— Eu vejo nos olhos dela, Frederico. Ela gosta de você.

— Mãe, não envolva Alexia no meio desse rolo. — Chutei de leve a canela do meu pai. — Vamos por esse ventilador ou não?

— Está quase pronto, meu filho. Termine de conversar com sua mãe, está interessante esse assunto — falou com humor.

— Até seu pai concorda, Fred! — Ela apontou com a mão aberta para meu pai. — Você precisa casar, meu filho. O que sua avó disse no Haras é verdade.

— Tem razão — soltei sem pensar e ela abriu a boca sem dizer nada. Quando não queria discutir, só falava o que ela queria escutar.

— Só está dizendo isso para encerrar a discussão.

— Exatamente — confessei ajudando meu pai a carregar o ventilador e juntos, saímos do escritório.

— Reflita sobre isso, meu filho. Por que não tenta se envolver com uma mulher ao invés de apenas se divertir? É diferente, as pessoas não vieram para o mundo para serem sozinhas.

— Sei disso, mãe, por isso prefiro esses envolvimento rápidos — respondi assim que chegamos no quarto de visita. A escada já estava no lugar.

— Como as mulheres se sujeitam a isso?

— Da mesma forma que os homens o fazem. Acho que depois de tantos anos e séculos obrigando os outros a casar, minha geração só quer seguir a vida desobrigados.

— Tente, Frederico. Uma coisa é certa, todas que passaram por você, nenhuma era a sua cara metade. Quando a mulher certa aparecer na sua vida, não vai existir esse discurso de envolvimento rápido e desapego. Você nem perceberá como ou quando, só estará comprando presentes e estendendo um tapete de rosas por onde ela passará. — Sorriu como se soubesse o segredo do universo. — Além do mais, sua avó quer bisnetos, eu quero netos.

— O que é isso, uma profecia? Por que não cobra do Leo? — reclamei erguendo o ventilador e vendo o sorriso divertido no rosto do meu pai.

— Seu irmão é muito mal-humorado e não estamos falando dele, mas de você. Conheça uma pessoa diferente, dê uma chance para conhecer sua vida e sua história antes de ir para os finais. Vamos, filho, por mim!

Não saberia dizer se foi o tom ou se finalmente a insistência dela me fez ceder. A questão era que, pedido de mãe, como súplica, era pior que ordem. Aprendi a respeitar meus pais e sim, eles tinham poder sobre mim, ainda mais quando chegavam nesse ponto.

— Você venceu, mãe — falei derrotado, meu pai assumiu o ventilador e encarei minha mãe. — Vou dar uma chance. Satisfeita?

— Evite as feitas pelo cirurgião plástico, sei muito bem das siliconadas que anda com você pelas fotos das redes sociais. — Ela parecia radiante e tentava esconder. Manipuladora? Sim, mas que mãe não era? — Vai ter o aniversário de uma amiga minha, venha comigo e conheça sua filha.

— Eu escolho, mãe. Não sou obrigado!

— Tente ir em um dos grupos de oração que sua avó faz parte, ou mesmo no shopping! Conheça sua vida, suas expectativas e então, nos apresente. Se não der certo, entrego você e suas aventuras na mão de Deus. — Ela beijou meu rosto e saiu do quarto falando: — Estou fazendo janta, fique para comer.

— Ela consegue tudo o que quer, meu filho. Achei que já tinha aprendido — meu pai falou divertido descendo da escada.

— Como o senhor aguenta mesmo? — perguntei olhando para o ventilador.

— É amor, meu filho. — Ele apertou o interruptor e o ventilador funcionou. — Tem momentos que a felicidade do outro é a sua. — Bateu no meu ombro. — Vou tomar um banho para jantarmos juntos.

Quando sentamos os três à mesa, o sorriso da minha mãe para o meu pai estava diferente. Um brilho maior e mais intenso dos seus olhos, apenas porque meu pai fez algo que ela pediu, parecia um enigma para mim, mas serviu para solidificar o que precisava, pelo menos, tentar o que minha mãe pediu.

Que mal faria?



Capítulo 4

Fred

Depois de uma noite memorável com a mesma loira do final de semana, virei meu corpo para encará-la deitada. Elis não parecia preocupada em saber como estava, tão focada em respirar e olhar para o teto suspirando. Era pouco mais de meia noite e já estávamos na segunda rodada. Acordaria cedo amanhã, mas bem motivado pelo exercício feito.

Era meio da semana e a conversa da minha mãe martelava minha cabeça a toda hora. Sabia quealaria besteira, mas precisava saber a opinião de alguém que estava fora da família antes de me abrir para esse novo universo que seria ter um relacionamento e, claro, Elis poderia ser uma oportunidade.

— Elis, você pensa em casar? — A tensão e os olhos arregalados mostraram que eu a assustei.

— Pensei que nosso lance fosse apenas nós três, eu, você e a cama. — Ela se levantou e foi pegando suas roupas pelo meu quarto. Merda, ela entendeu que eu queria algo sério com ela? Mas espera um pouco... por que ela não queria algo sério comigo? Por que eu estava preocupado com isso?

Por que falei casamento ao invés de namoro?

— E se eu quisesse mais? — questionei sentando na cama observando-a se vestir com pressa. — Você sabe, para tentarmos um relacionamento...

— Obrigada, Fred, mas dispensio. Não quero ser corna.

— O quê? — Senti-me ofendido e levantei da cama em busca das minhas roupas. — Eu sou fiel!

— Tão fiel que nunca namorou. Conheço o seu tipo e acho que nosso tempo já deu. — Terminou de se vestir e foi para a sala.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Nunca namorei, porque nunca quis. Mas pensei que nós poderíamos...

— Tentar? — completou com ironia. — Você é um galinha, Fred. Cada noite com uma mulher e para o momento, já que meu ex-namorado me deu um pé na bunda, você servia. Não quero nada sério.

Vi a mulher pegando sua bolsa e indo embora com uma parte do meu orgulho. Eu servia apenas de estepe? Quantas deram para mim apenas porque sabiam que eu não queria algo sério?

Como ela sabia que eu pegava uma diferente a cada noite? Essas

mulheres conversam, que merda. Estava fodido, não conseguiria ninguém para tentar um namoro do jeito que fiz minha fama!

— Elis, eu posso namorar. É igual trabalhar, alguém terá que me dar uma chance para poder fazer direito.

— Bem, querido, não será comigo. — Apontou para o braço esticado na maçaneta da porta. — Arrepio de medo só de pensar que Frederico Saad quer namorar comigo. — Olhou-me dos pés à cabeça. — Teria orgulho de desfilar com você, mas duraria segundos, já que me trocaria pelo próximo rabo de saia que se esfregasse em você.

— Caralho, você está me matando aqui! — falei chateado e percebi que estava apenas de cueca boxer.

— Se eu quisesse namoro, você saberia pelo meu interesse na sua vida pessoal e o quanto queria compartilhar da minha. Sabe em quê sou formada? O nome dos meus pais? Minha comida favorita?

— Tenho que ter uma lista de perguntas para mostrar meu interesse inicial? Cadê a oportunidade para os iniciantes no assunto?

Ela riu, abriu a porta e acenou.

— Boa sorte na sua busca, Fred.

A primeira coisa que fiz quando a porta se fechou foi pegar o celular e ligar para minha amiga, que era praticamente só minha irmã e não de Leo. O tanto que Alexsandra gostava de mim, ela odiava meu irmão. Não a culpava, já que ele não fazia questão nenhuma de ser compreensivo com ela e suas manias.

Só eles que não sabiam, mas de alguma forma se gostavam através do ódio.

Alexia, como a chamava, não gostava de contato, carinho ou que a encarassem por muito tempo. Como um animal arisco, ela preferia distância e palavras sem duplo sentido, diferente do estourado do meu irmão, que no momento que ela se ofendia com algo, ele ficava ofendido em dobro.

Conheci-a em um dos Pubs que estava, ela parecia bem fora de contexto e depois de pedir para o cara parar de esbarrar nela pela quinta vez, antes que ela o agredisse, intervi, paguei uma bebida e a tratei como um amigo.

Demorei muito tempo para formar uma amizade com ela e assim que conheci seus pais e fui aceito na sua família, ela começou a me tratar com mais abertura e até fazer alguns caprichos meus.

Com certeza passou maus bocados na vida, seu jeito muito fechado era algo a ser estudado, mas nunca fiz qualquer questionamento sobre isso. Para

mim, ela servia sendo o que era.

Ou não?

Elis me deixou mais dúvidas e quando a voz sonolenta de Alexia soou no telefone, disparei a falar:

— Primeiro de tudo, sabe que te amo como uma irmã. Nunca perguntei nada da sua vida ou outra coisa, porque... droga, sei que você odeia falar sobre você ou qualquer mania que tem, Leo já fez o favor de mostrar isso quando te perturbou pela questão do contato físico.

— *Fred, o que está acontecendo? São mais de meia-noite...* — resmungou.

— Enfim, o que quero perguntar não tem nada a ver com você. Não quero te assustar, está bem? Eu sirvo para namorar? Não, preciso saber se sirvo para casar!

A ligação ficou muda e segundos depois, um riso forte soou do outro lado.

— *Oh, céus, sua mãe está te perturbando de novo com o assunto de casamento? Espero que não seja comigo como da outra vez que fui na sua casa, já falei para avisar que sou gay!* — E sim, tinha isso, minha amiga se declarava gay, mas sabia que era apenas uma estratégia para manter os homens longe. O motivo? Nunca saberei, ainda mais agora que meu foco era outro.

— Prometi a dona Bety que me abriria para relacionamentos. Tentei começar algo com a Elis, mas ela falou que sou muito galinha. Porra, no dia que eu quisesse namorar e casar de verdade, serei julgado pelo meu passado? Isso não quer dizer que irei trair.

— *Quem é Elis?*

— A mulher que peguei no bar no final de semana e hoje. Mas quando falei em casamento, a mulher saiu de casa como um furacão!

Alexia ria mais e mais, o que estava me deixando irritado.

— Porra, liguei para pedir ajuda!

— *Pedir ajuda, à meia-noite, para amaciar seu ego de dono do galinheiro?* — falou tentando controlar o riso. — *Foda-se quem não gosta de você, Fred. A mulher da sua vida não vai se importar se você pegou uma ou 100, vai querer apenas o seu amor. Você está procurando no lugar errado.*

— E se ninguém gostar de mim? — Sentei na cama e suspirei. — Minha avó falou umas coisas, depois minha mãe... estou um pouco perturbado e irritado ao mesmo tempo. Eu quero continuar com a família, com as reuniões e

tudo mais. Não quero destruir o legado deles.

— *Você sabe que tem uma família muito tradicional, não vai conseguir agradar, ainda mais que você, senhor rebelde, não usa gravata. Para casar, você precisa usar uma, se não lembra.*

— Caralho, se eu casar sem gravata vou deixar todo mundo surtando — falei mais calmo e uma ideia surgiu na minha mente. — Ah, eu poderia muito bem pagar alguém para ser minha namorada e fingir um noivado. Daria o troco para me deixarem em paz e quem sabe, a próxima namorada não ache que não sei ser fiel. Minha mãe falou que eu precisaria tentar uma vez só, está ótimo assim.

— *Você vai se dar ao trabalho de gastar dinheiro, porque foi incompetente de encontrar uma mulher para gostar de você? Não, Fred, você é mais competente que isso.*

— Obrigado por ser tão direta, Alexia. Adoro seus sábios conselhos — falei com ironia.

— *Esses são os conselhos depois da meia-noite. Só esqueça isso, você vai casar na hora certa, com a pessoa certa.*

— E você, vai casar no tempo certo também? — perguntei por impulso e o suspiro resignado me mostrou que ultrapassei o limite.

— *Eu não estou na discussão. Quer fazer algo sobre essa pressão de casar? Faça! Escolha alguém que não seja do seu círculo de pegação e que tenha um passado longe do seu. Você nem sabe se sua família vai gostar ou não, o quanto você precisará lutar para que esse enlace realmente dê certo.*

— Quem diz enlace hoje em dia, Alexia?

— *As leitoras de romances de época. Coloca a cabeça para funcionar e me deixa dormir. Tchau.*

Sim... encontrar alguém para realizar um enlace parecia mais improvável do que ganhar na loteria. Só que não fugiria desse um desafio, ainda mais quanto envolvia um pesadelo, palavras de uma avó, a profecia da minha mãe e a rejeição da Elis.

Foi com esse pensamento que dormi e a ideia se solidificou no meu inconsciente.



Capítulo 5

Fred

Era depois do expediente, a reunião com os gerentes de vendas ultrapassou o horário que gostaria, mas não tinha outra opção, muito menos outro horário. Mudanças estavam programadas, o dono da empresa não me expôs muita coisa, só comentou que precisava pressionar os funcionários para melhorarem as vendas.

Todos já se acostumaram com meu jeito despojado. Apesar de não usar gravata, sempre vestia camisa e terno, para estar bem apresentável para meus clientes e meus colaboradores. O humor? Era minha marca registrada, mas também a pressão psicológica suave.

— E aí, vamos para um *happy hour*? — o vendedor mais jovem da turma me convidou antes de sair da sala. Recolhi alguns papéis, coloquei na minha pasta e neguei com a cabeça. Estava com outros planos.

— Obrigado, vai ficar para a próxima. Tenho outro compromisso.

— Decidiu se vai comprar uma Harley ou uma moto esportiva? — Ah, essa era outra pressão que eu sofria. Apesar de ser um homem que trabalhava com automóveis, meu círculo de colaboradores e amigos empresariais eram aficionados em motos.

— Por enquanto fico com a bicicleta — respondi divertido enquanto ele seguia para ir embora. Estava saturado da pressão social e familiar para ditar o que eu precisava fazer.

Bem, a família ganhou uma batalha, mas eu estava pronto para ir à guerra. Alexia não ajudou muito quanto a me acalmar, estava pilhado por conta dos últimos acontecimentos na empresa e estava disposto a mudar um pouco minha rotina, preocupado que essa tal mulher que mudaria minha vida aparecesse logo.

Um boteco perto da faculdade era a melhor opção para relaxar. Tinha certeza que lá não encontraria uma mulher que minha mãe reconheceria de longe sendo uma garota simples e a acolheria como se fosse filha. Não existiria mulher para que minha avó testasse seus dotes de cozinha e se saberia cuidar de mim. Porra, qualquer uma que eu levasse para conhecer minha família se assustaria, me aceitar era a parte fácil.

E se essa mulher tivesse um passado duvidoso, algo que deixasse

minha família arredia e me impedisse de casar? Tatuagens? Não, isso não assustaria dona Bety, apenas minha avó. Quem sabe uma ex-prostituta? Ou uma ex-presidiária?

Meu Deus, olha a direção dos meus pensamentos, de fugir de mulheres para cogitar encontrar uma!

Minha consciência pesou, havia prometido, mesmo que a contragosto, dar uma oportunidade. Estava disposto a gastar energia para fazer tal coisa? Sim, minha mãe pediu e isso era suficiente.

Ajudei o segurança da concessionária fechar a loja e segui em direção ao meu carro. Todo mundo merecia uma segunda chance na vida, eu mesmo merecia ser alguém que não fosse julgado pelo meu passado, ou melhor, pelo meu presente. Esses pensamentos tinham apenas uma direção, estar em um relacionamento e o quanto isso chocaria minha família.

Bem, só precisava mudar um pouco os ares para refrescar minha mente antes que agisse por impulso, uma característica minha quando minha cabeça estava nublada por conta de alguma situação que me tirava da zona de conforto.

Segui para um dos botecos que frequentei na época que estudava Administração, Copo Sujo. Tentei não pensar em nada, mas casamento, filhos e família tomaram conta de todas as sinapses dos meus neurônios.

Que loucura! Odiava o poder das palavras da minha mãe, pareciam profetizar sempre.

Quando estacionei o carro a uma quadra de distância do bar, senti um calafrio tomar conta do meu corpo. Sensação boa ou ruim, parecia que minha vida estava preste a mudar.

— Que exagero, você é Frederico Saad, ninguém te supera além de você mesmo — falei de forma motivacional para mim antes de sair do carro e o trancar. Tinha costume de falar sozinho, principalmente quando precisava de apoio moral.

Sem a jaqueta do terno, desabotoei os primeiros botões da camisa e a tirei de dentro da calça. Um visual mais despojado, até um pouco travesso. Observei os homens de mais idade sentados do lado de fora e quando entrei, lá estava quem eu queria, os jovens e universitários que matavam aula jogando sinuca e tomando cerveja.

Sentei no banco perto do movimento e analisei as mulheres. Porra, não havia nada que servia para mim, eram todas garotas, no máximo vinte anos. Uma olhou para mim com malícia e sorri divertido. Será que ela achava que eu sairia sem antes conferir sua certidão de nascimento?

— O que vai querer? — uma voz educada e feminina chamou minha atenção, mas estava focado demais em encarar a garota com a turma dela, por isso respondi sem a olhar:

— Uma Heineken long nek por favor.

— Tome cuidado, alguma delas são menores — a moça falou e finalmente a encarei. Bem, consegui ver suas costas e cabelos castanhos presos em um coque feito às pressas, porque ela já estava indo até o freezer pegar meu pedido.

Observando-a do balcão, vi com destreza ela colher mais alguns pedidos antes de finalmente voltar e deixar minha cerveja. Diferente de mim, ela não me encarou ou analisou, ela parecia não dar a mínima para mim, mas eu estava muito interessado nela.

Apesar da falta de maquiagem e cuidado com a aparência, ela tinha o tipo de força que as mulheres da minha família emanavam, aquelas que faziam mil e uma coisas ao mesmo tempo e não perdiam o rebolado, muito menos reclamavam que estavam cansadas.

Acabei esquecendo a novinha e me foquei na mulher atendendo seus clientes. Outros dois homens estavam trabalhando com ela e eles não pareciam nenhum pouco amigáveis.

Ela passou por mim para atender um homem ao meu lado e não me espiou, nem por um segundo. Sim, estava com meu ego ferido, principalmente porque estava fazendo minha pose mais promissora, aquela que deixava qualquer mulher babando por mim.

Espiei a garota universitária e pensei que uma diferença grande de idade poderia chocar tanto quanto as outras ideias que tive. Precisava de foco e ficar olhando a moça do bar trabalhar não me ajudaria em nada, ou melhor, nem conseguiria uma diversão para o final de semana.

Ousada, assim que o homem ao meu lado saiu, a garota deixou seus amigos e veio até mim, sentou no banco recém desocupado e sorriu abertamente.

— Oi, eu sou Elis.

Tentei evitar uma careta, porque esse nome me lembrava de outra Elis, que me frustrou profundamente.

— Sou Fred, prazer em conhecê-la, Elisa.

— É Elis! — ressaltou chateada e depois se recompôs com o sorriso. Porra, precisava fugir, não ia rolar. — Vi que estava me observando. Quer jogar sinuca com a gente?

Virei meu rosto para encarar a atendente do bar e seu olhar finalmente se cruzou com o meu. Bem, poderia ter sido apenas coisa da minha cabeça, porque não foi nem por um segundo, ela estava limpando o balcão com um pano e álcool.

— E aí? — a garota perguntou impaciente e com um sorriso de desculpas, a dispensei.

— Fica para a próxima.

— Cuidado com essa aí, é irmã de bandido — Elis falou apontando com o queixo para a atendente e isso me deixou surpreso. A pequena acreditava que eu estava interessado na mulher atrás do balcão?

Voltei a encarar a moça e nem me dei ao trabalho de prestar atenção na outra que foi dispensada. A atendente deixou um copo escorregar e antes de cair no chão, conseguiu segurar entre suas mãos e pernas.

— Você vai pagar pelo estrago no próximo desastre, Luana — o homem mais rechonchudo e mal-encarado falou e passou por ela passando a mão na sua bunda. Pela posição que ela havia ficado, facilmente pareceria que foi um mero acaso, mas eu estava vendo e isso ferveu meu sangue.

— Mais educação, homem! — falei quando o cara se aproximou, parou na minha frente e colocou as mãos na cintura.

— Se você é outro dos namorados dela, vá embora, senão quem vai para o olho da rua é ela!

Tivemos um momento de competição de encaradas, seu cheiro de suor e cerveja estava forte e quase fiz uma careta para isso. Quando ele desistiu, voltei a olhar para a tal Luana, que se aproximou sem olhar para mim.

— Eu não te conheço e nem sei porque quer enfrentar Joilson. Se puder ir embora, agradeceria muito — falou baixo e urgente enquanto tirava minha cerveja e limpava o balcão.

— Eu vou voltar — falei tirando algumas notas da carteira e sorrindo com ironia para a mulher com traços suaves e olhar acanhado. Ninguém me dispensava assim, sem uma batalha antes.

Mal a conhecia e não tinha intenção de trazer problemas. Se ela serviria para o que tinha em mente ou não com relação ao pedido da minha mãe, de me abrir a novas opções para saber se essa era a mulher da minha vida, não importava, porque agora estava curioso, precisava saber mais dela e nada me impediria.



Capítulo 6

Luana

Suspirei aliviada assim que aquele estranho atraente saiu. Mesmo que suas palavras dessem a entender que era uma promessa, estava acostumada a todos os homens me usarem e me iludirem. Já não mais me preocupava com o tombo que levaria, porque sabia que aconteceria.

Não existia final feliz para Luana banana, como era chamada na escola, pela família e por todos ao meu redor. Eu tinha coração mole, mas punhos de aço.

— Não traga mais seus namorados para o bar, Luana — mais uma vez me deu bronca e aproveitou para se esfregar em mim. Joilson era meu chefe, o cara mais nojento que já conheci e, infelizmente, estava amarrada a ele até pagar a maldita dívida que meu irmão fez antes de ir preso.

Todos no bairro sabiam da minha história, a pobre garota que pagava pelos erros dos homens de sua família. Primeiro foi meu pai, que fez uma dívida exorbitante na mercearia. Paguei com o dinheiro da faculdade e tive que trancar, me formar em licenciatura em Letras não era mais um sonho possível no momento. Segundo foi meu irmão, que não sabia ao certo qual era sua dívida, mas para que não o matassem na prisão, precisaria trabalhar por um ano, todas as noites, nesse bar.

Sim, eu poderia muito bem ligar o foda-se e deixar as coisas acontecerem, mas essa era minha família desajustada, criada sem uma mãe ou alguém que guiasse o caminho deles. Não conseguia fazer o papel materno para eles, mas poderia impedir que morressem por causa das imprudências.

Apesar do pouco tempo que tive com minha mãe, ela havia me deixado muitos ensinamentos e exemplos.

Perdi pouco a pouco minhas ambições e sonhos, ainda mais quando voltava para casa me sentindo suja a cada dia de trabalho. Meu pai era pedreiro, trabalhava de sol a sol e agora sem nosso irmão, quem ajudava com a casa era eu.

Com vinte e cinco anos, poderia estar formada e inclusive, quitado meu crédito estudantil, mas não, continuava andando em círculos enquanto era caixa de um supermercado pela manhã e tarde e durante à noite, nesse boteco.

Servi alguns clientes com meu costumeiro sorriso e tentei esquecer os

problemas. Sofria com meus infortúnios, todavia, escolhi viver um dia de cada vez.

Quando chegou meia-noite, encerrei meu expediente e apenas disse adeus para Joilson, que sempre me olhava com desgosto por sair antes do bar fechar. Ele sabia que mais do que isso estava fora da minha capacidade física, eu não tinha muitas horas de sono por dia e antes de ir para o bar, precisava limpar a casa.

— Oi gatinha — um dos bêbados da rua falou quando atravessasse a rua.

Ter um homem não estava mais nas minhas ambições. Casar e ter uma família ajustada se tornou um sonho longínquo e quando me deparava com bêbados como esse, lembrava do meu último namorado, o que enfrentou Joilson e quase quebrou o bar, porque me queria de volta.

Como eu namoraria se não tinha nem mesmo tempo para mim?

E, claro, tinha a questão que eu precisava fazer todos os sacrifícios para estar com ele e o meu ex não fazia nenhum por mim. Eu sabia sobre via de mão dupla, inclusive estava cansada de me doar mais do que recebia.

Depois de andar três quadras, cheguei em casa, encontrei meu pai dormindo no sofá e apenas desliguei a televisão. Tirei minha roupa, tomei um banho quente e esfreguei a bucha em todo o meu corpo, principalmente na minha bunda, onde a mão daquele nojento me tocou.

— É apenas um toque, foi apenas um toque — repetia para mim até que meu coração acalmava e não me achava um lixo.

Enxuguei-me com pressa, coloquei a camisola da Mulher Maravilha e me joguei na cama morta de cansada. Não precisava de nenhuma concentração para dormir, apenas fechar os olhos e suspirar.

Faltava menos de um ano para me livrar dessa vida.

Tomei um grande gole do café recém passado pela representante de uma das marcas do café no supermercado e comecei a trabalhar no caixa. Diferente dos outros dias, das outras pessoas que passaram na minha vida, o tal estranho charmoso se tornou uma memória viva.

Enquanto trabalhava e passava as compras dos clientes, era imaginando vários cenários com ele que gastei meus pensamentos. Estava tão sonhadora que parecia até que estava vendo o tal... mas diferente do que almejava, ele não estava comigo, mas acompanhado de uma jovem e bonita mulher.

— Obrigada por me salvar e agradeça sua mãe também, ela é uma santa! — a moça falou e eles foram para o caixa atrás de mim. Prendi a respiração quando o cheiro irresistível dele invadiu minhas narinas.

— O que minha mãe não sabe, alguma tia ou avó saberá. Saber cozinhar é quase um pré-requisito para fazer parte da família.

— Você é muito sortudo por trabalhar em um lugar onde é possível largar tudo e vir no mercado com sua irmã — ela falou e soltei um suspiro alto, chamando atenção do cliente conhecido. Encolhi meu corpo, ainda mais quando senti alguém se aproximar de mim. — O que você está fazendo, Fred?

— Luana? — percebi que sua boca estava próxima demais do meu ouvido e fechei os olhos, achando que isso iria passar a qualquer momento. O destino não seria tão sacana comigo, ou seria?

Muitos já correram atrás de mim, não por gostarem, mas porque eu me tornava um desafio, ainda mais quando o dispensavam antes de lhes darem um beijo. Custava entender que eu não tinha tempo para isso?

— Moça, o caixa está aberto? — uma cliente me fez abrir os olhos e sorrir. Olhei de canto de olho para trás e lá estava o homem me encarando e a sua acompanhante, sorrindo divertida.

— Bom dia! O pagamento será feito no cartão da loja? — cumprimentei e fingi que existia apenas a mulher a minha frente.

— Sou eu, estava no bar ontem, lembra de mim? — Ele tocou meu braço e senti um calor excessivo na pele e nas minhas regiões baixas.

— Ah, oi! — falei sem graça e voltei a atenção no que estava fazendo.

— Fred, ela não quer falar com você, está fingindo que não existe — a irmã dele falou e precisei virar minha cabeça para encarar os dois.

— Sim, ele existe e estou trabalhando. Não quero ser sem educação com os clientes.

— Então poderemos conversar? Que horas termina seu expediente?

Arregalei meus olhos, pedi desculpa para a cliente que estava atendendo e não dei mais bola para o homem que despertou meu interesse, mas não o suficiente para ir atrás. Eu não cedia tão fácil, mesmo que minha mente quisesse.

— Fred, você está tão acostumado com as mulheres indo atrás de você que não percebe um fora. Vamos! — A irmã pegou as compras e começou a seguir para longe. Passou pelo meu balcão e ambos me encararam sorrindo.

— Deve ser a maldição da Elis. Nenhuma mulher me quer mais — ele

falou divertido e não pude evitar de rir. Com certeza esse nome tinha a ver com alguém que lhe deu um pé na bunda. Claro, bonito e boa pinta como era, com certeza tinha um exército de mulheres querendo estar com ele, namorar ou casar.

Terminei de passar as compras e vi os dois irem embora do mercado.

— Eu acho que ele estava interessado em você — a cliente falou baixo e conspiratória para mim. Era tão engraçado e interessante o quanto as pessoas que passavam por aqui se sentiam íntimo de nós, nos davam conselhos ou bronca indevidas.

— Tenho muitas horas de trabalho para fazer antes de pensar em namorar — respondi de forma cordial e passei o valor da compra. — Qual a forma de pagamento?

— No crédito, por favor — falou colocando o cartão na máquina. — Ah, se eu fosse mais jovem. Eu me colocaria no seu lugar, já que não o quer.

— E se ele for daqueles que gosta de mulheres mais velhas? Está na moda!

— Ah, minha filha, meu tempo é outro, de curtir o marido, já que os filhos estão saindo de casa para ganhar o mundo — falou mostrando a aliança e colocando as compras no carrinho. Pegou seu cartão e acenou. — Obrigada.

— Obrigada e bom dia.

Observei a mulher seguir a mesma direção do tal Fred e voltei a sonhar com o estranho charmoso. Passei a mão no meu ombro e lembrei da coruja que tatuei alguns anos atrás, para representar meu amor pelos livros e estudos. Daria todos os Freds do mundo para poder ter tempo de voltar a faculdade.

Faltava menos de um ano.



Capítulo 7

Fred

— Você não tem limite, cantando a moça do caixa? — Alexia me repreendeu, mas estava segurando o riso enquanto íamos até meu carro com as compras tomadas de suas mãos.

— É a moça que vi no bar ontem, a mulher tem dois empregos, caralho! — falei destravando o carro e indo na direção da porta do motorista. Estava espantado e ainda mais curioso por essa mulher trabalhadora. Suas olheiras pareciam mais visíveis agora na luz do dia, o que não diminuiu sua beleza, só salientou minha admiração.

— Desde quando Frederico Saad se impressiona com habilidades que não envolvam beleza e performance entre quatro paredes?

— Pois é, desde quando?

Coloquei as compras no colo dela e liguei o carro para ir até sua casa. Era aniversário da sua mãe e Alexia pretendia fazer um prato especial árabe para ela, charuto, quibe cru e homus.

— E a pilha que você ficou com relação a pressão da família para ter um relacionamento fixo? Não brinque com moças certas, Fred — falou com seriedade.

— E quem disse que pretendo brincar? No dia que decidir ter um relacionamento sério, ela se casará comigo.

Enquanto eu sorria triunfante, Alexia me encarava com horror. Bem, para quem só me via pensar em uma noite, agora falando de casamento, mesmo que de brincadeira, deveria ser apavorante. Depois de um tempo ela suspirou, deu de ombros e olhou para a janela do carro pensativa.

— O que me consola é que a pobre Luana fingiu que nem te conhecia. Acho que ela tem um detector de roubada funcionando bem.

— Ah, então a senhorita escutou minha conversa, até decorou o nome dela. — Cutuquei seu ombro, o máximo de toque que lhe dava, por saber que ela não gostava. — Vou te dizer, não vou assumir de onde veio a motivação, mas estou curioso sobre ela. Já pensou, eu levando uma mulher na próxima reunião de família como minha namorada?

— Se for Luana, acho que todos vão amar. Que sogra não gostaria de uma mulher trabalhadora à caçadora de dotes? Indépende disso, seus parentes

ficarão chocados por você estar envolvido com alguém.

— Sim, tão chocados como deixo minha mãe ao não usar gravata com um terno completo. — Minha cabeça trabalhou rápido. — Imagina o quanto de perguntas farão para ela, será como num tribunal. Minha avó vai desconjurar ter uma neta postiça trabalhando em um bar. Ah, também quero ver se contará do irmão, escutei do pessoal do bar que ele está preso.

— Você não vai fazer a pobre coitada passar vergonha com seus familiares julgando o irmão e ela mesma. Isso já foi longe demais, Fred.

Parei o carro em frente à sua casa e como um furacão, ela saiu e a segui para dentro.

— Claro que não, Alexia. Eu serei o homem honrado que não se preocupará com o seu passado, mas o futuro. — Ri assustado. — Porra, estou falando como se já a considerasse certa e não que estou fazendo piada.

— Tem que pensar em tudo, Fred. Esqueça a brincadeira que existe dentro de você e leve com seriedade. E se o irmão bandido for te roubar ou sua família? Até agora eu defendi Luana, está na hora do advogado do outro lado falar também — rebateu enquanto tirava as compras das sacolas e trabalhava na cozinha com destreza. Apesar de não ser sua profissão, minha amiga/irmã adorava cozinhar e eu, adorava comer tudo o que ela fazia.

Parei no balcão, fiz uma careta, mas logo sorri. Alexia percebeu na hora o motivo da minha despreocupação com ameaças vindo do irmão bandido e revirou os olhos.

— Eu sou Leonides, sei atirar melhor que o Rambo — ela falou com deboche e ri por imaginar os dois discutindo sobre armas um dia. Meu irmão trabalhava com escolta especial, que incluía proteger um cliente de um destino ao outro, nada de vínculo de longa data. A verdade era que o trabalho dele era muito sigiloso e sabíamos pouco da sua rotina, só que ele tinha porte legal de armas e se exercitava muito.

— Você sabe, ainda acho que esse ódio de vocês dois tem a ver com amor enrustido.

— Dispensio qualquer amor vindo daquele filho da... — Ela tampou a boca e me olhou pedindo desculpas por quase xingar minha mãe. Dei de ombros, sabia que ela não tinha intenção e acenei adeus. — Obrigada e tchau!

Esse tipo de preocupação não me cabia, ainda mais porque tinha trabalho a fazer hoje até o final da tarde. Eram raros os sábados que conseguia folgar, mas sempre que dava eu escapava para tomar café da manhã com algum cliente, *test drive* ou socorrer Alexia, já que ela não tinha carro e só existia eu de

amigo.

Voltei para a Concessionária de Automóveis que trabalhava e tentei focar minha mente em duas coisas enquanto seguia com meu expediente. Puta que pariu, como as mulheres conseguiam fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo? Derrubei café, assinei um cheque errado e quase fiz um orçamento com valores menores do que o oferecido na tabela de venda.

Culpa de quem? Luana, a mulher que exalava poder apenas por fazer o que fazia, sendo cordial e centrada. Conhecia muitas pessoas, lidava com várias classes de trabalhadores e ali, naquela mulher, eu via um grande potencial, só não entendia o motivo dela estar tão abaixo do que poderia ter.

Será que era formada? O irmão realmente era bandido? E os pais, eram loucos e amorosos como os meus?

— Estou virando uma boneca — reclamei baixo para mim mesmo quando finalmente sentei à minha mesa e encarei os números do mês na tela do computador. Precisava desistir de dividir minha mente e pensar em Luana apenas quando saísse daqui, porque meu trabalho precisava de mim por inteiro.

E demorou. Chegava o Natal, mas não chegava o horário de encerrar o expediente e fechar a Concessionária.

Da mesma forma que havia feito no dia anterior, segui com a roupa de trabalho para o boteco e sem a jaqueta do terno, entrei e escolhi o mesmo local, o mesmo banco.

Identifiquei o exato momento que ela percebeu que eu tinha chegado e me surpreendeu por saber disfarçar o olhar em minha direção. A bandida me encarou no dia anterior, tinha certeza, só não consegui pegá-la em flagrante. Seu rosto corou e as mãos começaram a gesticular enquanto atendia os clientes.

Sim, pequena trabalhadora, eu também te vi.

Ela se aproximou olhando para o balcão. Assim que parou, me encarou e segurou a respiração antes de soltar falando:

— O que vai querer, senhor?

Não pronuncie em voz alta tudo o que você tem em mente Fred, brinquei na minha mente.

— Uma cerveja long neck. — Omiti a marca para comprovar se ela estava prestando atenção em mim ontem tanto quanto eu. Quando ela trouxe uma Heineken, meu sorriso se alargou. — Obrigado por trazer a mesma que pedi ontem.

Ela arregalou os olhos, virou para o lado e se afastou murmurando

algo baixo.

De uma coisa tinha certeza, eu a afetava tanto quanto ela a mim. Não sabia exatamente o protocolo de começar um namoro, então, seguiria os meus instintos. Precisávamos de um tempo a sós, faria o test drive para sabermos se teremos química e, se tudo desse certo, já faria a proposta de namoro. Com vinte e nove anos, essa seria minha primeira tentativa a algo sério.

Era estranho pensar dessa forma, mas também, a melhor ideia do mundo. Só esperava que ela não fugisse como a última assim que eu dissesse a palavra casamento.



Capítulo 8

Fred

— Ela está te atendendo bem? — O homem que se aproveitou dela no dia anterior apareceu na minha frente e não me reconheceu. O cheiro de álcool era forte e dessa vez, sua voz tremia um pouco. Meu sangue ferveu e precisei contar até dez antes que fizesse algo além de responder.

— Está tudo certo — meu tom era seco.

Olhei para os cantos e percebi que a turma da sinuca não era a mesma de ontem. Hoje havia homens vestindo jaquetas de couro de algum Moto Clube da cidade.

Voltei minha atenção para a atendente e memorizei todas as suas formas, além das manias. Corpo cheio de curvas indicava que ela não deveria seguir a moda muito menos fazer academia. Braços definidos caracterizava que carregava peso ou fazia muito trabalho braçal. Era ágil com as mãos e mesmo não tendo cabelo solto, ela passava a mão na franja e a colocava de forma imaginária atrás da orelha.

Ela passou por mim e dessa vez, me encarou por alguns segundos. Não pretendia sair daqui sem pelo menos seu número de telefone celular, precisava por meu plano em ação, até porque, meu interesse nela estava além do pedido da minha mãe. Então, com muita paciência, tomei minha cerveja, depois troquei para refrigerante e esperei o bar esvaziar até que anunciassem o fechamento.

Algo diferente e mais oportuno aconteceu, Luana anunciou que estava indo em voz baixa para o homem sebozo chamado Joilson e saiu para a rua. Rapidamente entreguei uma nota alta para ele, com o intuito de pagar meu consumo e corri atrás dela, que já estava virando a esquina.

— Hei! — gritei. Ela virou para trás e pela luz do poste vi seu olhar assustado. Só então percebi o quão louco e psicopata eu poderia parecer ao correr atrás de uma mulher nesse horário. — Desculpa, não queria assustar.

Continuei me aproximando e ela, com os braços cruzados a sua frente, me encarou receosa.

— Vai me perseguir? Não tenho dinheiro e não vou te falar aonde é minha casa — falou com voz trêmula.

— Não quero seu dinheiro, só quero te conhecer. — Ela fez uma careta e finalmente parei de andar, porque estava a poucos passos dela. — Olá, sou

Fred e... — Merda, o que falava depois? Normalmente, quem chegava conversando eram elas e não eu. Estendi a mão, mas ela não parecia interessada em retribuir o cumprimento.

— Bem, você já sabe meu nome e onde trabalho. O que mais você quer?

— Que tal irmos até um bar? — Ri sozinho da minha proposta, estava parecendo um idiota, ela trabalhava em um bar. — Desculpe, estou nervoso. Um café? Sushi?

— Desculpe se pareço grosseira ao dizer que não vou com você em nenhum lugar. Não tenho dinheiro, muito menos interesse em ter uma amizade. Por favor, não me siga mais.

Ela virou as costas e segurei seu braço por impulso. Minha mão quente no seu braço frio pela noite me deixou em choque, tanto pela sensação que trocamos, quanto por ela estar sem uma roupa adequada para a noite fria.

Olhei para mim, percebi que estava sem a jaqueta do terno para oferecer e me xinguei mentalmente.

— Me deixe te levar em casa então.

— Onde você mora que as mulheres ficam perto de você e aceitam tudo o que fala, assim, do nada? — Ela deu um passo para o lado e minha mão soltou seu braço. — Também não sou nenhuma prostituta.

— Sou tão ruim assim para paquerar? — perguntei jogando minhas mãos para o alto e soltando. — Sou Fred, meu pai é Amim e minha mãe se chama Bety. Tenho um irmão caçula, Leonides e não tenho animais. Só quero conversar, Luana. E se eu for o homem da sua vida?

— Se fosse o homem da minha vida não mentiria para mim na apresentação — falou chateada. — A mulher que estava com você no mercado não era sua irmã?

— Ela só não tem meu sangue, mas sim, é minha irmã. E antes que você diga qualquer coisa, ela odeia ser tocada e prefere que as pessoas achem que ela seja gay. — Esfreguei as mãos no meu rosto. — Caralho, falei mais coisa para você do que para meu próprio irmão, que acho que gosta dela, mas vivem de arranca-rabo. — Encarei-a com desespero, eu realmente queria saber mais dela, ainda mais que parecia tão resistente. — Por favor? Se não for hoje, me dê seu número de celular, a gente vai se falando por mensagem.

Ela suspirou, descruzou os braços e olhou para o céu.

— Anote meu número, amanhã eu não trabalho, mas hoje preciso dormir. Vamos combinar de nos encontrar em algum lugar, eu vou por conta

própria e você também. Sem caronas e que seja apenas uma — ela me encarou e falou pausadamente: — conversa!

Com o maior sorriso do mundo, peguei meu celular, anotei seu número e ousado, dei-lhe um beijo no rosto antes de me afastar andando de costas. Ela parecia atordoada por um momento, mas no outro, quase correu para longe de mim.

Ela tinha o gênio parecido com o das mulheres da minha família, talvez Alexia estivesse certa, iria acabar fazendo com que minha mãe e avó gostassem dela ao invés de eu mesmo chocar ao aparecer com alguém.

Voltei para o meu carro e guiei para minha casa pensando sobre minhas ações e o que faria a partir daqui. Iríamos nos encontrar no dia seguinte em um café, iria combinar no mais luxuoso da cidade e deixaria claro que seria tudo pago por mim, mulheres gostavam de ser independentes, mas também de serem mimadas. Ela disse que não tinha dinheiro, então, não poderia colocar isso como barreira entre nós.

Averiguaria melhor a situação do irmão, se era verdade ou não. Leo iria investigar a vida deles para mim e se fosse seguro, num segundo encontro, faria o test drive para depois propor um namoro. Seria uma tentativa, claro, mas só de pensar na minha família, já imaginava as perguntas sobre quando colocaria uma aliança no dedo dela.

Se não desse certo... droga, iriam botar a culpa em mim pelo término, ainda mais se eles gostarem dela. Porém, parariam de me perturbar, uma tentativa tiraria de mim o foco e passaria para outro primo.

Cheguei em casa pensando em abortar essa loucura, de brincadeira passou a ter muita seriedade. Precisava descansar, isso era fato, o que me ajudava a esquecer esses pensamentos sobre ter um relacionamento.

Entrei em casa, olhei para o sofá e nos vi deitados, nus, apaixonados, enquanto assistíamos algum filme que ela escolheu e eu odiava.

— Porra, isso é doença? — perguntei esfregando os olhos e a visão foi sumindo. Como a gente zoava Ricardo, casar significava não transar e longe de mim ter essa vida, meu pau precisava muito de atenção, demais.

Fui para o meu quarto, tirei minhas roupas e segui para o banheiro. Quando a água caiu nas minhas costas e fechei os olhos para que lavasse meu rosto, foi nela que pensei e visualizei seu rosto corado assustado por ter lhe dado um beijo.

Ninguém saberia mesmo. Antes de terminar meu banho me entreguei ao prazer que só minha mão e minha imaginação podia oferecer.

Essa mulher era muito perigosa. Queria ser seu predador, aquele que comandava a caça, mas corria grande risco de se tornar sua presa de tão enfeitiçado que estava ficando por ela.



Capítulo 9

Fred

Acordava todos os dias às cinco da manhã, um hábito que minha mãe conseguiu impor a família inteira.

Já havia corrido na esteira de casa, feito abdominais, apoio e assistido um pouco da programação da TV aberta. Havia desistido de ir no Postinho ver alguns amigos, a ansiedade tomou conta de mim como nunca antes. Quando comecei a mudar de canal sem procurar nada em especial, decidi que era hora de fazer algo sobre a mulher que despertava minha curiosidade.

Dez horas da manhã de um domingo era um bom horário para enviar uma mensagem para Luana, certo?

Fred>> Bom dia senhorita. Dormiu bem? Fred aqui!

A resposta demorou a vir e conferi o horário para ver se não estava cedo demais. Será que ela era uma dorminhoca? Para quem tinha dois empregos, domingo deveria ser o dia do seu descanso e de repor as energias.

Luana>> Olá perseguidor. Dormi como sempre, agora estou terminando de limpar a cozinha enquanto a roupa está sendo lavada.

Fred>> Você sempre faz mais de uma coisa ao mesmo tempo?

Luana>> Se essa pergunta teve duplo sentido, prefiro não responder.

Sorri para sua tentativa de me cortar. Tinha acordado mais do que disposto de iniciar algo com ela, ter mais do que um encontro, ou seja, dificilmente conseguiria me dissuadir com apenas palavras.

Fred>> E nosso encontro, está de pé?

Luana>> Vou me atrasar um pouco, tive um imprevisto e só poderei sair de casa quando tudo estiver limpo. Pode ser às 16 horas?

Fred>> Contanto que você vá, poderia ser até meia-noite.

Luana>> Exagerado. Tenho certeza que não valho tanto esforço assim, mas tudo bem. Onde iremos?

Fred>> Que tal eu responder se você vale o esforço ou não depois que experimentar café nos seus lábios?

Luana>> Prefiro café do que uma comida mais pesada, boa escolha.

Desconversou, que frustração!

Fred>> França Café, eu convido, eu pago.

Luana>> Vai pagar mesmo, porque no fim do mês eu só tenho dinheiro para o almoço e olhe lá. Não querendo ser interesseira, sabe...

Fred>> Posso te buscar também, não gostaria que gastasse mais do que o necessário.

Luana>> Tenho o vale transporte, não se preocupe. Agora preciso voltar, senão vou chegar meia-noite e então saberemos se suas palavras foram jogadas ao vento ou tem fundamento de verdade.

Ah, se ela soubesse que as duas coisas.

Larguei o celular e fui me aprontar para ir almoçar nos meus pais. Domingo era dia de reunião familiar, apenas em raros momentos que passava o dia de descanso sem estar na casa onde me criei.

Quando cheguei, minha mãe estava fazendo o almoço, lasanha com o molho italiano especial da sua família.

— Oi mãe! — cumprimentei beijando seu rosto.

— Oi meu filho, como foi sua semana? Conseguiu sair para conhecer outras pessoas?

— Podemos não falar nesse assunto hoje? — *Até porque, estou com um plano em ação e qualquer coisa que a senhora diga poderia mudar minha opinião*, completei na minha mente.

Saí da cozinha sem esperar sua resposta e fui atrás do meu pai, que estava nos fundos mexendo com o jardim, já que o barulho do cortador de grama podia ser ouvido.

Observei o homem com muitos cabelos grisalhos e postura curvada executar um serviço que não gostava tanto, mas que fazia pela minha mãe. O que levava um homem a deixar sua liberdade de lado para fazer o que o outro gostava?

Ele virou o corpo, me viu e desligou a máquina para me cumprimentar.

— Oi meu filho. Como você está?

Aproximei, cumprimentei com um toque de palmas e depois um abraço rápido, já que ele estava muito suado.

— Só você mesmo para aguentar as ordens que a mãe dá. E suas costas e lombar, como estão?

— Cada um tem a esposa que merece, meu filho. Mulher feliz, casa feliz. Se a vida fosse fazer apenas o que a gente queria, seria muito sem graça.

— Sei como o senhor não gosta de mexer com essa máquina, porque no outro dia o senhor estará tudo travado. — Dei passos para trás.

— Quem disse que não gosto? Faz parte do relacionamento tanto quanto eu faço minhas exigências para sua mãe, mas você não vê. Quando você encontrar uma mulher para namorar, vai entender pelo menos metade do que passo com sua mãe. A outra metade, só quando casar.

— Até o senhor? — reclamei com ironia, mas sabia que meu pai não forçaria o assunto, ele era muito tranquilo com relação a pressão da família.

— Eu não disse nada — rebateu sorrindo, voltou a ligar a máquina e continuou o serviço.

Voltei para a cozinha e preferi deixar minha mãe entretida com o almoço antes que ela voltasse a falar sobre casamento.

Sentei no sofá, liguei a televisão e encontrei um canal onde passava um seriado sobre uma mulher que trabalhava como atendente de bar. Claro, era americano e tinha toda a maquiagem que a história exigia, mas não me deixou de lembrar de Luana e aquele chefe idiota.

Fazia exercícios em casa, ficava mais em pé do que sentado durante o meu expediente de trabalho e imaginava um pouco do que Luana passava. Será que ela toparia minha proposta? Talvez, se oferecesse uma carona, ou alguma ajuda financeira...

Isso, idiota, ofereça dinheiro e a torne uma prostituta. Se ela tinha dois empregos que normalmente não pagavam bem, com certeza vender o corpo nunca foi uma opção, senão teria feito desde o início e sofreria menos com o trabalho excessivo.

— E aí, Fred. — Meu irmão me cumprimentou com um toque de sua mão e segurei-a para ver seu punho machucado.

— O que foi isso, cara?

— Minha noite foi tensa — respondeu sentando na poltrona a minha frente e apoiando a cabeça no encosto. — O pessoal pediu reforço em uma missão e fui à paisana.

— E isso aí é legal? Até quando vai fazer esses trabalhos clandestinos? — questionei baixo e ele deu de ombros.

Leo tinha alguns colegas que faziam parte de uma força tática, de elite, contra os assaltos aos caixas eletrônicos e bancos. Eles estavam sempre pedindo que meu irmão ajudasse, por causa dessa sua tara em ação e claro, seus contatos que mais pareciam cabelo de freira, ninguém viu, só sabia que existia.

— Vou com eles, mas volto por conta própria. Sempre dá tudo certo, você sabe. — O filho da mãe sorriu. — Eu sou bom.

— Você faz o que quiser da sua vida, mas se lembre que o homem com uma arma na família é você. A mãe vai ficar espumando se souber disso.

— Disso o quê? — Dona Bety apareceu na sala com um pano de prato nas mãos.

— Que não usei luvas para treinar na academia — Leo falou erguendo a mão e minha mãe fez uma cara de choque. — Oi mãe.

— Não acredito que vou ter que comprar um par de luvas e deixar na academia para você usar. Quantas vezes falei que isso pode infeccionar, Leonides?

— Menos que os pedidos para que Fred se case. — Olhei para meu irmão com ódio e quase contracenamos uma cena da nossa adolescência, onde ele me provocava, eu fazia o mesmo e saíamos na porrada.

— E como vai o Reinaldo? Já decidiu sair do armário? — Retruquei a provocação. Seu olhar foi mais irritado que o meu, ainda mais que estava desenterrando uma briga antiga, sobre sua orientação sexual. Diferente de todos, ele era o único que não exibia as mulheres que pegava.

— Quero um domingo de paz. Vocês dois se comportem, ou vou encontrar aquele chinelo para dar na bunda de vocês — minha mãe soou irritada e fomos juntos sentar à mesa.

Enquanto o silêncio imperava e os olhares provocativos estavam sendo trocados, esperamos nossos pais para iniciar o almoço e mais uma vez me peguei questionando o real motivo para alguém se sacrificar para querer agradar seu companheiro. Que sentimento era esse que dominava? Por que era tão poderoso?



Capítulo 10

Luana

Atrasada!

Iria pegar um Uber para chegar até o França Café, mas a bagunça que meu pai deixou para que eu arrumasse hoje me desestimulou a qualquer gasto fora do provisionado.

Todos os copos e pratos estavam quebrados. O armário suspenso caiu, porque meu pai achou que o saco de arroz coubesse ali. Bem, perdemos a louça e também, o arroz que deveria durar um mês.

Já não o criticava mais, muito menos dava bronca. Desde a morte da nossa mãe que ele se sentia inútil, descartável e incapaz de amar. No início chorava muito, brigava e ajudava a colocar sua moral mais para baixo. Em um dia de cansaço, quando não o critiquei, apenas limpei sua bagunça e o acalmei, a tensão que ficava durante a semana desapareceu e assim escolhi viver.

Meu irmão nunca estava em casa, não dormia, no máximo tomava banho e comia quando existia algo na geladeira quando aparecia. Não pude ser sua mãe, queria muito viver minha vida e sair da miséria que estávamos. Sei que seu envolvimento com o mundo do crime tem a ver com esse abandono e às vezes, me sentia culpada.

Será que se eu fizesse outro papel, ele mudaria? Sabia muito bem que ficar pensando como deveria ser não ajudava em nada. Minha mãe foi muito sábia em me ensinar a olhar para mim antes de tudo e que cada um era responsável pelos seus atos.

Por incrível que parecesse, não sentia tanta falta da minha mãe, porque sentia sua presença toda vez que agia como ela, respirava antes de falar e era compreensiva, mesmo que quisesse explodir.

Saí do ônibus como um furacão e caminhando rápido, entrei no França Café com mais de meia hora de atraso. Não enviei mensagem, porque queria, do fundo do meu coração, que ele esquecesse de mim e não falasse mais comigo.

Fred era o tipo de homem que toda mulher sonhava em estar junto. Eu sabia a verdade, nenhum homem servia para mim, não antes de concluir essa sentença para o meu irmão.

Lá estava ele, olhando para mim, com um sorriso forçado. Estava nítido que não gostou do meu atraso sem ser aviso e eu me importava por isso,

só não demonstraria, até porque, fiz de propósito não enviar uma mensagem.

— Olá! — cumprimentei quando me aproximei, ele se levantou e trocamos um beijo no rosto. Lembrei da sua cantada sobre sentir o sabor do café nos meus lábios e corei enquanto me sentava à sua frente.

— Estava preocupado. Ônibus atrasou? — perguntou chamando alguém para nos atender.

— Mais ou menos. Não trabalhei fora de casa, mas tive serviço dobrado dentro dela. Fiz meu melhor — falei pegando o cardápio um pouco envergonhada. Pessoas como ele nunca saberiam o quanto minha vida era difícil, que paquerar não estava nos planos enquanto um alvo estava pintado nas minhas costas pelos bandidos que ameaçavam meu irmão.

— Olá, o que vão pedir hoje? — a garçonete falou e escolhendo a opção mais barata do cardápio, fiz meu pedido e Fred fez o dele.

O clima entre nós não estava um dos melhores e só quando ele suspirou e relaxou, depois que ficamos sozinhos, é que pude fazer o mesmo.

— Poderia ter enviado uma mensagem avisando. Achei que me daria um bolo — falou me encarando chateado e tive que rir para seu ego ferido.

— Ah, Fred. Sou uma pessoa complexa com uma bagagem complicada. Quem quis o encontro foi você, eu disse que talvez eu não valeria tanto o esforço.

— Essa bagagem que você fala é seu irmão? — Ele se ajeitou na cadeira e mudou de chateado para curioso.

— Minha família em geral. — Arregalei meus olhos e balancei minha cabeça em negação. — Deixe que eu me corrija, minha família não é um peso, bagagem tem esse sentido. É só complicada mesmo.

— Só você coloca dinheiro dentro de casa? E seus pais?

— Minha mãe é falecida e meu pai é pedreiro. Está com um bico apenas, esse é o tipo de trabalho que você nunca sabe se terá ou não indicação. Sou a única com carteira assinada.

— Sinto muito pela sua mãe. — Ele segurou minha mão e apertou, me fazendo segurar a respiração por alguns segundos, apenas para não deixar que meu corpo reagisse como queria. — Estou admirado, você nem tem filhos e sustenta a casa como se tivesse uma dúzia.

— Que exagero. Eu também moro naquela casa, nada mais justo que contribuir com as despesas. — Tentei mudar de assunto. — Quantos anos tem?

— Vinte e cinco e você?

— Vinte e nove. — Fomos interrompidos pela chegada do nosso café e um croissant cada. Aproveitei para ter minha mão livre, mesmo que o local onde ele tocou queimasse. Decidi continuar com as perguntas: — E como é a sua família?

— Eu moro sozinho e trabalho em uma Concessionária de Automóveis. Tenho um irmão mais novo e meus pais são o típico casal apaixonado. Almocei com eles hoje.

— Esse tipo de reunião é algo que sinto falta, sabe? — Peguei-me divagando, olhando para o nada e lembrando do almoço de domingo que minha mãe costumava fazer, colocava a mesa bonita e fazia algo especial. — Muita coisa mudou em casa depois que minha mãe partiu.

— Se você conhecer a minha reunião de família irá mudar de ideia. É muita gente querendo palpitar na sua vida.

— É como as pessoas amam, Fred. Há aqueles que querem ditar o que você deve fazer, porque é assim que eles demonstram seus sentimentos. Há também aqueles que não se importam que rumo que você dê para a sua vida. Se puder te dar um conselho, não espere ficar sem para perceber o quanto isso é importante para se sentir querido e protegido.

Vi seu pomo de adão subindo e descendo e a seriedade do seu olhar. Sim, fui profunda demais, minha mãe tinha essas manias e ser um pouco como ela me trazia conforto.

Corei, foquei no café e a mesa ficou em silêncio por alguns segundos para que minhas palavras fossem dissipadas pelo curto tempo.

Quando criei coragem para olhar novamente para Fred, meu coração acelerou, porque agora, percebi que me olhava com admiração. Era tanto desprezo e indiferença na minha vida, que ser olhada dessa forma aqueceu meu coração.

Será que valeria a pena me arriscar para conhecer mais desse homem? Ah, com certeza ele não era de se apegar, com tantas mulheres bonitas e boas, comigo ele teria apenas o interesse de uma noite.

Estava preparada para ser descartada? Pelo menos tiraria as teias de aranha e teria uma boa história para aquecer meu coração à noite antes de dormir.



Capítulo 11

Fred

Engoli em seco, porque essa mulher falou a mesma coisa que minha mãe e minha avó, mas com outras palavras. Será que era apenas eu que não enxergava que família era tão bom assim de se ter uma própria?

Lembrei do que meu pai falou, sobre fazer coisas que não gostávamos para agradar e me peguei imaginando na sua casa, ajudando com a limpeza da casa, para que ela pudesse sair comigo mais cedo.

Eu faria isso?

Estava analisando a possibilidade, ainda mais quando meu corpo estava cogitando de se perder em suas curvas. Porra, certeza que alguém da minha família fez alguma simpatia em mim, porque nunca na minha vida faria algo assim por livre e espontânea vontade.

Estava começando a acreditar na lenda sobre o poder que as palavras das mães e avós tinham.

Ela ficou envergonhada pelas suas palavras e quando finalmente voltou a me encarar, foi impossível esconder que a queria, tanto pela sua garra quanto por seu jeito abnegado. De onde vinha essa força, para lutar e ao mesmo tempo buscar paz?

— Você fez faculdade?

— Comecei, licenciatura em Letras, mas tive que parar, sem condição para pagar e agora, sem tempo.

— Tentou financiamento estudantil?

— Eu tinha, era exatamente ele que não consegui pagar. — Ela terminou seu croissant e deu de ombros. — Tenho planos para voltar ano que vem, um ano não fará tanta falta.

— Quer dar aulas? Por que não outro curso? — Quis saber mais, porque ela parecia muito determinada em conseguir uma profissão, mas parecia desestimulada.

— É uma vocação herdada da minha mãe, paciência e didática, além do gosto pela leitura.

— Ah, você lê romances de época? — Ela parecia surpresa e foi minha vez de ficar sem graça. — Alexia, minha irmã, ela ama essas coisas e sempre me conta suas leituras.

— Leio de tudo um pouco, romance em sua maioria, que inclui romance de época. — Ela apoiou o cotovelo na mesa e sua cabeça na mão. — Você disse que sua amiga não gosta de ser tocada e prefere que achem que ela seja gay?

— Eu falei demais ontem, estava desesperado para te fazer vir aqui hoje — assumi arrependido. — Prefiro não comentar sobre as particularidades dela. Estou me sentindo um traidor.

— Será que não existe um amor enrustido aí? — Apesar da descontração, havia um traço de desapontamento.

— Sim, existe, mas do meu irmão com ela. — Sorri com atrevimento. — Quando você conhecer os dois poderá tirar suas próprias conclusões.

— Ah, já está pensando em me apresentar para a família? Não acha que está sendo apressado demais?

— Foi apenas força de expressão. — Dei de ombros e percebi que ela ficou incomodada, sentando ereta e tomando o café que estava na sua xícara.

Merda, quando eu conseguiria agir como eu mesmo sem ficar pisando na bola ao ser muito apressado? Ela parecia muito real e muito certinha para aceitar as coisas do meu jeito impulsivo.

— Estou tranquila sobre a questão de ser apenas uma vez, Fred — ela falou baixo e colocou suas mãos para baixo da mesa. — Também não me incomodará se daqui não rolar nada. Fiz apenas uma brincadeira.

Luana acabou de falar que estava disposta a ter uma noite comigo e nada mais? Abri a boca para dizer algo, soltar logo minha proposta, mas a única coisa que saiu foi:

— O que você faz quando não está trabalhando dentro e fora de casa? — Caralho, eu queria saber mais, ou distrair minha mente de pensar o que não deveria. Ela tinha que ter algum defeito grave!

— Durmo. — Riu e me vi querendo fazê-la sorrir mais. — E você?

— Gosto de me exercitar e também tem um pessoal querendo me levar para andar de moto. Gosto de assistir esportes e... já falei que sempre tem almoço de domingo em família? — falei com diversão e consegui o que queria.

Risos.

— Que hobby ótimo, reunir a família. Já pensou se ganhasse um real de cada parente? — zombou divertida.

— Estaria muito rico como todo Natal. Minha família é enorme, minha avó vive falando que precisa casar todos os netos para perpetuar o legado. Ela

parece uma senhora do século XVIII.

— Não pensa em casar? — perguntou surpresa e sabia que esse era o momento ideal para dizer sobre um segundo encontro ou nos conhecermos mais... caramba, por que estava tão nervoso assim?

Qual era o meu problema?

— Acho que não encontrei a pessoa certa.

Ficamos um bom tempo nos encarando, eu absorvendo as minhas próprias palavras e ela parecia em outro lugar, porque seu olhar estava em mim ao mesmo tempo que não estava.

Cara, isso tinha que acabar. Tinha que cancelar essa loucura de tentar um relacionamento duradouro, conhecer Luana tinha sido interessante, estava na hora de voltar a programação normal da minha vida. Não servia como namorado, precisava fugir antes que mais alguém percebesse isso.

— Vamos então? — falei chamando a garçonete. Ela piscou várias vezes, sorriu desapontada e acenou afirmativo.

— Não precisa me levar em casa, eu adorei nossa tarde.

Passei meu cartão, levantamos e saímos do café lado a lado. Procurei um ponto de ônibus e não achei nenhum por perto.

— Tem certeza que não quer que eu te leve em casa? — Coloquei a mão nas suas costas e ela suspirou.

— O ponto é quatro quadras daqui, não se preocupe, já sou grandinha. — Bateu seu ombro nas minhas costelas e seguindo o comando da minha cabeça de baixo, trouxe seu corpo para frente do meu, a outra mão segurou seu rosto e minha boca encontrou a sua com suavidade.

Sim, o sabor de café nos seus lábios era maravilhoso. Que poder era esse que as palavras dos outros começaram a ter na minha vida?

Foi ela quem deu sequência aos nossos atos, abriu a boca e me invadiu com sua língua ávida e necessitada por mais. Seus braços envolveram meu pescoço e não lutei com mais nada, apenas me permiti aproveitar esse momento.

Diferente de tantas que conhecia no mesmo dia e beijava, saber um pouco mais antes do ato tornava tudo mais vivo. Senti seu corpo mais quente junto ao meu, seu virar de cabeça para encaixar melhor nossas bocas era um indicativo que ela ia atrás do que queria. Determinada no dia a dia e pelo jeito, seria uma grande amante.

Quando meu membro na calça quis se mostrar, para não passar vergonha, interrompi o beijo com dois selinhos. Foi ela quem se afastou corada e

sem me deixar insistir para levá-la para casa, virou as costas e começou a andar para longe.

— Tchau Fred! — falou por cima do ombro. Seu olhar era de satisfação e gostaria de saber quem nessa vida se contentava com apenas um beijo seu. Eu a queria para muito mais, explorar sua vida não era nada quando pensava em explorar seu corpo e seus pontos mais delicados.

— Tchau. — Acenei antes que ela virasse a quadra. — Fred, Fred, você não leva jeito para relacionamentos — resmunguei enquanto seguia para o meu carro.

O bom de tudo isso era que aprendi a lição, além de estar completamente desmotivado para continuar com esse plano. A próxima ação era muito desconhecida para que eu seguisse com minhas tentativas.

Amanhã seria um novo dia, a semana começaria para que a rotina tomasse conta e esse negócio de relacionamento e Luana ficariam esquecidos na minha memória. Minha mãe teria que se contentar com seu filho solteiro, essa era a verdade.

Como estava enganado.



Capítulo 12

Fred

Tive pesadelos durante a noite e acordei com mal humor. Não sabia que renegar pedido de mãe poderia ter um peso tão absurdo nas minhas costas. Estava tentado a jogar tudo para o alto, fingir que Luana não existia, muito menos que seu beijo me deixou de pau duro.

Desde quando Frederico Saad se comportava como um adolescente com uma mulher?

Conhecer mais de Luana mudou o cenário, não era mais pegar e largar, mas sim conhecer e conquistar.

Cheguei na Concessionária e o clima estava tão ruim quanto meu humor. O dono da empresa anunciou a venda do seu empreendimento para uma gigante concorrente, o que gerou burburinhos sobre possíveis demissões.

— Em tempos de crise, precisamos avaliar nossas estratégias e não deixar nenhuma oportunidade passar batida — o dono falou em uma reunião particular comigo. — Falei sobre você e sua equipe, tenho certeza que nada mudará nessa semana de transição.

Sorri amarelo, porque de boas intenções o inferno estava cheio. Se isso não era um indicativo de que precisava focar em mim e não mexer na vida dos outros, ou seja, na de Luana, então estava cego.

Ativei o modo chefe exigente e coloquei todos os vendedores para trabalhar com ânimo, mesmo que não tivesse entusiasmado. Para ser líder, as fraquezas e dúvidas tinham que ficar em casa enquanto o jeito despojado e exigente entrava em ação.

Luana>> Espero que sua semana tenha começado melhor que a minha. Obrigada pelo café de domingo, foi especial.

Oh, que ótimo, eu não era o único com uma segunda-feira de merda. Estava no carro, olhando para a minha casa e pensando sobre os desafios profissionais que me aguardavam quando o barulho de uma nova mensagem soou. Mudança de dono significava mudança de gerência, ele não deixaria um desconhecido em um cargo de confiança como o que eu estava.

Não queria me sentir impotente, porque meu emprego estava em risco e a seriedade tomou conta de mim. Queria tentar algo novo, o tal do relacionamento sério e Luana não era alguém que se encaixava na minha vida.

Bloqueei o celular e ignorei sua mensagem. Dormi e acordei, os dias se passaram e continuei ignorando que existia uma mulher esperando uma resposta minha. Mesmo que os pesadelos se tornassem mais cruéis a cada noite e meu ambiente de trabalho estava difícil de manter o clima bom, preferi deixar minha vida pessoal de lado.

Havia outro dono na empresa, outros Diretores e Supervisores. Estavam todos em cima de mim, querendo saber sobre como tudo funcionava, ou seja, estava prestes a ser mandado embora, só não jogava a toalha, porque a esperança era a última que morria.

Minha mãe ligou algumas vezes para saber como estava e em uma delas, disse estar sentindo minha voz muito triste e só respondi que era correria do dia a dia. Caramba, essa mulher tinha um sexto sentido para tudo e agradei que não entrou na discussão sobre arranjar uma namorada. A última coisa que queria pensar era em Luana.

Desde que saí da casa dos meus pais eu trabalhava nessa empresa, que me fazia ter estabilidade financeira. Passei semanas e meses sem emprego em outros momentos da minha vida, mas agora, sendo dono do meu próprio nariz, essa seria a primeira e estava apavorado.

Antes de chegar o final de semana, convoquei meus primos para tomar uma gelada no Chale Burguer. Ele ficava numa rua movimentada, do lado de um parque municipal e perto da Universidade particular, longe do boteco onde Luana trabalhava.

Esperava que ela não tivesse me xingando tanto, porque não respondi sua mensagem até hoje.

Passei na casa de Alexia e com cara amarrada, ela entrou no meu carro. Apesar de suas reservas, ela não sabia dizer não para seu único amigo.

— Você sabe que não gosto de sair quando seu irmão vai.

— A verdade é que você não gosta de sair nunca, mas implorei para que viesse, porque estou mal. — Liguei o carro e comecei a guiar, a briga dela com meu irmão não me importava no momento.

— O que foi? — Ela virou no banco e deixei meus ombros caírem.

— Trocaram de dono na Concessionária, tenho quase certeza que serei mandado embora.

— Justo você? Será que eles não sabem que você que faz acontecer naquele lugar? O antigo dono não vai segurar sua vaga? — questionou indignada, da forma como eu queria estar.

— Pois é, também queria que as coisas fossem assim, mas só larguei

de mão e estou esperando o momento que farão isso.

— Você sabe, quanto mais você pensar que será demitido, mais isso tem chance de acontecer. — Ela voltou a sentar corretamente do banco. — Vamos mudar de assunto. E Luana?

— Não tinha um outro assunto menos ruim para entrar? — resmunguei virando o volante.

— Nossa, ela foi tão ruim assim? Você comentou comigo que iriam se ver no domingo.

— Pelo contrário, a mulher tem um corpo — apertei o volante —, uma boca...

— Me poupe dos detalhes, não quero saber o que vocês fizeram... — Alexia falou envergonhada, esse era o tipo de assunto que a incomodava, sexo.

— Foi só um beijo, mas o suficiente para não querer mais fazer isso, ainda mais que minha intenção era fazer um teste. Eu tentei, mas não sirvo para namorar.

— Um beijo... — falou sonhadora e riu de alguma coisa que só ela sabia a graça. — Você tem medo de se apaixonar?

— Ah, Alexia, estou longe de ser um Lorde como dos seus livros. Nem gravata eu uso. Só minha avó que é do mesmo século das suas leituras.

— Mas está próximo do Shrek, ele tem a princesa que merece.

Estacionei o carro uma quadra depois do Chale Burguer e saímos do carro.

— Por isso mesmo que não respondi a mensagem que ela enviou na segunda-feira. Tenho problemas demais no meu prato para me preocupar com uma mulher. — Não comentei que sonhei todos os dias com ela, minha mãe e minha avó por causa dessa minha decisão de fuga.

— Você é um exemplo a não ser seguido de homem para casar. Tenho dó da sua futura esposa, quando ela realmente aparecer — Alexia falou em tom zombeteiro e perdeu o humor quando chegamos na mesa onde Guido, Bastien e Leo estavam.

Como sempre fazia, ela foi para minhas costas, eu cumprimentei todos e a blindei de contato. Era tão natural protegê-la que não fazia questão de saber os motivos. Ela precisava, eu intercedia e nossa amizade seguia assim.

Pensei em Luana e no quanto ela também precisava ser protegida.

Porra, até quando eu continuaria pensando nela?



Capítulo 13

Fred

— Já começaram sem mim? — questionei levantando a long neck de Leo para pedir uma para mim.

— É dia de semana, precisamos começar cedo, para voltarmos cedo para casa — Guido falou entregando o cardápio para Alexia. Olhei para meu irmão, que fingia ignorar todos ao olhar o celular. — Qual a bomba do momento?

— O serviço está foda, acho que vou ser demitido — falei pegando a cerveja do garçom e tomando um gole.

— Que merda, cara. Como sabe? — Leo questionou olhando primeiro para Alexia antes de me encarar.

— A empresa foi vendida para outro grupo. Você sabe quem são os primeiros a terem um pé na bunda, certo?

— Pare de pensar dessa forma, muda o foco — Alexia falou baixo.

— Igual você faz para não nos cumprimentar? — rebateu Leo e respirei fundo para não xingar nenhum dos dois para o que estava por começar.

— Cuida da sua vida, idiota.

— Acho que quem precisa cuidar da sua é você, que está palpitando na do meu irmão.

— Para de viadagem, Leo. — Bastien bateu no peito do meu irmão com uma força considerável e os dois trocaram olhares antes de se acalmarem. Alexia parecia tensa e se aproximou de mim. — Se te mandarem embora, vão perder o melhor Diretor de Vendas da cidade. Tenho certeza que você consegue emprego fácil.

— Não é tão simples assim, Bastião. Metade das Concessionárias são deles e a outra metade eu já trabalhei. Vai acabar o mercado para mim.

O garçom apareceu para anotar os nossos pedidos e Leo parecia jogar raios com os olhos para a minha amiga. Puta merda, só queria apoio e menos guerra.

— Você está precisando dar uma — Guido falou tomando refrigerante.

— Ele precisa ser um cavalheiro e responder a mensagem de uma mulher antes de pensar nessas coisas — Alexia falou, já que ninguém rebateu

meu primo.

— Responder uma mensagem? — Bastien questionou divertido. — Quem é a loira da vez?

— É apenas alguém que conheci em um boteco. Não vai dar em nada... — tentei desconversar, as palavras saíram pela minha boca como se fossem espinhos.

— A mãe vai gostar de saber que você está namorando — Leo provocou.

— Não viaja, cara. Sabe que não fui feito para namorar.

— Ricardo dizia a mesma coisa e olha ele com sua Tati e Maria Clara — Guido falou no momento que nossos lanches chegaram.

Entreguei o de Alexia, peguei o meu e acabei largando-o na mesa, porque meu celular vibrou no meu bolso. Desbloqueei e meu coração acelerou por saber que era uma mensagem dela.

— Oh, rapaz, ele está apaixonado — Bastien zombou.

— Cala a boca, idiota. — Não consegui evitar sorrir ao começar a ler.

Luana>> Desculpe te mandar mensagem, sei que não está interessado em mim e tudo mais, só que não consegui parar de pensar em você durante a semana. Mesmo sendo apenas um beijo, me marcou. Até nunca mais.

Poxa vida, como deixaria essa mulher de lado quando essas palavras tocaram algo profundo que não conhecia muito bem? Bufei irritado, estava cogitando ir vê-la novamente, apenas porque me sentia foda por ela não ter deixado de pensar em mim.

— O que foi, Fred? — Leo perguntou tentando olhar a tela do meu celular. Joguei o aparelho na mesa, para que todos lessem e esfreguei meu rosto com as mãos.

— Olha só, o menino que marca — Bastien brincou e entregou o celular para Alexia, que diferente dos outros, não só olhou, como começou a digitar algo.

— Hei! — falei e ela se levantou. A bandida sabia que não iria forçar a devolução, ainda mais com seu jeito de não querer ser tocada. — Devolve Alexia!

— Você é um bundão mesmo, eu pego para você — Leo falou se levantando e tive que impedir que ele avançasse. Alexia colocou o celular em cima da mesa e afastou a cadeira de nós, com preocupação nos olhos.

— Você precisa tentar, Fred — falou baixo, pegou o lanche e voltou a comer.

Peguei o celular e vi o estrago que ela tinha feito.

Fred>> Desculpe se fui um bundão por não ter te respondido antes. As coisas estão complicadas no trabalho, mas isso não impediu que eu pensasse em nosso beijo também. Vamos nos ver no final de semana novamente?

— Eu só tinha ido atrás dela por pura curiosidade, quem sabe ela não seria a nora que minha mãe estava sonhando? — em voz alta percebi o quão idiota sou.

— Ah, cara, você dá moral para o que sua mãe diz? — Batien inquiriu terminando seu lanche.

— Você é muito intrometida, Alexia. Tudo isso é vontade de dar para o meu irmão? — Leo falou com irritação e os outros resmungaram sobre o quanto ele apelou.

Alexia se levantou da cadeira e saiu andando.

— Desculpa, Fred...

— Relaxa, Alexia. Me desculpe por ter um irmão tão sem noção e sem humor quanto o meu.

Meu celular vibrou na minha mão, levantei para acompanhar minha amiga, entrei no carro e antes de dar partida, olhei o que era.

Luana>> Te espero sábado no bar, saímos depois do meu expediente e passamos o domingo juntos, o que acha?

— Droga, isso é o que estou imaginando que seja? — perguntei para Alexia, que leu a mensagem e ficou encabulada. Sim, minha amiga era virgem e nem precisava dizer.

— As intenções estavam erradas, no início você só queria fazer o que sua mãe pediu, mas agora, o que vale são as ações. E se ela valer a pena?

— E se eu só estou procurando sarna para me coçar? Se for mandado embora, não vou ter clima para namorar, Alexia.

— Aí que você pode estar enganado, é na dor que sabemos quem realmente nos apoia e não no mar de rosas.



Capítulo 14

Luana

Estava acostumada a ser rejeitada, mas não sabia que ainda doía tanto. Só podia ter sido praga de todos os homens que espantei, por não dar conta de mim mesma. O beijo de Fred despertou algo em mim, senti desejo, queria ir além.

Em outras épocas culparia a carência, hoje culpo a solidão que meu coração sente por não fazer tudo o que desejaria fazer. Primeiro, não poderia fazer minha faculdade. Segundo, meu pai começou a dar trabalho com a casa novamente, parecia até que estava virando criança.

Antes de começar meu expediente, mesmo que isso mostrasse o quanto eu não tinha amor próprio, enviei uma mensagem para Fred, minha última tentativa de conseguir uma migalha de afeto.

Céus, trabalhei até mais sorridente com sua resposta, apesar de não ter parecido ser ele quem respondeu. Como sabia? Não tinha a menor ideia, só sentia que Alexia, a irmã de consideração, tinha algo com isso.

Porém, toda essa minha felicidade foi por água abaixo, porque a esfregação de Joilson, que exorcizava quando tomava banho, agora me incomodava um pouco mais. Não queria que Fred me visse sendo passada a mão dessa forma, como se eu permitisse tal situação. Não queria usar meu corpo com ele, sendo que me sentia tão suja por causa dessa situação que me coloquei.

Morava na periferia, sabia muito bem o que mãe e irmã de bandido era submetida a fazer para pagar dívidas. Estava mais do que aliviada de precisar apenas atender no bar e servir de corrimão para ele... bem, isso até conhecer Fred e não querer me rebaixar mais.

— Tem espaço atrás de mim, não precisa se esfregar — falei baixo para que Joilson escutasse, mas como sempre, fingia ser surdo e continuava sua bebedeira enquanto trabalhava. Se não fosse eu, muitos clientes iriam embora sem pagar.

Dessa vez, à noite, olhei para o celular e reli sua mensagem várias vezes. Ainda sentia uma pontada de dor por não ter sido respondida da primeira vez, mas a esperança de ter um final de semana pensando apenas em mim era meu bote salva-vidas.

Quando voltei para casa, escutei barulho na sala, meu pai havia

dormido novamente no sofá e suspirei resignada. A segunda-feira, depois de tudo isso, seria a pior de todas, mas tinha certeza que valeria a pena.

Ou melhor, orava para que Fred fizesse valer a pena, até porque, tinha certeza que nada pudessem surgir desses encontros. Um homem como ele, de família boa, se relacionando formalmente com alguém como eu? Ah, minha vida não era conto de fadas.

E foi com esse pensamento, de apenas uma noite e um dia com muito sexo que fui trabalhar no sábado. Sorria com cautela, minhas mãos suavam de antecipação e meus olhos não queriam desgrudar do celular caso Fred mandasse mensagem.

Cadê o bom dia, pelo amor de Deus?

Homens como ele não enviavam mensagem, só queriam saber da noite de *pegação* e o momento de dar o pé na bunda. Poderia ser orgulhosa e no final do dia dizer que não queria mais, mas sabia que meu coração, por estar tão amolecido e carente, estaria mentindo.

Como não cair e espatifar meu coração no chão? Apesar que, de coração partido, eu tinha doutorado, começando pelos meus pais, seguindo pelo meu irmão e criando uma infinita lista de homens que nunca me valorizaram. Havia culpa minha nisso tudo, sabia disso, mas custava o pretendente dar valor as coisas que eu fazia?

Foi brigando com os meus pensamentos que nem percebi que minha última cliente no mercado era Alexia.

— Qual será a forma de pagamento? — Ela sorriu para mim e eu fiquei chocada.

— Oi. Vou pagar em dinheiro. — Entregou uma nota alta e contabilizei no sistema para devolver seu troco. Queria tanto falar algo, perguntar sobre ele, mas me contive. Talvez ela não lembrasse de mim. — Lembra de mim? Amiga do Fred.

— Ah, sim, oi. — Entreguei o dinheiro e toquei sua mão, percebi que comigo ela não pareceu retraída para isso.

— Tenha paciência com ele, se não for pedir muito — falou baixo e começou a guardar as compras na sacola. Ajudei-a.

— Por que diz isso? Não sou daquelas mulheres grudentas que imploram carinho ou atenção.

— Você mandou duas mensagens, mesmo que ele não tenha respondido a primeira. — Segurou as sacolas e me senti envergonhada. — Tudo bem, fez certo, foi sutil. É só que... as vezes, a ficha do Fred demora para cair.

— Acho que não vai virar nada. Estamos atrás de preservar nossa situação atual — falei dando de ombros.

— Ou talvez seja a mudança que os dois precisavam. Eu gosto de você. Tchau. — Ela virou as costas e saiu do mercado, me deixando com mais esperança do que deveria.

Fechei meu caixa com a cabeça na lua e o coração acelerado. Já tinha enxugado minhas mãos várias vezes na calça para aplacar o suor que brotava delas. Sabia que estava nervosa, não precisava que nenhum sintoma desse me lembrasse.

Quando cheguei em casa, arrumei o que dava e lavei apenas a roupa do meu pai, que estava mais limpa do que o normal para quem trabalhava como pedreiro. Tanta coisa passando na minha cabeça que tinha esquecido de olhar se ele estava com algum trabalho ou não. Mas seu José vivia na rua, com certeza estava fazendo algo.

Como não era minha responsabilidade cuidar da vida dele e sim o contrário, apesar de não acontecer, deixei uma pequena bolsa pronta debaixo da minha cama e fui trabalhar no bar. Fred chegaria, cumpriria meu expediente e buscaria essa mala para passarmos a noite.

Confessava que só queria dormir, a tensão do dia me deixou mais cansada que o normal, mas não me dei por vencida, com um enorme sorriso, trabalhei fugindo das esfregações de Joilson.

Como tentar não era realizar, um cliente jogou as notas para mim e quando agachei para pegá-las, lá estava o homem imundo para se esfregar na minha bunda.

Poderia ser pior, poderia ser pior... repeti na minha mente, porque minha dignidade estava manchada, mas meu corpo não tinha nenhuma violação... bem, não da forma cruel.

— Joilson, para! — pedi baixo e ele apenas sorriu com ar bêbado.

— Você fica exibindo essa sua bunda para mim e não quer que eu me esfregue nela? — Ia retrucar, sua feição mudou para chateado. — Não reclame, posso tornar tudo pior para você e seu irmãozinho.

— Hei, ninguém vai me atender? — um cliente gritou do lado de fora e aproveitei para atender e me afastar detrás desse balcão que a cada dia me deixava com mais nojo.

Poxa vida, até quando? Trezentos e vinte e poucos dias, já havia até perdido a conta de tão desfocada de mim mesma eu havia ficado. Mas precisava de um momento só meu, de sentir prazer e não me sentir suja.

Tomaria banho em casa antes de ir com Fred.

Olhei para os lados, depois para o relógio e engoli o choro de decepção. Faltava meia hora para meu expediente terminar e ele não tinha vindo. Sabia, dentro de mim, que ele não viria e isso me magoou, muito.

Odiava ter esperanças por causa disso, a queda doía mais que o prazer de ter a realização.



Capítulo 15

Luana

Além de suja, hoje me sentia um trapo. Saí do bar contendo as lágrimas e olhando para o chão. Atravessei a rua e não percebi quem estava me esperando do outro lado.

— Luana? — Senti suas mãos nos meus braços e levantei minha cabeça para encará-lo. A lágrima que escorreu não deveria ter sido vista por ele, muito menos ser limpa por seu dedo áspero e cuidadoso. — Me dê um motivo para não entrar naquele bar e espancar aquele filho da puta! — rosnou.

— Esqueça isso, nem era o motivo do meu choro — falei bufando um riso irônico. — Você veio, vou pegar minha bolsa em casa, tomar um banho...

— Por que você se sujeita a isso? — perguntou ainda segurando meus braços. Dei um passo para trás, afastei suas mãos e fiz um gesto nervoso.

— Acha que gosto do que faço? Que tudo isso é uma brincadeira? Nem me chamar de prostituta você pode, porque não recebo um centavo para estar ali! — falei alto demais, olhei para os lados e percebi que o bar poderia escutar.

Peguei na mão de Fred e saí andando em direção a minha casa. Que tudo fosse para os ares, ou ele me teria sabendo de tudo ou colocaria a última grama de terra em cima do meu caixão.

— Por quê, Luana?

— Existe penas piores para se pagar para que meu irmão não seja morto na prisão — falei baixo e percebi que seu corpo inteiro retesou. — Será apenas uma noite de foda, certo? Realmente preciso disso, não se preocupe, vou até excluir seu número do meu celular.

Andamos um pouco em silêncio, cheguei em casa, soltei sua mão e abri o pequeno portão para entrar na casa sem pintura externa. Abri a porta e preferi não olhar para trás, ele não era obrigado a entrar e conhecer a minha realidade.

Percebi que meu pai não estava na sala e nem no quarto, o que era bom e ruim ao mesmo tempo. Tirei minha roupa com rapidez no banheiro e nem percebi a presença do visitante me encarando.

— Por que vai tomar banho antes de irmos se pode fazer isso na minha casa?

Gritei assustada, entrei para debaixo do chuveiro e trouxe a cortina para me tampar. Tudo bem, iríamos ficar nus, mas agora era tão... íntimo.

— É coisa minha, me dê cinco minutos e resolvo...

Nos seus olhos eu vi entendimento e nas suas ações, vi parceria. Ele entrou no pequeno banheiro, fechou a porta atrás dele e tirou a jaqueta do terno e a camisa de dentro da calça. Percebi que em nenhum momento o vi de gravata e isso me despertou curiosidade.

— O que está fazendo? — perguntei com medo da resposta. — Cadê sua gravata?

— Primeiro, não uso gravata. Segundo, vou tomar banho com você. Podemos começar nossa noite aqui. — Ele tirou a camisa e seu corpo definido fez meu ventre se contrair. Oh, céus, já sabia como era ser beijada por esse homem, imagine abraçada, preenchida...

Quando ele tirou a calça e exibiu o volume da sua calça, percebi que talvez ele não quisesse me levar para a sua casa. Depois do que revelei, se for apenas um banho rápido que terei, deveria aproveitar. Meu pai não estar em casa era um bônus, coincidência ou não, tinha que levar em consideração.

— Tranque a porta — pedi abrindo o chuveiro frio. Tive que sorrir, estava acostumada com essa temperatura, mas e o riquinho?

— Gostei da tatuagem. Uma coruja?

— Sim, símbolo da inteligência. Gosto de estudar e ensinar. Foi um presente assim que tranquei minha matrícula.

— Interessante. — Ele puxou a cortina para entrar e fez um som de assombro por causa dos respingos de água. — Tá gelada essa porra!

— Ninguém te convidou, Fred — falei divertida e espirrei um pouco de água nele, que se contraiu novamente. — Não precisa me acompanhar, é sério.

— Como vou manter um pau duro com esse frio? — falou tentando tampar seu membro semi ereto.

Estava na chuva, ou melhor, debaixo do chuveiro, então iria me molhar. Ajoelhei na sua frente, tirei sua mão do caminho e coloquei a minha. Ele suspirou, minha mão já estava com a mesma temperatura do chuveiro e estava lhe dando uma sensação diferente.

— Posso tentar? — provoqueei movimentando minha mão para cima e para baixo no seu membro. Ele fechou os olhos e acenou afirmativo, o que me instigou a provocar mais. Peguei um pouco mais de água na mão e joguei no seu

pau e virilha.

— Você quer me ver passar vergonha?

— Só quero que diga sim. — Passei a língua da base até a ponta, o que fez com que ele segurasse meus cabelos e enrijecesse todo o corpo.

— Sim, mil vezes sim.

Envolvi a cabeça do seu membro e chupei, aos poucos, com movimento de vai e vem da minha mão, fui introduzindo mais e mais na minha boca, até que apenas minha cabeça era comandada pelas suas mãos emaranhadas no meu cabelo.

Chupei com força, alternei para ir devagar e depois provoquei apenas com minha língua. Olhei para cima e gostei do que vi, meu domínio, meu lado mulher tomando conta da situação.

— Boca gostosa *pra* caralho. Pode guardar um pouco para depois?

Ele me ajudou a levantar e tomou minha boca com a sua, com desejo e pressa. Seu sabor não era o mesmo do café, mas com certeza era muito mais saboroso, ainda mais que tinha acabado de provar do seu sexo.

— Depois quando? — falei dando um passo para trás e entrando debaixo da ducha fria. Estava acostumada com a temperatura, nem chiei como Fred fez ao querer compartilhá-la.

Se estava me sentindo com esperança? Muita!

— Você me prometeu um domingo inteiro, Luana.

Ele estendeu o braço, pegou o sabonete e espumou a mão. Fui tomar dele, para fazer o mesmo, mas colocou de volta na saboneteira e me tirou debaixo da água.

— Sabia que a primeira coisa que reparei em você foram seus olhos fugazes? — Esfregou meu pescoço com carinho e foi descendo para meus seios, que tinham os bicos rijos pelo prazer e pela temperatura. Seu olhar estava neles. — Suas curvas me chamaram atenção depois, tanto para apertar, muito para saborear. — Ele apertou os dois e beijou minha boca com ternura, o contraste me fez encharcar entre minhas pernas, meu núcleo clamava por atenção.

— Fred... — gemi.

— Sua pele é tão sedosa — falou ensaboando minha cintura e chegando no meu quadril. Queria que fosse para minha virilha ou pernas, mas ele foi para minha bunda e retesei por reflexo. — Olhe para mim, Luana. São minhas mãos nesse corpo, estamos apenas nós aqui. — Apertou uma nádega e uniu nossos quadris. — Você me quer com você?

— Sim!

— Quer que eu te toque?

— Sim, Fred — minha voz tremeu, porque consciente ou não do que estava fazendo, com sua mão ensaboada aonde eu me sentia mais suja, ele me limpou. Não me sentia mais um objeto, um corrimão onde qualquer um poderia tocar. Era Fred e eu tinha dado autorização.

Ele flexionou a perna e seu membro cutucou minha entrada. Com movimentos suaves, ele conseguiu me encaixar e nossos corpos pareciam terem sido feitos um para o outro.

— Você me quer? — De forma sedutora, aos poucos ele foi me colocando debaixo da ducha. Nós estávamos acostumados com a temperatura, em sintonia.

Envolvi meus braços no seu pescoço, envolvi minha perna na sua cintura e me abri para ele.

— Sim.



Capítulo 16

Fred

Gemi em frustração, porque assim que a cabeça do meu pau encontrou sua boceta encharcada, que não era da água do chuveiro, lembrei da camisinha.

— O que foi? — Ela estava ávida para ter prazer, seu corpo, suas ações, tudo estava gritando para que eu desse um pouco de atenção.

Ah, mas eu tinha muitos planos para nós, não estava limitado a esse cubículo.

— Camisinha. Acho que tenho uma na carteira — falei me afastando e também, empurrando a cortina de lado.

Porra, aqui era pequeno demais, a sua realidade era brochante demais, só que, se a temperatura da água não tirou meu pau da batalha, nada mais faria.

Encontrei a camisinha agachado no chão olhando minha calça e carteira. Coloquei o preservativo com pressa e quando virei, lá estava ela, tão ansiosa para nos sentir juntos como eu.

Era louco e mesmo que meus braços queimassem por causa do esforço, realizaria uma das minhas fantasias sexuais, com ela.

Entrei de volta debaixo da água, desliguei o chuveiro e a peguei pelas pernas, no colo.

— O que você está fazendo?

— Vou te foder contra essa parede. — Beije seu pescoço e tentei fazer com que ela envolvesse as pernas na minha cintura.

— Você vai aguentar?

— Não me desafia, mulher! — Desci para chupar seu seio, escutei seu gemido e finalmente ela se abraçou em mim.

— Você é louco. Estou pronta!

— Relaxa, porque quero te escutar gozar.

Com as mãos firmes na poupa da sua bunda, entrei nela com uma estocada só e me movimente ao mesmo tempo que a impulsionava para subir e descer. Porra, era uma posição difícil de relaxar, meus braços pareciam em desacordo com meus objetivos e minhas pernas falharam.

Ah não, hoje não.

Fui até o meu limite e quando a coloquei no chão, virei seu corpo e por

trás, encontrei sua boceta e investi mais e mais. A cada gemido eu mordia de leve seu ombro. Enquanto uma mão massageava seu seio, a outra encontrou seu monte, buscou seu clitóris e esfregou o mais rápido que pode, porque estava por um fio e não iria gozar se ela não me acompanhasse.

— Fred... — Senti seu corpo se arrepiar, o tremor acompanhar o gozo e finalmente me permiti seguir o mesmo caminho. Beijeí sua tatuagem antes de dizer:

— Minha corujinha....

Meu corpo inteiro se arrepiou e por reflexo, saí de dentro dela sentindo meu pau mais sensível do que tudo. Ela esticou o braço para ligar o chuveiro e depois de vários suspiros, entrou debaixo da água e me encarou com um olhar sonolento.

— Por que mesmo você não tem um chuveiro elétrico? — questionei.

— Não sei trocar o chuveiro e ainda não tive tempo para chamar alguém para me ajudar. — Deu de ombros e eu removi a camisinha. — Você acabou comigo.

— A recíproca é verdadeira. — Peguei o sabonete da sua mão e ela disfarçou um bocejo. A nossa noite tinha acabado aqui, eu também queria apenas dormir.

— Você quer... é... — ela começou e não terminou, parecia envergonhada.

— Tomar banho? Sim, apesar de preferir meu chuveiro quente, sem querer te ofender. Talvez eu passe aqui outro dia e faço essa troca para você. Tem as ferramentas? — Olhei para o chuveiro e a fiação que estava tudo a mostra.

— Era passar a noite aqui, mas te entendo. É só que...

— Não iríamos para a minha casa? — perguntei confuso, ela saiu debaixo da água e foi minha vez de entrar. — Você falou que passaria o domingo comigo.

— E eu falei sobre meu irmão ser um bandido. Achei que você não queria mais se envolver, eu compreendo.

Engoli em seco e não respondi de imediato, porque na minha mente passava tanta coisa, tanto para ajudar, proteger ou fugir. Leo não era um homem com uma arma à toa, ele serviria algum dia e poderia ser agora, com ela.

— Quanto tempo você precisa trabalhar naquele bar? — perguntei quando terminamos de nos enxaguar. Ela entregou sua toalha para mim e

recolheu as roupas que deixei no chão.

— Um ano, já foi mais de um mês. — Ela estendeu a mão para que parasse. — Só deixe que eu confira se meu pai não chegou.

— E vai sem roupa para se cobrir? — Joguei a toalha para ela, que jogou de volta para mim.

Abriu a porta, colocou a cabeça para fora e suspirou abrindo a porta por completo.

— Onde será que ele está?

— Por quê? — Coloquei a toalha em seus ombros e comecei a me vestir. — Seu pai é maior de idade, pode estar fazendo a mesma coisa que nós.

— Ah, Fred! — falou chocada e seguiu para um dos quartos. Terminei de por a roupa e a segui.

— Ou você acha que ele não faz isso? — insisti, porque persistir na perturbação alheia e zoação era parte da minha personalidade.

— Prefiro não pensar nesse tipo de coisa sobre o meu pai, até porque, ele nunca trouxe ninguém depois que minha mãe morreu. Só acostumei dele ser...

— Assexuado? — Ela jogou a toalha em mim com um sorriso divertido e bocejou antes de começar a se vestir.

Tudo era muito simples e organizado. O tamanho da casa era quase o tamanho da minha sala, por um momento tive medo dela ver nossa diferença de realidade e não dar continuidade.

Bem, a intenção era um dia e não a eternidade, certo?

As vozes da minha mãe e avó ecoaram na minha mente, perpetuar o legado da família pesou e por um segundo quis mostrar a ela que eu valia a pena.

— Vamos? — Tirou a toalha da minha mão, pendurou no banheiro e me puxou para fora da casa.

— E seu pai?

— Quando eu voltar penso sobre isso. Tenho um domingo para passar com um certo homem — aproximou de mim e falou baixo: — bom de foder no banho.

Ela fechou a porta da frente, peguei a bolsa da sua mão e de mãos dadas, saímos portão a fora em direção ao meu carro, que estava a algumas quadras da sua casa.

Com ego inflado e dúvidas na cabeça, abracei Luana de lado, beijei sua testa e decidi que apenas por aquele final de semana, eu só iria curtir.



Capítulo 17

Fred

Como previ, ela dormiu no carro no caminho para a minha casa. Ficava do outro lado da cidade, um bairro mais afastado e com grandes construções. Assim que estacionei na garagem, não a acordei, abri a porta de casa e voltei para pegá-la no colo, mas ela já estava saindo do carro sonolenta.

— Me desculpe, eu tentei... — bocejou e antes que ela percebesse, estava carregando-a no colo para dentro. — Você não precisa — falou baixo e acomodou sua cabeça no meu ombro.

— Acho que podemos dormir um pouco antes de continuarmos nossa sessão privê. — Coloquei-a na minha cama e como uma gata, se espreguiçou e depois se encolheu entre meus lençóis e travesseiros.

Ignorei o sentimento estranho ao ver minha cama com ela e fui pegar sua mala antes de fechar toda a casa, tomar água e voltar para o quarto.

Tirei minha roupa observando cada detalhe dessa mulher. Com certeza meus planos para ela mudaram drasticamente, de um namoro sério à minha amante secreta. Acho que não precisava compartilhar meu relacionamento com ninguém, as vozes sobre estar destruindo o legado da família estava perdendo força.

Ousada e com o mesmo tipo de humor que o meu, ela conseguiu algo inédito, querer que fique por mais tempo e a conhecer ainda mais. Sua ligação familiar não era das melhores, precisava falar com meu irmão sobre isso, mas não agora, não quando minha vontade era de dormir sentindo seu corpo junto ao meu, pele com pele.

Fiquei apenas de cueca e fui até ela para remover sua roupa.

— O que está fazendo? — falou sonolenta e facilitou a saída da roupa.

— Vou te deixar mais confortável para dormir. Posso te deixar apenas de calcinha? — Dei um selinho nos seus lábios e ela sorriu tentando abrir os olhos.

— Sim, mas sem transar comigo dormindo, tudo bem?

— Pode apostar que vou te querer bem acordada para isso. — Beije sua testa e fui para a calça e por fim, o sutiã. Fiquei preocupado com seu pedido por isso tive que perguntar: — Alguém já fez isso com você? — questioneei preocupado.

— Sim...

— Se tem algo que você pode ter certeza sobre mim é que te respeitarei, dormindo ou acordada. — Tentei esquecer a questão, porque senti uma raiva sem igual emanar de mim. Nenhuma mulher deveria passar por isso.

Liguei o ar-condicionado, trouxe o edredom para nos cobrir e a abracei pelas costas, encaixando sua bunda na minha virilha. Porra, como nunca tinha feito isso antes na minha vida? Ah, claro, eu nunca tinha dormido com uma mulher, todas terminavam de transar e iam embora, ou eu o fazia.

Seus braços cobriram os meus e depois que um longo suspiro, não percebi que tinha dormido, muito menos que foi pouco até que o sol bateu na minha cara e não senti mais Luana.

Ah, não, ela se foi?

A janela por onde a luz do sol entrava foi bloqueada pela cortina e um corpo quente entrou debaixo do edredom e tentou se aninhar ao máximo nos meus braços.

— Fui fazer xixi. Meu relógio biológico já tem vida própria — ela falou baixo inspirando o cheiro do meu pescoço. — Bom dia.

— Bom dia só se for depois das dez horas. Domingo não é dia de acordar cedo.

— Então ainda é boa noite, são seis da manhã. — Luana beijou meu pescoço e envolveu sua perna na minha. — Para você, o domingo não começou, mas para mim...

— Já está preparada, minha corujinha? — Coloquei-a debaixo do meu corpo e fiquei entre suas pernas, meu membro já estava mais do que acordado, na verdade, ele nem parecia ter dormido. Abri meus olhos e lá estava a mulher confiante me convidando para o sexo matinal.

— Gostei do apelido. — Seu riso era jovial, como se eu tivesse despertado a adolescente de colégio que recebeu um apelido carinhoso do seu garoto dos sonhos.

— Só disso? — perguntei encontrando sua calcinha e esfregando minha mão por cima dela. — Será que só tenho habilidade em dar apelidos óbvios?

— Acho que você pode muito mais do que me mostrou ontem. — Ela tirou a calcinha com dificuldade, se esfregando em mim. Sua boca foi na minha para um beijo casto e depois desceu para o pescoço. — Pode até parecer óbvio, mas você é a única pessoa que me chamou assim.

— Poderíamos não trazer o passado para a cama? — falei me esfregando no seu sexo nu. Precisava pensar rápido e lembrar onde estavam as camisinhas, porque não pretendia parar nosso momento para achar uma.

— Tenho certeza que meu número é bem menor que o seu, pegador. — Ela fez força e conseguiu me colocar de costas no colchão, montou minha cintura e se esfregou sem inibição. — Onde está seu arsenal de camisinhas? Vamos usar uma meia dúzia hoje.

Ri alto, sentei na cama e tomei um seio na minha boca enquanto o outro manipulava com minha mão. Ela segurou os cabelos e esfregou seu corpo em mim, estava em puro êxtase.

— Criado mudo a direita — falei enquanto beijava seu corpo. Ela rapidamente saiu do meu colo e eu, tirei minha cueca e a esperei pronto para o próximo round.

Sim, estávamos parecendo adolescentes cheios de hormônios.

Colocou três embalagens em cima da cama, ficou com uma na mão e a abriu com olhar atrevido. Segurei meu membro e com sua boca, ela colocou o preservativo e nada parecia tão sexy quanto isso. Aproveitou e me sugou, me deixou louco e a ponto de explodir antes de sentar no meu quadril e me devorar com sua boceta encharcada.

— Você é... uau — falou com os olhos fechados, subindo e descendo bem devagar.

— Pode ter certeza que você é isso ao quadrado. — Dei um leve tapa na sua perna, depois na sua bunda. Apertei e a ajudei a cavalgar com mais velocidade, porque sua lentidão estava me torturando.

Não demorou muito para que ela se rendesse e deitasse seu corpo em cima do meu. Meti com força, flexionei minhas pernas e fui até o máximo que conseguia sem gozar.

Bati de leve novamente na sua bunda, apertei e a fiz ficar de bruços, aquela bunda era maravilhosa e me fez lembrar daquele *imundiça* se esfregando. Enterrei com força, ela empinou a bunda ao mesmo tempo que tentou se dar prazer com uma das mãos. Enlacei meus dedos no dela e juntos gememos, gozamos e exorcizamos tudo o que precisava antes de começarmos o domingo da preguiça, porque com ela na minha casa, na minha cama, não faria nada além de tomá-la enquanto ela estivesse disponível.



Capítulo 18

Fred

Depois da foda de manhã, cochilamos mais um pouco e acordamos onze horas com o meu celular tocando alto.

— Alô — atendi sonolento, Luana se remexeu para ficar mais grudada em mim.

— *Bom dia, meu filho, quase boa tarde. Você não vai vir almoçar em casa?*

— Oi, mãe. Não, hoje vou ficar em casa — falei com um sorriso enquanto olhava o motivo da minha negativa.

— *Vai almoçar aonde?* — Luana beijou meu peito e ri baixo por conta das cócegas que senti. — *Quem está aí?*

— A semana foi difícil, mãe. Só quero um tempo para esfriar a cabeça. Semana que vem não falto, tudo bem?

— *Não respondeu minha pergunta, Frederico. O que aconteceu? Fale com sua mãe!*

— Não se preocupe, dona Bety. Depois nos falamos. Beijos. — Encerrei a ligação e joguei o celular no outro lado da cama.

— Filhinho da mamãe? — falou divertida enquanto saía dos meus braços e se espreguiçava.

— Digamos que é mais mamãe sem os filhinhos. — Peguei na sua cintura e a trouxe para cima do meu corpo. — O que quer fazer agora?

— Comer, tomar um banho e...

— Filme? Podemos ir ao cinema! — falei empolgado e não entendia de onde vinha tanta empolgação.

— Você não tem Netflix? Poderíamos aproveitar nosso traje completo para o passeio da preguiça e só ficarmos assim. — Ela saiu da cama e me encarou com as mãos na cintura. Adorei essa postura desinibida com o seu corpo, até porque, ela era linda e muito gostosa. — O que está olhando? — consegui deixá-la constrangida e por isso ela foi para o banheiro anexo ao meu quarto.

— Suas estrias — falei provocador seguindo-a e ela me jogou a toalha de rosto em minha direção. Antes que pudesse me xingar, ajoelhei às suas contas

e beijei seu quadril e depois uma das nádegas, onde se via muito delas. — Um beijo para a estria que apareceu quando você menstruou pela primeira vez. — Beijei novamente. — Um beijo para a estria por causa do refrigerante...

— Caramba, você tem um parafuso a menos, Fred! — falou com voz embargada, sabia que tinha tocado em algum ponto importante e desconhecido, então me levantei, fiz ela se virar e beijei sua boca sem abrir meus lábios.

— Vamos assistir Netflix sem roupa no meu sofá, almoçar pipoca e lasanha congelada. — Segurei seu rosto com as mãos e ela sorriu acenando afirmativo.

Tomamos banho em silêncio, até porque, eu tinha exagerado no romantismo. Não sabia o que estava dando em mim, só sentia necessidade de dizer o quanto ela era especial e sensacional a cada descoberta que fazia. Poderia ser brega, mas eu não poderia ficar sem dizer nada.

Ela colocou a calcinha, pegou um lençol e foi para a sala. Coloquei a cueca boxer preta e fui para a cozinha fazer a pipoca. Era a última de micro-ondas, tirei a lasanha congelada do freezer e servi dois copos grandes de refrigerante.

Quando fui levar tudo para a sala e colocar na mesa de centro, ela fez uma careta. Olhei para o refrigerante e me bati mentalmente, porque mulheres tinham essa mania de não tomarem certas bebidas.

— O que foi?

— Você vai beijar a estria que surgir por conta desse copo gigantesco de refrigerante? — falou tentando controlar o riso e percebi que ela estava zombando de mim. Sim, exagerei, e ela fazer piada me acalmou um pouco, por não ter levado para o lado intenso.

— Beijo todas elas enquanto você beijar as estrias que surgirem a dois palmos do meu umbigo.

Foi divertido vê-la fazendo a conta dos palmos olhando para o meu corpo e antes que ela jogasse algo em minha direção ao perceber que estava falando do meu pau e bolas, que percebi que era uma mania sua, sentei no sofá, trouxe a mesa de centro para perto e liguei o Netflix pelo controle da televisão.

Uma sensação de déjà vu tomou conta de mim. Eu e Luana deitados no sofá enquanto assistíamos um filme que eu não gostava, mas faria por ela.

— Vamos ver “Um Porto Seguro”? É baseado no livro de mesmo nome.

Congelei por um momento, filmes com dramas e romances nunca foram meu forte. Curtia guerra, ação e no máximo uma fantasia. Ela olhou para

mim com curiosidade, olhei em seus olhos e percebi que sim, eu faria tal coisa, só para me manter nessa posição.

Estendi a mão, procurei seu filme, peguei um pouco de pipoca e coloquei na sua boca. Ela não pareceu perceber meu momento de hesitação e mesmo que meu coração estivesse acelerado demais, porque estava indo longe demais com Luana, eu manteria meu cronograma do domingo, porque sim.

— Acho lindo o quanto ele tenta proteger a mocinha, mesmo que ela não perceba. A mensagem dessa história é linda. — Luana beijou meu peito e suspirou ao ver o primeiro beijo do casal.

Foquei em comer pipoca, acariciar suas costas e bunda. Um lençol mal cobria nosso corpo, estávamos largados e como... namorados.

Porra, isso não ia dar certo. Havia uma grande chance de perder o emprego, ou seja, não teria dinheiro para pagar gasolina para nos ver. Também tinha a questão do seu irmão, da minha mãe...

A campainha tocou e Luana praticamente pulou do meu colo cobrindo seu corpo com o lençol.

— Você está esperando alguém? Merda, desculpe te fazer ver filme, achei que...

— Não, Luana, ninguém vem em casa a não ser... — A campainha tocou novamente e gemi frustrado. A não ser minha mãe, ninguém aparecia em casa sem ser convidado. Porra! Apontei para o quarto e Luana correu para ele. — Vista algo, você vai conhecer minha mãe.



Capítulo 19

Luana

Fred entrou no quarto apenas para vestir um short, beijou minha cabeça e voltou para a sala enquanto eu estava surtando. Conhecer a mãe dele? O que isso poderia significar?

A palavra namoro veio na minha mente e balancei minha cabeça em negação, porque eu não servia para namorar. Terminei de me vestir, procurei um elástico de cabelo na minha mala e fiz meu melhor para não parecer que dormi aqui e fodi o dia inteiro.

Oh, droga, estava na cara que fiz tudo isso e mais um pouco.

Lembrei dos meus ex-namorados, as sogras que me odiavam, as vezes os próprios cunhados que tentavam dar em cima de mim. Também lembrei quando afastava todos, por não ter tempo, por estar num domingo desse jeito ser um enorme sacrifício para mim.

Será que Fred achava que queria namorar com ele? Mas deixei claro, era apenas um domingo. As roupas estarão me esperando à noite e amanhã iria trabalhar cansada mais do que o normal.

Tudo bem, pelo menos teria aproveitado, era algo que poderia fazer uma vez a cada seis meses, certo?

— Está pronta, minha corujinha? — Fred apareceu atrás de mim e segurou minha cintura. Fiquei muito tempo olhando para o espelho do banheiro e divagando sobre como fugir do compromisso que me perdi por um momento.

Não poderia envolver ninguém na minha miséria.

— Fred, acho melhor eu ir embora — falei séria e ele me virou para que encarasse seus olhos.

— Você vai embora, só não agora. Qual o problema de conhecer minha mãe? Ela sabe que você está aqui.

— É muito íntimo — falei baixo, cruzei meus braços e olhei para o lado.

— Isso não é agradável para mim também, não costumo apresentar as mulheres que eu fico para a minha mãe, mas ela está na sala, eu avisei que estava com companhia então, vou te apresentar, nem que seja para dar tchau.

Voltei a olhar para ele, que tinha soltado minha cintura e percebi a merda que fiz, eu o tinha chateado. Diferente dos outros homens, ele parecia

controlado em suas emoções, por mais contrariado. Seu lado impulsivo tinha sumido. A última vez que disse não, quase apanhei se não tivesse desviado.

— Não fique chateado, é só que...

— Você é apenas uma foda e eu sou apenas alguém para passar um bom tempo, certo? — Encolhi, porque as palavras doeram mais que um tapa na cara. — Será que você também levou um pé na bunda recentemente e me escolheu para esquecer o ex? Maldição da Elis, que inferno. — Respirou fundo. — Apesar de tudo, respeito minha mãe e não tenho vergonha do que fiz. Sou adulto e acredito que você também seja, todo mundo faz sexo. Se já quiser ir embora, recolha suas roupas, vou te levar em casa.

— Fred, você não precisa... — Estendi minha mão para tocar sem braço, mas ele saiu do banheiro dando passos para trás.

— Estou esperando na sala.

Respirei fundo várias vezes e vesti minha armadura insensível. Não foi o primeiro que dispensei, porém, foi o primeiro que doeu demais.

Recolhi minha roupa, deixei a mala pronta e não tive coragem de levá-la comigo. Preferia fugir a ter que enfrentar uma mulher tão especial, porque, para ter criado um homem como Fred, diferente disso não seria.

Fui para a sala olhando para todos os lados menos para os dois e fui surpreendida com um abraço carinhoso da senhora.

— Olá, querida. Sou Elisabety, mas pode me chamar de Bety. Não sabia que meu filho estava namorando...

— Não estamos — respondemos ao mesmo tempo e ela me soltou para olhar para nós dois. Um sorriso carinhoso surgiu depois de encarar por tempo demais seu filho, ela voltou a me encarar e ergueu as sobrancelhas.

— Você é Luana, certo?

— Sim. Eu já vou...

— Imagina! Meu filho não foi até minha casa almoçar, eu vim trazer o almoço para ele. — Ela apontou para a mesa com várias vasilhas. — Ainda bem que sou exagerada, dá para os dois.

— Mãe, Luana precisa ir embora — Fred falou duro e Bety fez uma careta para ele.

— Não seja sem educação, Frederico. Traga pratos, eu vou comer um pedaço de Sopa Paraguaia.

Minha boca salivou, porque minha mãe tinha descendência paraguaia e esse tipo de comida há muito não degustava. Procurei o olhar de Fred, para pedir

autorização, já que tivemos aquela pequena discussão, mas ele tinha entrado na cozinha e dona Bety enlaçou meu braço e me fez sentar à mesa.

— Não dê bola para o seu mal humor, isso ele puxou de mim. Só ter paciência. Agora me conte, quem é você, onde trabalha, como conheceu meu filho...

— Mãe, não faça isso — Fred pediu chateado e a mãe abanou a mão para ele dispensando-o.

— Ela não é sua namorada, já entendi. Nem por isso não posso conhecer a moça?

— Sou caixa de supermercado — falei sem graça enquanto Fred colocava os pratos e talheres a nossa frente. Dona Bety destampou as vasilhas e apontou para elas, indicando que precisava de pegadores.

— Oh, qual mercado? Você parece ser bem observadora e inteligente. É formada?

— Comecei a faculdade de Letras, mas não terminei. — Bety pegou meu prato, serviu e olhei para Fred com desespero, que deu de ombros e pareceu não querer mais interromper a mãe.

— Que maravilha, alguém que ama a nossa língua. Gosta de ler ou lecionar?

— As duas coisas. Criei o hábito de ler com minha mãe, apesar de estar há um bom tempo sem ler. Obrigada. — Peguei o prato agradecida e comecei a comer. Maravilhosa a comida, a dor que estava sentindo até foi amenizada por esse sabor.

— Sua mãe foi muito sábia. Deus sabe o quanto tentei fazer com que os meus filhos tomassem gosto para os estudos, mas foram descobrir o tal do laço^[2], a vida deles desandaram.

— Eu formei em Administração e Leo formou em Educação Física. Não exagera dona Bety — falou com carinho, mesmo que parecesse uma repreensão.

— Quantos anos tem, Luana?

— Vinte e cinco.

— Hum... Poderíamos marcar uma tarde para falarmos sobre livros, o que acha? — Bety falou como quem não queria nada e olhei para Fred tentando confortá-lo que não iria me envolver.

— Mãe!

— Obrigada pelo convite, minha mãe é falecida e trabalho de segunda

a sábado, acho que nunca conseguiria um tempo para uma visita.

— Nem de noite? — pareceu chateada. — Pode ser domingo mesmo, você está aqui, não é mesmo?

Ah, se ela soubesse o que eu realmente estava sentindo e o que seu filho queria falar, não insistiria nesse assunto, mas a família era assim, sempre cutucando uma ferida no momento mais inoportuno.



Capítulo 20

Luana

Comi um pouco antes de responder. Seria sincera, essa senhora parecia muito querida para ter meias verdades. Não os veria mais mesmo, qual seria o problema de abrir um pouco o meu coração?

Por que as mães tinham esse poder?

— De manhã e de tarde trabalho no mercado. Volto para casa, ajeito o que precisa e vou para o meu turno em um bar perto de casa. Meu pai é pedreiro e por enquanto, estamos vivendo apenas do meu salário. Domingo é dia de lavar roupa e fazer comida para a semana, ou seja, quando chegar em casa hoje vou trabalhar dobrado para fazer tudo. Minha rotina não cabe nada além disso e pode ter certeza que o sabor dessa comida valeu a pena o sacrifício.

Fred saiu da mesa com brusquidão, meu coração se partiu ao perceber o que falei. Se ele soubesse que o sacrifício de estar com ele valeu tudo e mais um pouco dificultaria nossa separação. Éramos de mundos muito diferentes, minha realidade não era tão fácil assim para ser mudada.

— Você cuida do seu pai. Tem irmãos? — Bety falou baixo e terminei de comer antes de responder:

— Meu irmão está preso e já falei tantas coisas que machucam hoje, que prefiro não dizer mais nada. — Tentei controlar o choro e a mulher me abraçou de lado com carinho. Oh, céus, como sentia falta de um colo, da minha mãe.

— Como a senhora pode ver, Luana é muito ocupada e não pode ficar mais longe da casa para fazer esse sacrifício. Vou levá-la. Quer me esperar?

— Vou embora também, meu filho. — Bety levantou, fiz o mesmo e segui para o quarto, para pegar minha mala. Escutei-a dizendo baixo: — Não pressione a moça, ela vai escapar.

— Qual a parte de não namorar a senhora não entendeu? — Fred rosnou baixo.

— Quem faz nosso tempo somos nós mesmos. Quando a pessoa vale a pena, a gente sempre arranja um tempo, ou você não percebeu que ela deixou muita coisa de lado para estar com você aqui?

— A comida valeu o sacrifício, mãe. Não quero mais falar desse assunto.

— Não meu filho, você que valeu, precisa ler nas entrelinhas.

Apareci na copa, dona Bety me deu um grande abraço de despedida e saímos juntos para a garagem.

Bem, seria o melhor, não havia futuro para mim, não enquanto estava amarrada a pena que precisava cumprir para o meu irmão. Ah... quem eu queria enganar, achava que nunca valeria a pena para ninguém, nem depois desse um ano.

Seguimos de carro escutando apenas o som da rádio. As músicas não faziam muito sentido para mim, estava gastando muita força para não chorar na frente dele, mas quando um refrão soou forte, precisei respirar fundo, porque meu corpo arrepiou por causa dessa letra:

“Por isso eu juro que
Eu deixaria tudo se você ficasse
Meus sonhos, meu passado
Minha religião
Depois de tudo estás
Fugindo dos meus braços
Deixando o silêncio
Desta solidão”

Desde quanto música sertaneja me tocava tanto assim?

— Esse foi nosso acordo, certo? Um domingo e pronto — Fred falou com rancor.

— Sim — respondi baixo.

— Acho que essa é a primeira vez que levo um pé na bunda. Nunca é tarde. — Riu com ironia.

— Não te dei um pé na bunda, Fred. É só que...

— Eu pensei que poderíamos ter mais, sabe? Pela primeira vez na vida achei que valeria a pena tentar. Só encontrei a pessoa errada para isso.

Engoli em seco, porque seu orgulho estava ferido e não cabia a mim cutucar mais. Fui especial para ele, sabia disso tanto quanto ele foi também para mim, mas minha vida não encaixava na dele.

O carro parou em frente de casa e lá estava meu pai com sua costureira garrafa de água na mão. Suspirei aliviada, tinha uma preocupação a menos para o resto do meu domingo.

Peguei a mão de Fred e quase deixei as lágrimas escorrerem por ele

não ter me rejeitado.

— Obrigada por tudo. Não foi a comida da sua mãe que fez valer o sacrifício, mas você. Eu deixei tudo de lado para estar com você, Fred. — Beijeí sua mão e ele puxou meu corpo para beijar minha boca.

Dessa vez, a lágrima caiu e praticamente corri para longe do carro.

Nunca pensei que ficar com alguém poderia ser tão intenso.

— Onde estava, Luana? — meu pai me cumprimentou olhando para o carro. — Quem é o playboy?

— O senhor também não dormiu em casa ontem. Está tudo bem? — beijeí sua cabeça e entrei em casa numa tentativa de fugir da realidade paralela que foi estar com Fred.

— Estou com fome — meu pai resmungou e como a boa filha que estava habituada a ser, liguei o piloto automático e fiz tudo o que precisava ser feito.

As palavras de dona Bety sondaram minha mente, mesmo que eu não quisesse. Quem faz o tempo somos nós e sabia, que se algum dia um homem realmente valesse a pena, eu faria um esforço para ter todos os domingos com ele. Mas eu não iria dar o primeiro passo, essa pessoa tinha que se mostrar interessada em mim antes, porque eu já tinha perdido muito.

Lembrei que Fred foi no bar e depois no mercado, ele deu esse primeiro passo. Alexia também invadiu minha mente, falou para que eu tivesse paciência.

Eu queria um relacionamento? Para o bem de todos, não, precisava me manter sozinha.

O único problema era que de noite, quando fechava meus olhos, só existia uma pessoa para sonhar e desejar, Fred.



Capítulo 21

Fred

Maré de azar? Eu cogitava ser carma. Como imaginei, quando comecei meu trabalho na segunda-feira, fui chamado para conversar com o novo Diretor e a bomba foi jogada no meu colo, estava sendo demitido e meu aviso prévio seria pago de forma indenizada, poderia pegar minhas coisas e ir embora da Concessionária.

Se não bastasse me sentir rejeitado pelo lado pessoal, agora estava sendo pelo lado profissional. Onde estava o equilíbrio? Sorte no amor, azar no jogo? Estava é pagando meus pecados, se algum dia eu me lembrasse de todos eles.

Ia para casa, talvez tomar o resto de bebida que tinha na geladeira e comer o almoço que minha mãe trouxe no domingo. Como que um dia poderia ter sido o melhor e pior ao mesmo tempo? Que caralho de vida era essa?

Pensei em ir conversar com meu pai, ele era um homem sábio e calmo, conseguiria colocar juízo na minha cabeça, mas parei em frente ao restaurante de Ricardo e Tati. Será que já estavam trabalhando? Não eram nem nove horas.

Com o carro parado no estacionamento, peguei o celular e mandei uma mensagem.

Fred>> Onde está você?

Ricardo>> Levando Clarinha na escola para poder começar a trabalhar. O que foi?

Ele já sabia que existia algo, ainda mais que nem o cumprimentei direito.

Fred>> Tati já está no restaurante?

Ricardo>> Vou ligar para ela, está sim. Entra pela porta lateral, não vai embora sem falar comigo.

Ainda bem que não pediu mais explicações por mensagem, não estava a fim contar a história mais de uma vez, por mensagem e pessoalmente.

Saí do carro e quando me aproximei da porta, lá estava Tati com um sorriso acolhedor.

— Não foi trabalhar hoje? — perguntou conferindo minha roupa habitual de trabalho.

— Demitido — falei fazendo uma careta e entrando na cozinha.

— Vamos para o escritório, estou precisando mesmo de uma mão de obra escrava e depressiva para me ajudar — falou de brincadeira e seguiu caminhando pelo restaurante.

— Você está andando muito com Ricardo.

— Durmo com ele todas as noites, eu tinha que aprender algo, certo? — Ela abriu a porta do escritório e ligou o computador. — O que aconteceu? Te obrigaram a usar gravata e você não aceitou?

— Antes fosse, trocaram de dono, já estava prevendo que iria embora. O cara não ia deixar um estranho em uma posição de confiança como a minha.

— Pelo menos não foi pela competência, certo? — Ela apontou para a cadeira na frente da mesa. — Ricardo ligou tão preocupado, ainda bem que foi apenas isso.

— Apenas isso?

Tati sorriu como se soubesse o segredo do mundo e me bati mentalmente por ter aberto minha boca para quem não entendia nada sobre perder emprego, já que ela desde sempre trabalhou nesse restaurante que era do seu pai e agora dela e Ricardo.

— É, foi nada demais... — Levantei e ela puxou a manga da minha jaqueta do terno.

— Pode parar com isso. Desculpe se te ofendi, disse que era apenas isso, porque emprego você vai conseguir um novo ainda hoje, pode ter certeza. — Sentei franzindo a testa e ela me soltou. — Mas isso só vai acontecer se você sair dessa posição de coitado. Você não é qualquer um, é formado, tem anos de experiência, quantas empresas já não te assediaram enquanto estava nesse emprego?

Carvalho, essa mulher era muito inteligente ou eu que tinha ficado burro por conta do pé na bunda. Dois pés na bunda.

— Cara, eu recusei uma proposta para trabalhar com venda de carros importados, porque é bem diferente dos carros populares, os clientes são outros, a forma de vender é outra...

— Olha que maravilha, um novo desafio para você. Entra em contato com todos eles e faça sua melhor oferta. — Ela virou o monitor e apontou algo para mim. — Agora me ajuda a resolver o problema desse sistema que não quer emitir nota fiscal. O suporte já veio duas vezes aqui e não resolveu.

— Ah, o problema com o certificado digital de novo? — Lembrei da

última vez que vim ajudá-los por com isso, peguei o teclado e mexi. Estava me sentindo mais leve e menos bloqueado, nem acreditava que com apenas uma conversa, uma frase, a luz no fim do túnel apareceu.

— Sabia que você salvaria meu dia! — Ela bateu no meu ombro. — Mas também posso fazer uma oferta de emprego para cá. Tem a melhor comida da cidade e você poderá folgar aos sábados.

— Só que terá que usar gravata, primo — Ricardo entrou na sala e me levantei para cumprimentá-lo. — O que foi?

— Fui demitido, mas não me sinto mais perdido como antes. É que dois pés na bunda, em menos de dois dias, é de desnortear qualquer um.

— Dois? — Tati questionou e percebi que falei mais do que deveria. Voltei a sentar e fingi que não escutei a pergunta.

— Não me diga que você arranhou uma mulher? — Ricardo insistiu pegando uma cadeira e ficando ao meu lado enquanto mexia no computador.

— É uma longa história. A questão é que ela não me quer, então, vida que segue.

— Oh meu Deus, ela não quis nada com o pegador Fred Saad? — Tati zombou e Ricardo a olhou com repreensão. — É assim que as minhas amigas falam dele. Ninguém mandou passar o rodo em todas elas.

Terminei de arrumar, olhei para a esposa do meu primo e refleti na merda que fiz da minha vida. No dia que eu pensasse em ter um relacionamento sério, não conseguiria esconder meu passado.

— Ela não conhece minha fama. O problema foi que ela trabalha demais, cuida sozinha do pai e o irmão está preso.

— A nora que sua mãe pediu à Deus. Está esperando o quê para arrastar a bunda no caco de vidro por ela? — Ricardo falou e Tati me olhou com expectativa.

Essa era a parte de ter a família próxima que mais me incomodava, os palpites sem medida, principalmente quando não foram solicitados.

— Bem, vim aqui para desabafar sobre o rumo da minha vida profissional, já consegui, posso ir embora e deixar vocês trabalharem.

— Saindo pela tangente, você só perde para seu irmão mal-humorado — Ricardo falou e nos levantamos para um abraço de despedida. Pelo menos não insistiu no assunto.

Eu não iria continuar com Luana, muito menos implorar para estar junto, se foi ela quem não quis estar comigo no primeiro momento.

Meu primo me acompanhou até o carro e quando entrei e baixe o vidro para um cumprimento final, ele falou:

— Se você queria calma, namorasse com um maracujá.

— Puta que pariu, cara, para de ficar lendo esses memes da internet, você está ficando cada dia pior — falei rindo por ser uma piada tão sem graça ao mesmo tempo que tinha toda razão.

— Acha que eu e Tati estamos na paz hoje por quê? Sofri por ela, implorava para ter só um beijo, enquanto ela se divertia com as amigas e me esnobava. Corri atrás, mostrei meu valor e que valeria a pena estar comigo. — Olhou para mim com emoção. — Olha a nossa filha, que maravilhosa.

— Isso quer dizer o quê, Ricardo?

— Se ela te corresponde, se os obstáculos são externos, não se intimide com o primeiro não que receber, às vezes, ela só precisa saber que você vai fazer o mesmo esforço que ela para que vocês fiquem juntos.

Porra. Precisava arranjar outro emprego primeiro e não pensar nos assuntos do coração, ou melhor, no meu pau. Estava virando um bobo apaixonado ao pensar dessa forma, isso não tinha nada a ver comigo.

Liguei o carro e ri.

— Pare de assistir comédia romântica, isso está te tornando uma bichona.

— Sei que vai pensar no que falei — gritou quando comecei a dar ré. Mostrei o dedo médio para ele, mas o meu primo sabia, eu ia pensar sobre isso e pior, agiria.



Capítulo 22

Fred

Voltei para casa mais leve e com vários objetivos. Iria colocar meus e-mails em ordem, atualizar o meu currículo e acionar todos os meus contatos sobre a minha disponibilização para trabalhar.

Desempregado não era um status que poderia me dar o luxo.

Sentado à mesa, olhei algumas vezes para o sofá e foi impossível não relembrar meu domingo, desde o ápice até a fossa. O beijo de despedida que dei em Luana me matou por dentro, era estranho ter sentimentos por alguém quando tudo o que mais fazia era sempre estar desapegado disso.

Por que com ela era diferente?

Mesmo com alguns desvios, consegui focar no que precisava, eu valorizava muito meu lado profissional e não me via enlaçado com alguém sem estar bem posicionado no mercado de trabalho. Meus pais me deram tudo, não queria nada menos do que eu tive.

Quando resolvi parar e almoçar o que sobrou da comida da minha mãe de domingo, peguei o celular e liguei para meu irmão. Mesmo que eu tivesse recebido o pé na bunda, não deixaria de saber mais sobre a mulher que movimentou uma montanha dentro de mim.

— *Fala irmão* — Leo atendeu ofegante.

— Está onde? Pode falar? — O micro-ondas tocou, peguei o prato de comida e fui para a mesa.

— *Correndo na esteira, trouxe. Tenho mais 5 minutos apenas, o que quer?* — Ele estava em seu modo mal-humorado, que ótimo.

— Se eu te der um endereço de uma casa, você consegue saber quem são as pessoas que moram nela?

— *O que não encontro, tenho alguém que faz isso para mim. Para que você quer?*

— Uma amiga, só estou curioso — falei colocando o celular no viva voz, deixando-o em cima da mesa e começando a almoçar.

— *Uma amiga que você fodeu, com certeza. Fred, você não precisa saber o histórico familiar das suas peguetes* — falou com ironia e percebi que tinha parado de correr.

— Poderia deixar a piada para outro dia? Você sabe que comigo você perde.

— *E você sabe que se me irritar, não te faço nenhum favor* — rebateu, mas diferente de todos na família, apesar de turrão, Leo tinha um enorme coração e não negava tão fácil assim.

— Rua das Laranjeiras, 114, no bairro Universitário — falei já sabendo de cor o endereço e o caminho até aquele casebre. Caralho, ela precisava de um chuveiro novo, quantas vezes ela tomou banho frio quando o clima estava mais fresco?

— *Me dê dois minutos, estou subindo para minha sala.*

Aproveitei para comer, puxei o notebook para que eu visse a tela e coloquei no aplicativo de mapas esse endereço. Mudei a visão para ser o modo rua e lá estava ela, saindo de casa quando a empresa passou por ela para registrar as imagens das casas. Percebi que não tinha nenhuma foto dela e mesmo sabendo que não teria mais contato, eu queria algo para recordar além do seu cheiro na minha cama.

— *Esse é o tipo de casa que passou de geração para geração sem mudar a documentação, só existem contratos de compra e venda registrados em cartório. No último senso, foi registrado três moradores, José Aparecido de Lima, Aparecido de Lima Júnior e Luana de Lima.* — Não me surpreendi com as informações conseguidas, porque a empresa que meu irmão trabalhava era referência em segurança.

— Quem é o pai? José ou o Aparecido?

— *José tem três filhos, dois moram com ele na casa e um se chama Aaron de Lima, mora perto da sua casa, inclusive.*

Larguei o talher e fui mexer no notebook. Além do nome não ser estranho, recordava muito bem de Luana nunca ter comentado de um terceiro irmão. Ela reclamou que omiti Alexia, com certeza não faria o mesmo, certo?

Ou... deveria ser algum filho fora da família que ela não tinha contato e se o cara morasse no mesmo bairro que eu, tinha condições de ajudar os dois que estavam em uma situação complicada. Quem sabia, ela não precisaria mais trabalhar tanto.

— *Quer saber mais?* — Leo questionou e deu um risinho sem vergonha. — *Estou com a foto dos três, Luana não faz seu tipo, cara, por que o interesse nessa casa? Um deles está preso, coisa pesada, cara.*

— Deixa eu só... — Pesquisei na minha rede social o nome Aaron e não achei. Depois pesquisei no e-mail e descobri de onde conhecia esse cara, era

a pessoa que entrou em contato comigo da Concessionária de Carros Importados.

O mundo não poderia ser pequeno assim, ou poderia?

— Existe muitos homônimos de Aaron de Lima? — questionei para o meu irmão que riu baixo.

— *Mais fácil eu ler a ficha do Aaron aqui para saber se é o mesmo que você quer saber. Sua mãe é casada com Euclides da Cunha, o ex-governador, lembra dele? Agora eles são dono daquela...*

— Concessionária de Carros Importados — completei em choque. Realmente havia algo que cruzaria minha vida com Luana, esse enlace improvável estava ficando cada vez mais predestinado que improvável.

Porra, já estava pensando como Alexia.

— *Conhece? E espera um pouco, você está pensando em mudar de emprego?*

— Fui demitido, longa história. Voltando aos três filhos, qual a idade deles?

— *Aaron tem vinte e oito, Luana tem vinte e cinco e Aparecido tem vinte e dois. Esse mais novo é um delinquente, mexeu com a facção errada e está fodido para o resto da vida.*

Larguei o notebook, fechei os olhos e respirei fundo. Não poderia ser assim, Luana não deveria pagar pelos erros do irmão. Meu coração estava apertado, o conselho de Ricardo pairou na minha mente e ficar parado não era uma opção.

— Existe a chance de negociar com essa facção, Leo?

— *Por que você quer mexer com essa gente, cara?*

— Luana. Conheci essa mulher em um bar, a gente ficou e...

— *Ela achou que você fosse rico e iria salvar sua pele? Passa longe desse povo, para de frequentar a quebradeira, não estamos mais na faculdade!*

— Não fala merda, não sabe nem da metade do que aconteceu — soltei com irritação.

— *Que se foda então, troux. A próxima vez que quiser saber algo, não me ligue.*

Encerrou a ligação e gemi de frustração. Sabia que meu irmão ficaria alguns dias de cara virada comigo, eu nem tinha brigado com ele sobre seu comportamento no nosso último encontro, por conta da Alexia.

Voltei a olhar para o sofá e esperei que alguma ideia surgisse na minha mente, mas só opções idiotas apareceram. Bem, agora que estava com tempo

livre, que fosse dessa forma.

Não era mais questão de me abrir a um relacionamento, como minha mãe pediu, mas de fazer algo que realmente queria, que era conquistar essa mulher.



Capítulo 23

Fred

Descobri que era um homem sem um pedaço importante da masculinidade. Cacei uma caixa de ferramentas em casa e não tinha, nem lembrava quando foi a última vez que concertei algo para precisar de uma.

Meu pai era um homem de verdade, a realidade era essa e seria a caixa dele que usaria para meu próximo passo.

Deixei que o dia passasse e me atualizei sobre o mercado de automóveis. Apesar de trabalhar na área, pela falta de tempo e um pouco de comodismo, não fazia minha lição de casa. A crise ainda estava assombrando minha área de atuação, mas pelos retornos dos e-mails, as empresas estavam precisando de um bom profissional.

Manter contatos profissionais e nunca fechar uma porta que lhe foi aberta era primordial. Agendei entrevistas para a semana inteira, no período da manhã e na sexta iria fazer todo o procedimento para assinar minha rescisão.

Estava tudo encaminhado, menos meu plano de conquistar Luana. Ela não tinha tempo para se relacionar, certo? Bem, mostraria que era possível fazermos o nosso tempo, ainda mais eu estando essa semana livre.

No outro dia a minha demissão, depois de passar na academia de Bastião e contar o que me aconteceu, fui para a casa dos meus pais. Bancários aposentados, eles curtiam os hobbies em casa e aproveitavam a melhor idade, sem obrigação e sem ter filhos por perto.

— Oi mãe — cheguei pela porta da cozinha e a cumprimentei com um beijo no rosto. Ela estava fazendo alguma receita nova pela quantidade de ingredientes em cima do balcão da pia.

— O que aconteceu meu filho? Por que não está com roupa de trabalho?

— Estou com uma nova proposta de emprego, mãe. Não se preocupe — mascarei a verdade, porque dona Bety era a primeira oferecer dinheiro quando um dos filhos reclamavam da falta dele.

— Fica para o almoço então? — perguntou desconfiada.

— Hoje não dá, mãe. Preciso ajudar uma pessoa.

— É aquela moça de domingo? — mudou seu semblante para interessada.

Ela e seu pedido para arranjar uma nora, isso ainda me daria outro tipo de dor de cabeça. Qual era o problema de deixar as coisas fluírem?

— Sem pressão, mãe. — Afastei-me dela e fui atrás das ferramentas.
— Sem pressão! — falei alto por cima do meu ombro.

— Oi meu filho, vem me dar uma mão — meu pai chamou do escritório e lá estava ele com um antigo rádio relógio aberto.

— Sabe que sou péssimo para solda, pai — reclamei quando segurei o fio de estanho que ele me direcionou.

— Só segura, meu filho, é apenas um fio.

Foi rápido, largamos as coisas que tínhamos na mão de lado e nos cumprimentamos.

— Está tudo bem? Por que está esse horário em casa?

— Vai ficar, não precisa se preocupar. Fui demitido ontem, mas já tenho três entrevistas marcadas para amanhã e quinta. Está tudo certo.

— Sei que sim, você é um ótimo profissional — falou com orgulho, o que me ajudou a ter mais alívio para o que pretendia fazer.

— Como troco chuveiro, pai?

Ele parou de guardar as ferramentas, olhou para mim e controlou o riso.

— Não entendi, meu filho.

— Trocar chuveiro deve ser fácil, não? Você me ensina.

— Eu faço isso para você e lá te ensino.

Droga, pai, você não está facilitando. A última coisa que queria era contar o real motivo e ter minha mãe escutando tudo. Do jeito que estava, era capaz de começar a fazer a lista de convidados do nosso casamento.

— Não é em casa, pai. É para uma amiga — falei baixo a última frase e emendei outra quando ele ia abrir a boca: —, não conte para a mãe, só me ensine e não pergunte mais nada, porque eu mesmo não entendo.

— Uma amiga? — Levantou uma sobrancelha e virou para pegar outra caixa de ferramenta.

— Metade do que você está imaginando é verdade e outra metade não. Só vamos terminar com isso, por favor?

Meu pai pegou um chuveiro antigo em uma das várias caixas de ferramentas, seguiu comigo até o banheiro da área externa e me mostrou mais ou menos o que precisava fazer. Não era difícil, a verdade era que minha maior preocupação tinha a ver com levar um choque, mas nada que usar a luva que

meu pai colocou dentro da caixa que eu iria levar não ajudasse.

— Posso ficar com essa para mim, pai? — pedi quando saí do escritório com a caixa de ferramentas na mão.

Ele não aguentou e riu alto, me deixando sem graça e claro, me fazendo rir também. Porra, estava virando o meu pai, só poderia estar interessado na mulher.

— Tentando provar alguma coisa a ela? — perguntou antes de chegarmos na cozinha.

— A intenção é que ela mude o não para sim. Como não sou filho de pai assustado, vou para a guerra — falei divertido e minha mãe me encarou com os olhos brilhando.

— Ela parece ser uma moça tão comprometida, filho. Trabalhadora e sofrida, não judie dela.

— E desde quando eu faço isso com as mulheres, mãe? Não vim aqui pegar objetos de tortura... não para elas. — Beije seu rosto e acenei para o meu pai. — Tchau, amanhã venho almoçar com vocês.

— Farei um bolo para que você leve para ela.

Oh meu Deus, lá vinha dona Bety se portando como sogra pela primeira vez. Não estava nos meus planos ver isso acontecer justo agora.

Com o equipamento em mãos, agora era o momento de ir no mercado comprar o chuveiro, nosso almoço e quando seu expediente acabasse, ir para a sua casa executar os trabalhos.

Ela poderia falar não para mim, mas seria impossível não falar sim para o chuveiro quente e comida.



Capítulo 24

Luana

Nem acreditava que estava conseguindo manter meu humor. Com certeza deveria ser o repouso de Joilson, não ter que me sentir uma vagabunda depois do expediente do bar era reconfortante, mesmo que meu coração estivesse sangrando.

Esse foi um dos nãoos que mais me doeu falar, porque havia um lado que queria gritar sim. Calejada, era melhor sofrer agora, quando o desapego seria mais fácil, do que depois dele ter se infiltrado no meu sistema.

Distraída olhando para a porta do mercado, não percebi quem estava no meu caixa até que o vi se pôr a minha frente.

— Fred? — falei assustada, tanto por estar ali quanto por sua roupa ser diferente da que estava habituada a vê-lo. Short cargo e camiseta polo, parecia de passeio como no nosso domingo. Meu ventre se contraiu e briguei comigo mesma por pensar nessas cenas em horário de trabalho.

— Oi Luana. Já almoçou? — perguntou voltando para o seu carrinho e colocando os itens na esteira.

— Não, mas... por que quer saber? — Peguei um pacote para passar no leitor.

— Não sou perito na cozinha, mas sei pedir comida como ninguém. E... — Ele pegou um chuveiro do carrinho e quase engasguei com a saliva. Fred pretendia fazer o que eu estava pensando? — Tenho uma caixa de ferramentas no carro e fiz um curso expresso com meu pai agora mais cedo, tenho um chuveiro para trocar.

Sim, o filho da mãe estava disposto a me fazer apaixonar, mesmo não podendo. Minha vida não era tão fácil como a dele, será que era tão difícil entender? Precisava mudar esse cenário antes que quem estivesse implorando pelo seu amor e atenção fosse eu.

— Você não vai em casa, Fred — falei sem humor e continuei passando as coisas no leitor, que já estava acabando. Custava ele ter comprado um pouco mais para poder continuar falando?

— Sim, eu vou.

— Não preciso da sua ajuda, quem estava incomodado com a água gelada era você. Como o banho lá nunca mais vai acontecer...

— Ricardo e seus conselhos — ele me interrompeu falando para o teto. Seu olhar voltou para mim e havia terminado de passar suas compras. — Você não quer nem tentar?

Hesitei enquanto guardava suas compras nas sacolas.

— Não é questão do que eu quero, mas o que é o certo a fazer. Quer mesmo se envolver com o meu drama? Está disposto a doar seu tempo mais do que eu vou doar o meu? — Falei o valor da compra e ele me entregou o cartão, que coloquei na máquina e esperei o sistema processar.

Poderia ser um capricho da minha parte, mas havia prometido a mim mesma que só me relacionaria com alguém que realmente valesse a pena.

— Será que vindo aqui, no seu horário de expediente, dizendo que quero almoçar com você, aproveitar o horário antes de começar a trabalhar no bar, não é dizer sim, eu quero, para as suas perguntas?

Então minha ficha caiu e fiquei preocupada.

— Você não está trabalhando agora de manhã?

— Estou desempregado, mas é temporário. Posso aproveitar esse tempo livre com você?

Era possível dizer não? Claro que sim, deveria antes que colocasse a doce senhora da sua mãe no meio da minha vida desajustada.

— Eu saio às quinze horas — falei sem o olhar. Senti seu rosto se aproximar do meu e um beijo ser deixado na minha bochecha antes dele se afastar.

— Uau, que homem — a moça que entrou no meu caixa falou olhando Fred se afastar e num impulso, falei com um sorriso amarelo:

— Meu noivo.

Ainda bem que minha cliente teve a decência de corar e focar nas suas compras, porque meu ataque de ciúmes poderia ser pior do que essa mentira. Droga, ter um homem bonito ao meu lado não seria fácil, a insegurança deveria ficar longe.

Trabalhei olhando a todo momento para a porta do mercado. Por não o ver, mais e mais a desconfiança de que tudo foi uma brincadeira me dominava.

Assim que fechei meu caixa e anunciei minha saída, o sorriso foi impossível de esconder quando Fred, do lado de fora do mercado, em uma vaga de estacionamento próxima da entrada, me esperava.

Eu o queria beijar, matar a saudade que meu corpo e alma sentia, mas só abri a porta do passageiro e ele abriu do motorista, entramos juntos.

— Estou com a comida no carro, pedi para o seu pai também, não sabia se ele estaria em casa ou não.

Depois que coloquei o cinto, inclinei meu corpo até ele, beijei seus lábios várias vezes antes de me controlar e voltar para a minha posição.

— Obrigado. O que foi isso? — perguntou manobrando o carro para sair do estacionamento.

— Nunca sei os horários do meu pai, mas só por pensar nele já aqueceu meu coração. Se não estiver em casa, quando aparecer vai esquentar a comida e se fartar. Obrigada você.

Com minha mão na sua, ele trouxe para sua perna e guiou até em casa.

— Confesso que esse será o primeiro chuveiro que troco na minha vida — falou divertido e ri apertando sua mão.

— Só não queime a casa, não tenho outra para ir morar. — Ele pareceu ter mudado a postura e isso me lembrou da sua roupa informal. — Por que está desempregado? Seu emprego não era bom?

— Já imaginava que algo como isso poderia acontecer. Mudou o dono da empresa e fui uma das baixas. Não se preocupe, já agendei outras entrevistas para amanhã e quinta-feira, sei que uma delas será minha.

— Tenho certeza que sim, você é muito insistente quando quer — falei confiante como ele, que riu e beijou minha mão.

— Esse é o mal da família, quando quer algo, só para quando conseguir.

— Eu chamo isso de teimosia.

— No meu dicionário, isso é persistência — falou me olhando de lado com um sorriso pecador. Meu corpo inteiro se acendeu e o carinho que seu dedo fazia na minha mão contribuiu para que meus pensamentos fossem proibidos para menores de dezoito anos.

— O cheiro da comida está delicioso — falei mudando de assunto, esfreguei minhas pernas para aplacar a ardência que estava sentindo e percebendo, Fred colocou nossas mãos unidas perto da minha virilha.

— Acho que você quer dizer sobre outra fome — seu tom era rouco.

— Só posso estar na TPM, ignora Fred — falei com vergonha.

Parou o carro no semáforo, virou o rosto para mim e deixou nossas mãos descenderem até minha virilha. Olhei para ele com assombro, que virou luxúria assim que fricção começou a me deixar louca.

— Você precisa focar na direção — falei tentando não gaguejar.

— Estou focado na direção, é você que precisa focar na minha mão.

Fred voltou a dirigir e eu, a me contorcer com seu toque. Mesmo sendo por cima da calça, estava a poucos segundos de explodir. Como ele tinha esse poder sobre mim?

— Meu Deus, que vergonha — minha voz soou quase com um gemido e para judiar de mim, acelerou os movimentos e me fez gozar na sua mão, de roupa. Minha mão se livrou do seu agarre e com as duas cobri meu rosto. Só poderia ser a TPM, nunca fico desesperada em outra época.

Percebi que o carro parou e desafivelando os cintos, Fred me abraçou e beijou minha cabeça várias vezes antes de falar:

— Preciso dizer, você é a mulher mais incrível que já conheci. Não tem medo da sua sexualidade, apesar de ter vergonha. Pode ficar tranquila, comigo você pode ser quem você é. — Ergueu minha cabeça, beijou minha boca e se afastou. — Chegamos, tenho um chuveiro para trocar.



Capítulo 25

Fred

— Seu pai nunca se relacionou com outra mulher depois da sua mãe?
— perguntei com segundas intenções, precisava sondar até que ponto ela conhecia Aaron e depois, faria o interrogatório com ele.

Estava em cima de uma cadeira que parecia que a qualquer momento cairia comigo. Desligamos o padrão da casa, tirei o chuveiro antigo e estava na fase de colocar um novo. A porra dos fios eram de cores diferentes, estava a ponto de ligar para o meu pai para saber qual eu ligava em quê.

Já havíamos comido, seu pai não estava e a refeição extra foi guardada na geladeira.

— Não, meus pais foram namorados de colégio, se casaram quando minha mãe ficou grávida de mim — ela falou da porta do banheiro, estava me olhando de um jeito que estava me sentindo orgulhoso da minha loucura.

— Ou seja, nenhum namoro antes? Pulada de cerca? — falei em tom de brincadeira e ela sorriu.

— Não que eu saiba. Minha mãe dizia que um foi feito para o outro, que o enlace deles estava escrito nas estrelas. — Ela se aproximou ainda com humor divertido, eu ainda estava preocupado, tanto pelas suas palavras quanto por estar quase desistindo de trocar o chuveiro do caralho. — O branco é o neutro, então liga o fio nesse aqui. Os outros podem ser qualquer um, a fase é 220.

— Como você sabe dessas coisas? — perguntei ainda com dúvida.

— Falei para você que meu problema era tempo e não incapacidade.
— Piscou um olho e saiu do banheiro. — E a história dos seus pais, como é?

— Meu pai conta que demorou quase três meses para conseguir segurar a mão da minha mãe pela primeira vez. Seus pais a doutrinaram que ela precisava estudar para ser alguém na vida, relacionamento amoroso não estava nos planos.

Uni os fios engolindo em seco ao perceber que estava no mesmo caminho deles. Coloquei o chuveiro no cano e fiz o acabamento em tudo percebendo que estava como o meu pai quando queria agradar minha mãe.

Estava me sentindo bem, apesar do incômodo e o trabalho. O sorriso de Luana para mim estava sendo um grande motivador, ainda mais que ela

poderia estar mais confortável na sua casa.

Desci da cadeira, olhei pela porta do banheiro e a vi dobrando as roupas no quarto que ficava de frente. Ela tinha uma destreza e leveza quando fazia isso, estava me deixando hipnotizado.

— Uma pena que meu irmão nunca viu a beleza do relacionamento dos meus pais, ele sempre dizia que não passava de uma farsa, as vezes colocava a culpa da morte da mamãe no pai. — Ela suspirou e colocou as roupas empilhadas dentro do guarda-roupa, nem percebeu que eu estava observando-a. — Ele sempre tinha tanta raiva dentro de si. Sempre quis fazer algo, mas nunca consegui o alcançar.

— E se ele descobriu que seu pai tinha outra família? — questionei e ela me encarou chateada.

— Meu pai é humilde e trabalhador, Fred. Não confunda as coisas.

Apressei-me em unir nossos corpos, abracei sua cintura e depois alisei seu cabelo para que seus olhos encontrassem os meus. Luana era linda e tinha um enorme coração.

Já havia conseguido o que queria, ela não sabia desse irmão mais velho e, provavelmente, Aparecido sabia. Conversar com uma pessoa na prisão não estava nos meus planos, por isso pretendia vir aqui em um momento que estivesse apenas o seu José.

Além de fazê-la dizer sim para mim, estava mexendo no seu drama familiar. Estava me sentindo um parente curioso, daqueles que dão mil e um palpites e achava que sabe o que era melhor para nós. Só que, agora que tinha uma migalha da sua vida, eu queria o prato inteiro de comida.

— Quanto tempo ainda temos?

— Vinte minutos, mas não se engane, preciso testar a ligação do chuveiro antes de você explodir a casa.

— Testar?

— Meu Deus, seu pai não te ensinou a ser o homem da casa? — brincou beijando meu nariz e saindo dos meus braços.

— Ele tentou, na verdade, ele ainda é o homem da casa, até da minha — falei divertido.

Vi Luana ir para o lado de fora da casa, algumas luzes se acenderam indicando que o padrão foi ligado e voltou com uma chave de fenda. Segura de si, subiu na cadeira que estava no banheiro, testou cada fio que conectei, uma luz se acendeu na base da chave e revirei os olhos ao perceber que eu também sabia

fazer isso, só tinha esquecido.

— Vamos testar? — Luana perguntou tirando a cadeira do banheiro e começando a se despir.

Já estava com bolas azuis desde o carro, precisava pôr para fora o tanto que segurei até então. Removi minha roupa com pressa e rimos do meu desespero. Até estar nu, meu membro já estava a postos para voltar a ter contato com sua boceta.

— Você abre, morro de medo de levar choque — falou se afastando ao máximo e como não poderia perder o momento, virei o registro e fingi levar um choque, fazendo-a gritar e rir ao mesmo tempo que eu colocava uma mão no seu braço.

— Filho da mãe!

Bateu no meu peito, a água gelada entre nós se transformando em quente deu uma sensação maravilhosa. Puxei-a para mim, tomei sua boca e ávida, enlaçou uma perna no meu quadril e se esfregou em mim.

Putaquepariu, que ela ficasse de TPM pelo resto dos meses, porque estava pronta e fogosa para mim novamente.

Flexionei as pernas, encaixei meu membro e continuei beijando-a enquanto metia com desespero. A sensação era diferente, estava tudo mais sensível e intenso.

— Oh, Fred, eu vou...

— Vamos gozar juntos, Luana. Vem comigo. — Coloquei seu corpo contra a parede e nos esfregamos como dois desesperados. Nem parecia que estávamos apenas há dois dias sem transar, era uma necessidade avassaladora que nos dominava.

Quando apertei sua bunda e meti fundo, seu corpo tremeu com o clímax e o meu se arrepiou, tanto de prazer por ter encontrado o ápice quanto por perceber, apenas agora, que não havia usado camisinha.

Ca.Ra.Lho.



Capítulo 26

Fred

O clima pesou depois que saí de dentro dela, sua mão foi para entre suas pernas e senti a minha porra escorrer. Ela virou de costas para mim, pegou o chuveirinho e começou a se limpar enquanto eu pensava na melhor forma de dizer que... o quê? Estava tudo bem? Estou saudável, fiz exames recentemente? E você, não tem nenhuma doença não, certo? E anticoncepcional?

Não poderia trazer um filho para esse mundo enquanto estava desempregado.

Também pensei em um pequeno herdeiro correndo pelo haras com outros primos e meu coração se encheu de uma sensação de satisfação.

No final das contas, o que dominou foi o medo.

— Luana...

— Está tudo bem, foi só uma vez, não é tão fácil assim engravidar — falou baixo e continuou tomando banho com o chuveirinho, agora molhava o corpo. — Sempre quis usar um chuveirinho, obrigada. Eu posso te pagar...

— Não estamos falando em pagar o que fiz aqui, certo? — falei um pouco chateado, peguei o sabonete e comecei a me ensaboar. A cortina começava a me tocar a cada movimento brusco e isso começou a me irritar.

— Também não tenho nenhuma DST. Apesar de ter ido ao médico há mais de um ano e meio, esse é todo o tempo que estava sem transar. — Não olhou para mim, não lavou o cabelo mesmo estando molhado, apenas saiu e me deixou com o coração entalado na garganta. Ou seria meu medo?

Como as pessoas agiam depois de transar sem camisinha de forma inconsciente? Isso, na minha escola da vida, não foi ensinado, até porque, nunca transei com a mesma pessoa em tão pouco tempo, nunca cheguei a ter tanta confiança para relaxar e esquecer que existia todo um protocolo para se transar.

Terminei o banho, Luana deixou uma toalha em cima da pia e me enxuguei com a cabeça longe. Não estava conseguindo raciocinar direito, parecia fácil dizer que queria um relacionamento, só que na prática, eu não conseguia encontrar qual a ação certa para esse momento.

— Fred, preciso iniciar meu expediente no bar. — Ela estralou o dedo no meu rosto, pisquei várias vezes para perceber que estava olhando meu reflexo no espelho sem realmente me ver, como ela fez em casa.

— Ah, sim, desculpe. Eu já vou — falei saindo do banheiro e indo até a porta de entrada.

Quando a abri, percebi que estava esquecendo algo e essa sensação era a pior de todas para se ter. Olhei para dentro da casa, esperei Luana aparecer do meu lado para pegá-la pela cintura e beijar sua boca com carinho. Foi ela quem abriu a boca e procurou minha língua para nos fartarmos.

O suspiro que ela deu me fez abraçá-la forte, porque eu queria dizer, de alguma forma, que não iria embora amanhã. O motivo disso? Não sabia, porque o medo, de alguma forma, estava nublando o que eu realmente deveria ver.

— Amanhã te vejo no bar, tudo bem? — falei abrindo a porta e saímos de mãos dadas até meu carro.

— Vou te esperar — respondeu entrando no carro e não me encarando mais.

O silêncio imperou e assim que ela desceu do carro para começar seu expediente que mais era uma penitência, lembrei do idiota que se esfregava nela e quase saí do carro para mostrar a ele que agora, Luana tinha alguém que cuidava dela.

Porra, eu faria isso e me deixaria mais tranquilo quanto a esse trabalho. A tensão tomava conta dos meus ombros e braços, estava a ponto de procurar briga com alguém.

Meu celular tocou, me impedindo de demonstrar ser quem comanda a porra toda.

— Fala Guido — cumprimentei meu primo.

— *Estamos tomando uma gelada e vendo o jogo aqui no Miça.*

— Vocês não trabalham, não? — perguntei mudando um pouco minhas intenções de agressivas para passivas. Talvez, o que precisava era relaxar e mudar de foco.

— *A gente sim, mas você não, trouxa. É só uma gelada.*

— Estou a caminho.

Encerrei a ligação e guiei até meus primos. Bastien já tinha aberto a boca e Leo, provavelmente, estava de folga, porque durante a semana ele ficava mais longe que na cidade.

Pensando no meu irmão, esperava que ele tivesse iniciado uma investigação sobre os crimes do irmão de Luana, se era possível pagar em espécie a dívida e... cara, estava mesmo pensando em usar dinheiro da minha

rescisão para pagar uma dívida de um estranho?

Lembrei de Aaron, na entrevista que faria com ele e como abordaria. O cara era cheio de dinheiro, fruto da traição do pai e, pelo jeito, não tinha contato com ele. Será que, mesmo assim, ele ajudaria?

Foi tentando esquecer que transei sem camisinha, que parei no estacionamento do Miça e encontrei a mesa dos três. Lembrei de Alexia, gostava de tê-la por perto quando estava com os meus primos também, mas desde a última vez, no Chale Burguer, ela tem me ignorado.

Não seria a primeira vez e dando o espaço que ela precisava, sempre voltava a falar comigo como se nada tivesse acontecido e eu, a forçaria a ter um círculo de amizade, porque ela não poderia ser tão só.

— Agora que você precisa tomar uma, não tem trabalho amanhã — Bastien me cumprimentou estendendo sua long neck.

— Mas existe a lei seca, eu preciso da minha carteira de motorista — respondi cumprimentando os outros e sentando ao lado do meu irmão. — Preciso de um favor seu.

— Outro? Não sou detetive particular da Igreja, caridade é em outro lugar — falou rancoroso e meus primos riram.

— Esse cara deve estar menstruado — Guido falou para atormentar e conseguiu, não só meu irmão, mas a mim, que queria não pensar em sistema reprodutor feminino.

Meu irmão levantou da cadeira e mostrei o dedo médio para os dois.

— Deixem o garoto em paz, já o estressei pelo dia.

— Então conta sobre sua demissão — Guido pediu.

— É o que falei, trocaram o dono e me fodi. Mas já estou com entrevistas agendadas, não vou ficar sem trabalho. — *Não posso*, complementei na minha cabeça.

Sério mesmo que iria ficar pensando em ter ou não ter filho depois dessa transa? Parecia que tinha voltado a época do colégio, quando eu pegava uma menina e mesmo usando camisinha, esperava até um mês para respirar aliviado, não tinha engravidado.

Que maravilha, retornando aos tempos de desespero ao me imaginar ser pai.



Capítulo 27

Fred

Olhamos o jogo no telão por um tempo, Leo voltou à mesa e o cutuquei com o dedo.

— Desculpa, cara. O negócio é sério, se for precisar pagar, eu faço.

— Para de viadagem. O que precisa? É sobre aquela família que investiguei?

— Está de olho em quem? — Bastein perguntou sem olhar para mim.

— Conheci Luana num bar. A princípio, fui atrás dela porque fiquei curioso com ela. Então, descobri que ela tinha um irmão na prisão, o interesse aumentou e estou aqui.

— Que barra pesada, cara. E se esse cara vem para cima de nós? — Guido perguntou desconfiado e nem cogitei a ideia, porque sabia, de forma sigilosa, que nossa família era protegida de todas as formas por causa de Leo. A verdade era que o trabalho do meu irmão deixava a família em risco muito mais do que a situação de Luana.

— Não exagera, cara. São traficantes, tudo com eles se resolve no dinheiro e quando a pessoa não tem, é na humilhação — Leo falou me encarando. Ele queria saber mais.

— Ela diz que está trabalhando num bar por um ano para que o irmão não seja morto. Se conseguíssemos o contato e ver qual o valor da dívida, estava pensando...

— Em pagar? Ela é tão boa de foder assim? — retrucou Leo de forma insensível. Olhei-o feroz, não deveria falar dessa forma de Luana.

— Dependendo do valor, a gente pode fazer uma cotinha na família. Ninguém merece ter que trabalhar de graça — Bastien falou esquecendo o telão e focando na conversa.

— A ideia inicial é tentar ver isso com um irmão rico que descobri que ela tem — falei fazendo careta. — Vou fazer uma entrevista de emprego com o cara na quinta-feira. Vou sondar o quanto ele sabe sobre ela, porque Luana não sabe sobre ele.

— Tudo bem, eu vejo sobre a dívida. A única coisa que você precisa entender é que, a partir do momento que começar a investigar e perguntar, você precisará ir até o fim, porque senão, quem vai pagar pelo serviço meia boca será

sua mulher. — Leo me encarou de forma intensa. — Não faça merdas até lá.

Engoli suas palavras como se fossem areia, até que chegou na parte “sua mulher”. Sentia como se ela fosse minha? Estava receoso de pensar, ainda mais quando meus primos começarem a me zoar tanto quanto fizemos com Ricardo, quando arranjou Tati.

— Você será a vergonha do quarteto. E também será menos um concorrente — Guido falou brincando e dei de ombros, não tão incomodado quanto pensei que ficaria.

— A mulher tem dois empregos, ela é foda — falei com orgulho.

— Para ser nora da dona Bety precisa ser isso e para conhecer a família tem que ter os poderes da Capitã Marvel. Já pensou a vó Cida querendo saber sobre a família dela, depois te obrigando a casar e depois a terem filhos... — Bastien comentou e precisei tomar toda a minha cerveja para não desabafar além do necessário com eles. O que aconteceu hoje foi apenas um lapso, como Luana disse, não é tão fácil assim engravidar.

Resolvi mudar de assunto, assistimos o jogo e fomos para casa. Leo deixou para mim a promessa de que faria acontecer. Convicto de que, mesmo se não desse certo com Luana, estava fazendo algo de bom para uma pessoa, assumi o compromisso de fazer acontecer.

Lá estava eu, de noite, novamente fazendo o caminho de casa até o bar em que ela trabalhava. Há algumas semanas atrás não imaginava que poderia ter mudado minha vida o encontro com Luana.

De manhã fui em duas entrevistas, um deles exigiu que a veste fosse com gravata e eu, gentilmente, rebati que era o único homem na face da Terra que ficava elegante sem ela. Tudo bem, estava precisando do emprego, mas ainda tinha um pinga de orgulho ativo.

Apesar disso, ambas foram promissoras e dependia mais de mim do que deles me quererem na empresa, porque sim, precisavam alguém do meu potencial e competência para assumir o cargo.

Luana me enviou mensagem de madrugada, eu de manhã e assim, não nos falamos mais. Seus horários eram horríveis, namorar com ela seria um baita esforço, mas não estava intimidado, para mim estava sendo prazeroso.

Estacionei o carro e tentei não deixar a ansiedade tomar conta, ainda mais que além de estar disposto a enfrentar o dono do bar, queria que o dia de amanhã chegasse para confrontar Aaron.

Leo não me deu notícias e esse era outro lado da história que estava

me preocupando. Sabia que meu irmão cuidaria de tudo, era capaz dele assumir tudo e então, eu dever a ele. O filho da mãe tinha o pior humor do mundo e a lealdade mais preciosa.

Entrei no bar com as mesmas roupas formais de outras vezes e sentei no banco do balcão. Luana estava atendendo o pessoal da sinuca e quando virou e me viu, sorriu e não desviou o olhar.

— Boa noite, senhor, em que posso lhe ser útil? — perguntou animada do meu lado e tentei lhe dar um beijo, mas ela se afastou sem graça e apontou com o queixo para o outro lado, para Joilson.

Precisava frear meus impulsos de medir forças, porque sobraria para minha mulher e tudo ficaria muito pior.

Ah, bem lembrado...

— Poderia me dar a honra de ser minha namorada? — falei baixo e quando ela parecia assustada, complementei alto: — Uma long neck, por favor.

Ela piscou várias vezes, corou e entrou para ficar atrás do balcão. O dono do bar veio para se aproximar de Luana e segurando a respiração, vi com destreza ela pegando uma bandeja e se protegendo de ser tocada.

Olhei para ela implorando para que fizesse algo, porque minha vontade era de arrancar todos os dentes da boca desse filho da puta!

Ela serviu outras pessoas antes de mim e percebi, nitidamente, que estava seguindo rotas contrárias daquele homem. Quando chegou em mim, segurei rapidamente sua mão na garrafa e sussurrei:

— Vou te tirar dessa, minha corujinha.

— É apenas alguns meses, eu me viro, só não faça nada — pediu se afastando, saindo detrás do balcão e se aproximando de mim. — Sim, persistente, aceito o namoro. O desastre já está feito mesmo, pelo menos vamos aproveitar enquanto dure — falou baixo.

Tomei um gole da cerveja e não tirei os olhos dela enquanto trabalhava. Não estava confortável de deixá-la sozinha aqui, por mais que ela parecia saber cuidar de si.

Peguei meu celular e enviei uma mensagem para Leo, precisava de urgência nisso, meu coração e nem meus pulsos conseguiriam lidar com essa situação por muito tempo.

Fred>> Conseguiu algo?

Leo>> Está em andamento, há coisas que você não poderá saber. Na hora que precisar do dinheiro, te falo. Não faça nenhuma merda.

Guardei meu celular e voltei a vigiar minha mulher quando senti a sombra do homem a minha frente.

— Eu já te vi por aqui? — O cheiro da cerveja exalava pelos seus poros.

— Não, é a primeira vez que venho — disse sem conseguir conter o tom irônico. Bêbado filho da puta!

— Aquela mulher ali é minha, eu comprei com meu dinheiro. — Ele bateu no peito e contei até cem para não rebater as sandices de um louco.

— Estou tomando a minha cerveja, homem — falei com vontade de jogar a garrafa na cabeça dele.

— Acho bom, porque só estou esperando juntar mais dinheiro para terminar de pagar a dívida do irmão dela e então, ela vai para a minha cama!

A sorte do cara foi que alguém o chamou e se afastou, porque levantei do banco e estava pronto para avançar. Sabia que Luana corria risco, só não imaginava que era tanto e tão iminente.

Não estava me fazendo bem estar aqui e não poder agir. Sabia que qualquer atitude colocaria a perder todo o plano que arquitetei até agora, por isso coloquei notas em cima do balcão e avistei Luana, que correu até mim tentando disfarçar.

— Já vai embora?

— Vou te esperar no carro, vou ficar te olhando de longe, senão vou ser capaz de cometer um crime hoje.

— Desculpe...

— Não, quem precisa se desculpar é aquele homem e um dia ele fará, Luana. Escreve o que disse.



Capítulo 28

Fred

Não sabia dizer se era para me agradar ou acalmar, mas Luana perguntou se não poderíamos dormir na minha casa e claro, estava mais do que satisfeito por isso, porque a teria em meus braços durante a noite e de dia, poderíamos aproveitar o sexo de café da manhã.

Antes de dormirmos, curtimos apaixonados um ao outro, fazendo promessas com o corpo, mente e alma. Como nunca havia me permitido ter um relacionamento, agora que estava em um, não tinha planos para sair tão cedo.

Acordamos cedo, tanto porque ela tinha horário no mercado e eu, tinha a entrevista que estava mexendo com meus nervos. Ela saiu para a cozinha apenas de calcinha e sutiã do meu quarto, depois de um banho sem atividades extras. Ela queria fazer um café da manhã para nós e eu, com minha mente pervertida e nublada pela ansiedade, fui atrás dela nu e a enquadrei na porta da cozinha.

— Fred, temos horário — reclamou gemendo, ela estava com os seios pressionados na porta e meu membro cutucava sua bunda, que se arrebitava para mim.

— Sua boca até sabe disso, mas seu corpo parece que quer um pouco do meu. — Coloquei minha mão dentro da sua calcinha e a senti molhada. — Você também estava pensando em mim enquanto mexia na cozinha, minha corujinha?

— Meu Deus, tem horas que sinto que vou gozar só de você me chamar assim — riu do seu exagero, mas logo gemeu, porque comecei a movimentar meus dedos no seu clitóris. — Uma rapidinha não vai fazer mal..

— Não!

Chuí a curvatura do seu pescoço, coloquei a calcinha de lado e encaixei dentro da sua suavidade. Porra, sem camisinha era outro mundo, estar com ela sem barreira era muito melhor e guiado pelo nosso desejo, trouxe sua boca para a minha e meti enquanto a estimulava até que ela gozou e eu, segurei o máximo que dava.

Não poderia gozar novamente dentro, mas não poderia negar que era o paraíso.

— Vou precisar de outro banho — falou ainda nublada pela luxúria.

— E eu de estar dentro de você.

Tirei sua calcinha, deixei-a de frente para mim para que enlaçasse as pernas na minha cintura e com meu pau encaixado na sua boceta, segui para o segundo banho do dia.

Quem disse que estar em um relacionamento significava não transar?

Mesmo com tantas atividades durante a manhã, o atraso acabou sendo mínimo. Deixei Luana no mercado e fui para a minha entrevista, adiantado uma hora. Acabei ficando no carro, olhando as mensagens no celular e escutando música:

“E quando o sol chegar
A gente ama de novo
A gente liga pro povo
Fala que tá namorando
E casa semana que vem
Deixa o povo falar”

Parei tudo, olhei para o som do carro e arregalei meus olhos, tanto pela música me agradar muito quanto por isso ter sido obra da minha mãe, ou melhor, profecia da dona Bety.

Estava pensando em casar? Essa pergunta não parecia mais tão assustadora quanto há um tempo atrás, ainda mais se eu pensar em passar o resto da minha vida com Luana.

— Vá com calma, Fred, sem pular etapas — falei para mim mesmo e o sorriso que eu tinha estava impossível de conter.

Depois da minha mãe ter conhecido e gostado de Luana, a preocupação de que ela fosse rejeitada caiu para zero. Se a família insistir para casar, acredito que não ficarei chateado, essa pressão não me incomodava mais.

Voltei a olhar para o meu celular e enviei para o grupo:

Fred>> Acho que estou namorando.

Guido>> Menos um para a concorrência. Esse seu topetinho era muito foda de competir.

Bastien>> Ah, o topete de boquete, a loucura das mulheres... de penca.

Fred>> Vocês são uns trouxas, nem chegou dez horas da manhã e já estão com piadinhas sem graça.

Guido>> Quem começou foi você, dizendo sobre namoro. Isso sim

que é a grande piada.

Bastien>> Isso é praga da vó Cida, só pode. Próxima reunião, vou fugir dela.

Leo>> Bora trabalhar, cambada? Fred, vai fazer entrevista de emprego hoje?

Guido>> Leonides, alguém já te falou que você é chato?

Fred>> Estou apenas dando horário para ir conversar com Aaron de Lima, irmão desconhecido de Luana. Preciso de sorte em dobro.

Bastien>> É, pessoal, o cara já está tomando conta da vida da garota, não tem mais solução, ele saiu da competição. Acabou quarteto, agora somos o trio de solteiros.

Fred>> Aproveitem e faça um bom sanduíche, idiotas.

Guido>> Boa sorte, velho.

Bloqueei o celular, saí do carro e com o coração acelerado, caminhei para a Concessionária de Carros Importados. Trabalhar aqui era um tanto medonho, ainda mais por mudar totalmente meu público. Ganharia mais, trabalharia com gente rica e cheia de dinheiro, o cuidado deveria ser maior. Mas, como estava indo para a guerra, na minha mente, nada disso parecia tão assustador como antes.

Cumprimentei a recepcionista, ela chamou Aaron e com um cumprimento forte de mãos, mostrei a que vim, firme e determinado para uma vaga de emprego e também, para jogar no seu colo um passado que talvez não fosse do seu conhecimento.

— Vamos fazer mais um bate papo, conheço um pouco do seu trabalho pelo Pietro, dono da Concessionária onde você trabalhava — Aaron falou enquanto entrávamos no seu escritório. Apontou uma poltrona para que me sentasse, sentou em outra e nos encaramos.

— Ele não é mais o dono. Semana passada aconteceu a mudança de gestão e fui um dos dispensados. Sabe como funciona, o novo dono quer pessoas de sua confiança por perto.

— E você acha que não era de confiança? — O tipo de pergunta numa entrevista que consegue medir o nível da sua humildade, confiança e capacidade de comunicação.

— Acho que não me deram a oportunidade de mostrar que parte dos números da Concessionária tinha a ver comigo. Também é possível que não tenha conseguido fazer isso, já que numa mudança dessa, não poderia esperar

que as pessoas viessem atrás de mim. Aproveitei a oportunidade por conta da dispensa e vim atrás de novos desafios.

— Sim, trabalhar com carros importados não é a mesma coisa que carro popular. Enquanto você vendia de dez a vinte carros populares num mês, aqui, essa média é de um a três. — Seu olhar era interessado, o que ativou minha ansiedade, meu pé não parava de bater no chão. Precisava mostrar meu potencial e também, encontrar uma brecha para falar de Luana.

— Muda o público, muda os produtos, o mercado não está tão aquecido como antes, mas há grandes tendências de melhoras de acordo com algumas matérias que estava lendo. Nada que me intimide, estou preparado para a mudança de ares. — *Não sou filho de pai assustado*, completei na minha mente e sorri para conter o riso. Sabia que trabalhava bem, mas uma negativa era sempre uma negativa.

Conversamos sobre outros assuntos que envolvia meu trabalho, os projetos com os vendedores, a forma de cobrança, vestuário, que agradei a não exigência da gravata e então, sobre família.

Chegou a hora.



Capítulo 29

Fred

— Moro sozinho, mas tenho uma namorada — falei com orgulho, nem sabia que estava me sentindo tão poderoso ao pensar que Luana, minha corujinha, estava comigo.

— Sua família é daqui?

— Grande parte, já que tanto a família do meu pai quanto da minha mãe é enorme. — Mudei minha postura na cadeira e continuei: — E você?

— Ah, eu tenho família pequena e como sabe, meu pai é o dono da Concessionária — respondeu achando estranho. Normalmente, era apenas ele que fazia o questionário e o candidato a vaga apenas seguia o seu bonde. Eu não era uma pessoa qualquer.

— Conhece Luana de Lima? — Franziu a testa em desconhecimento. — Aparecido de Lima ou José Aparecido de Lima?

Ele engasgou, tossiu e me encarou com fúria.

— Quem é você?

— Minha namorada é Luana de Lima. Não me peça detalhes de como ou onde, foque na descoberta. Ela é filha de José, seu pai biológico. — Sutileza não era meu forte, isso era fato.

Ele levantou da poltrona, foi para perto da mesa e então, encarou a rua da janela do escritório. Porra, poderia ter estragado a minha entrevista, mas não tinha como ficar sem esclarecer isso.

— O que quer, dinheiro? — perguntou sem se virar para mim.

Levantei, aproximei dele e nos encaramos. Iria doer, mas falaria tudo:

— De uma certa forma sim. — Levantei a mão para o frear de pensar ou falar algo antes de concluir. — Pelo que percebi, você não conhece seus irmãos, eles são mais novos. Aparecido está preso, José tem fortes indícios de ser alcoólatra e Luana, minha namorada, está pagando uma dívida para que o irmão não seja morto na prisão. Meu irmão tem contatos, ele está resolvendo a parte criminosa da situação, mas precisarei de dinheiro para a ajudar.

— José está vivo? — De tudo o que falei, era apenas isso que ele focou.

— Sim, seu pai está vivo, mas não parece feliz. Luana diz que ele é

pedreiro e está enfrentando dias ruins nas obras. A mulher sustenta a casa sozinha, sei que dá conta, mas não precisa trabalhar de graça num bar onde o filho da puta fica se esfregando nela a cada oportunidade.

— E você veio aqui para me dizer tudo isso. — Suspirou e esfregou o rosto com as mãos, percebi uma aliança no dedo anelar, era casado, compreenderia meu desespero por causa da minha mulher. — Por que me fazer de trouxa e ser entrevistado antes? — falou com chateação.

— Porque não o fiz. Quero essa vaga, já fiz duas outras entrevistas, mas quero estar aqui, ainda mais agora sabendo que você é meu cunhado, isso foi um sinal. — Bati de leve no seu ombro para quebrar o gelo e parecia que ajudou.

— Não oferecemos cabide de emprego e não vou dar dinheiro para uma irmã que nem sei se é de verdade. — Pegou o celular e começou a mexer. — Minha mãe sempre me disse que meu pai biológico morreu, nunca dei importância para isso e agora... — Ele olhou para mim preocupado. — Eles vivem bem?

— Defina bem, Aaron. Semana passada troquei o chuveiro deles, há mais de seis meses eles tomavam banho frio. — Dei um passo para trás e recuei, se era um segredo da mãe dele, o assunto teria que ser resolvido entre eles antes de fechar comigo. — Olha, estou disposto a entregar todo o dinheiro da minha rescisão para pagar a dívida do irmão dela e assim, ela não precisar trabalhar um ano de graça, mas temo que não será suficiente.

— Como saberá quanto precisa pagar e para quem? E se essa mulher está tentando te dar um golpe?

Sorri e dei de ombros, porque ele não sabia nem da metade da história.

— Ela não sabe que estou aqui, muito menos sabe da sua existência. Quando perguntei sobre o relacionamento dos pais, no caso a mãe é falecida, ela me contou que eles são namorados desde o colégio. — Antes que a bomba dele poder ser fruto de uma traição caísse no seu colo, continuei: — Isso pode ser apenas uma história que a mãe contava para confortar, não me importa o que nossos pais fizeram, está no passado. A questão agora é que minha mulher está numa situação horrível e mesmo arriscando meu trabalho, algo que preso acima de tudo, contei e vim pedir ajuda. Não estou pedindo para assumir uma família que não é sua, apenas que faça seu papel de irmão mais velho.

— Ela trabalha onde?

— Faz sete horas seguidas no Mercado Principal e de noite, até meia noite, fica no bar, o pior deles, perto da Universidade.

— E como você conseguiu namorar? Ela tem folga? — pareceu admirado e com orgulho respondi:

— Tive que dar meus pulos, mas os domingos são nossos.

— E quanto mesmo é o valor da dívida dela? — perguntou interessado.

— Não falei e essa dívida não é dela, é do irmão caçula, que acho que sabe sobre você ou de algo do passado. Meu irmão está providenciando tudo, só queria saber se posso contar com você caso eu não consiga pagar tudo.

Ele engoliu em seco, olhou para o celular e suspirou.

— Anote o meu celular pessoal, me dê um tempo, estou um pouco chocado de saber que sou fruto de uma traição.

— Quem sabe se não foi a mãe de Luana a amante? Toda história tem dois lados, por pior que seja, o que importa é o que podemos fazer a partir daqui. — Peguei meu celular, trocamos números e nos despedimos com um aperto de mão. — Se não for pedir muito, não esquece de analisar minha entrevista de emprego — tentei soar divertido.

— Tudo bem — falou de forma robótica, saí da sua sala e vi um homem mais velho entrar na sala do meu cunhado assim que estava saindo da Concessionária.

Primeira etapa do plano executada, agora era momento de focar o pensamento positivo na causa.



Capítulo 30

Fred

Havia saído da minha reunião de rescisão na minha antiga empresa, fiz exame médico demissional, assinaram minha carteira e agora estava livre. O dinheiro seria bom, poderia me bancar por um tempo ou até mesmo criar um negócio apenas meu, mas já estava focado em usar todo esse recurso com Luana.

Vim para a casa de Alexia, a mãe dela estava preparando o almoço na cozinha enquanto estávamos na sala. Precisava contar o que estava sentindo para alguém que não julgasse, essa pessoa era ela.

— Não estou acreditando que você está apaixonado — minha amiga/irmã falou divertida enquanto pintava as unhas do pé.

— Quando você diz parece menos pior do que quando os caras falam.
— Acomodei melhor na poltrona e peguei o controle da TV, já me sentia de casa.
— Nunca deixe sua mãe profetizar algo, se torna realidade.

— Olha como as coisas são, quando você saiu da sua turminha de *pegação*, encontrou a mulher da sua vida. Não precisava da sua mãe para isso, Fred, é clichê demais.

— Clichê? Outra coisa dos seus livros?

— Sim, sua história daria um bom livro — falou sonhadora e a olhei de canto.

— Sua mãe vai ficar decepcionada por não me ter como genro.

— Me dá até calafrio — falou se arrepiando e me doeu um pouco, porque havia algo ali que indicava trauma. — Minha mãe já aceitou que sua filha nunca terá relacionamentos. Estou feliz assim, mulher moderna.

— Nem meu irmão? — insisti e ela me olhou com raiva.

— Desde quando o assunto é sobre mim? Quem veio aqui conversar foi você, Fred — falou ríspida.

— Calma, onça. Estou de boa aqui vendo TV. — Recuei.

— E sobre a dívida do irmão dela, você vai mesmo dar todo o seu dinheiro para quitar?

— Sim, mas só vou dizer a ela depois que fizer. Leo está providenciando tudo.

— O tal irmão vai ajudar?

— Não sei, ele ainda não deu sinal de vida e nem pressionei. Nem imagino qual deve ser a história deles, mas de uma coisa tenho certeza, nem tudo o que a gente sabe é o certo. A prova disso é Luana.

— Imagina receber a notícia de que você tem irmãos por parte de pai... pior, que o pai não está morto. Tenso.

— De qualquer forma, quanto mais a gente rejeita a família, mas a gente anda para trás. Não há o que fazer com o passado, temos que mudar a partir de hoje, como diz minha mãe.

Como Alexia não continuou a conversa, olhei-a e percebi que estava imersa em pensamentos enquanto pintava as unhas. Ela era tão bonita, feminina, mas evitava sair, fez faculdade à distância e agora, trabalhava em casa. O máximo que conseguia fazer era que me acompanhasse quando o quarteto estava junto, mas desde a primeira vez que ela e Leo se estranharam, minha amiga estava se distanciando.

Não sei o motivo dele insistir, comigo ela sempre foi tranquila. No fim das contas, estava confortável para nós dois, essa era a verdade. Só falávamos o que queríamos, sem cobrança.

— Enquanto isso, ela ainda precisará ficar no bar? Não tem como você morar junto com ela?

— Sem casar? Dona Bety vai ter um infarto e minha avó outro. Além do mais, tem o pai. Quem casa, quer casa.

— O pai já é maior de idade, sabe se virar sozinho, Fred — falou parecendo óbvio.

— Luana não percebeu, mas acho que ele anda bebendo o dia inteiro. Sabe a garrafinha de água na mão como se fosse inocente?

— Oh, merda...

— Sim, muita merda. — Troquei de canal algumas vezes. — Pensei em levar os dois para a próxima reunião de família.

— Na sua mãe, você diz.

— Não, com todo mundo. — Olhei para ela, que parecia querer me bater. — O que tem de errado?

— A gente apresenta o namorado primeiro para a mãe, depois para os avós e parentes. Você quer chegar no chefe final antes de passar pelos intermediários. Vai assustar a menina.

— Cara, estou virando uma bichona, agora só penso nela — resmunguei e minha amiga riu alto.

— Qual a graça? — a mãe de Alexia apareceu na sala. — Venham almoçar.

— Fred arranhou uma namorada e está todo babão por ela — Alexia respondeu.

— Sério? — A mãe olhou para mim com desapontamento.

— Eu disse que ela achava que um dia eu seria o genro. Sou irresistível — falei divertido.

— Uma mãe pode sonhar. — As duas trocaram olhares e depois se sentaram à mesa. — Me conte sobre ela, Fred.

Confesso que não parecia nem um pouco cansado ao repetir o que já tinha conversado com Alexia. Luana era uma mulher trabalhadora, linda e de grande coração, mas também arredia e independente. Ela iria brigar com relação a minha intromissão na sua vida, mas para entrar para a família Saad, ela precisaria passar pela prova de fogo, que era ter pessoas cuidando dela enquanto ela focava em outras coisas.



Capítulo 31

Fred

Fred>> Já saiu do mercado? Estou com saudades.

Fred>> Chegou em casa? Fique bem.

Ia enviar uma terceira mensagem, mas estava parecendo um perseguidor. No seu primeiro emprego ela não poderia usar celular e nenhuma das duas mensagens foi visualizada até que chegou perto do seu expediente no bar.

Luana>> Desculpe não responder, você sabe como é a correria da minha vida. Tive que arrumar umas coisas em casa, depois nos falamos.

Fred>> Vou te ver no bar.

Luana>> Não fique preocupado comigo, eu dou um jeito. Sobre Joilson, não se preocupa, quando você não está por perto, ele para de me importunar. Beijos.

Dormi frustrado e não pressionei, porque lembrava sobre tudo o que ela falou comigo durante nossa relação. Luana não tinha tempo e precisava do seu espaço. Precisava acalmar minha mente, tudo estava sendo encaminhado para que ela tivesse mais tempo para nós.

Ficar sem trabalhar e sem ter uma rotina fixa estava me deixando muito ansioso. Além de ter que esperar a ligação de Aaron sobre a ajuda com a família e do meu irmão, sobre ter conseguido acertar com o irmão de Luana, fui gastar meu tempo com suor e pancadaria.

Ontem não vi minha corujinha, a troca de mensagem não foi suficiente para aplacar a minha saudade. Era tão ruim não poder dormir e acordar com ela, nosso dia sempre era muito bom quando estávamos juntos.

Que esse rolo familiar se resolvesse antes de surtar.

Como era sábado, segui para a academia de Bastien. Além das aulas tradicionais e de artes marciais, de sábado ele liberava o tatame para que as pessoas pudessem treinar entre academias e se desafiarem. Era parte do esporte, tudo se resolvia na porrada.

Antes de sair de casa, enviei uma mensagem para Luana mesmo que parecesse que estava sendo um chiclete. Não sabia qual outra forma de mostrar minha preocupação e interesse nela.

Quando cheguei na academia e fui para a sala dos fundos, me

surpreendi por ver Aaron no ringue principal. Sem camiseta e suado, não tinha reparado no tamanho do cara, até porque, estava de terno e a última coisa que fazia na minha vida era reparar em um homem.

Os lutadores estavam com proteção e luvas, o que não amenizava o poder dos golpes.

— E aí, primo. Veio sujar as mãos hoje? — Bastien apareceu perto de mim, nos cumprimentamos com um aperto de mãos e abraço com tapa nas costas. Ele sabia que lutar não era muito minha praia, mas assistir me distraia.

— Hoje vim apenas assistir, está uma merda ficar sem trabalho e com uma namorada que só tem domingo de folga. — Apontei com o queixo para o ringue. — O de azul é o irmão de Luana, Aaron.

— O que estava preso? — questionou surpreso.

— Não, o que ninguém sabia. Mundo pequeno, certo?

Meu cunhado olhou para a plateia, me encontrou e se desconcentrou, levou um soco no queixo e caiu quase desacordado no tatame.

— Tá ótimo, vão descansar. — Um homem com roupas pretas ajudou Aaron a se levantar e dispensou o outro lutador com um gesto de mão.

Não perdi a oportunidade, estava me corroendo por saber mais sobre sua posição sobre a família, por isso me aproximei quando ele começou a caminhar em direção a um banco enquanto removia seus equipamentos de proteção.

— Que coincidência, cara. Você frequenta aqui?

Ele encontrou meu olhar amigável e suspirou incrédulo.

— Não, mas quando finalmente decido vir, é você que me aparece.

— O dono da academia é meu primo, Bastien. — Apontei.

— Jurava que o nome dele era Sebastião, todos o chamam de Bastião. — Sentou no banco, pegou uma garrafa de água e bebeu.

— Sim, acho até melhor esse nome, mas minha tia me mata se me escuta falar isso. — Sentei ao seu lado e tentei não começar o assunto. Minha perna começou a balançar e Aaron riu baixo.

— Parece que você está gritando no meu ouvido. Me deixa digerir primeiro a informação de que tenho dois irmãos e meu pai biológico está vivo antes de voltarmos a falar sobre isso.

— Conversou com sua mãe?

— Não, falei com meu pai e ele sabe uma parte da história, o que confirmou tudo o que você falou, inclusive, que talvez minha mãe e a mãe da

sua namorada tenham sido enganadas por esse homem.

— Se ele fez alguma merda na vida, saiba que o peso que carrega está visível.

— Mas acho que, independente da verdade, é bem provável que eu ajude minha irmã no que precisar, só não sei meu irmão. Ela está certa na vida, porque ele seguiu para o lado errado?

— E eu vou saber? A questão é que não dá para ajudar um sem fazer pelo outro. Enquanto Aparecido estiver na criminalidade, Luana e seu pai sempre serão um alvo.

— Agora, eu também — falou chateado, bebeu mais água e focou em respirar olhando para quem lutava no momento. — Minha mulher vai me matar quando chegar em casa.

— Casado há quanto tempo? — perguntei também olhando para a luta.

— Três anos. E caso pergunte, ainda não decidimos ter filhos, ela gosta de estudar, está fazendo doutorado e eu gosto de trabalhar.

— Pressão da família? — perguntei apoiando meus braços nas minhas pernas e o olhando de lado.

— Pode apostar. Mas é bom, mantém a chama da união e do amor acesa — falou irônico e rimos. Tinha certeza que sua família era tanto quanto tradicional como a minha, por mais que havia esse segredo. — Vai lutar?

— Não, eu só venho para assistir e às vezes, correr na esteira. Lutar, para mim, é último caso.

— Então já vou, moçoila. — Levantou batendo no meu ombro. Estava aliviado que ele parecia mais aberto. — Quando pode começar a trabalhar?

— Fiz minha rescisão ontem, então posso começar hoje mesmo — rebati com esperança.

— Aparece na Concessionária na segunda-feira. Vamos ver até quando dura essa vontade de trabalhar tendo meu pai como chefe.

Levantei, trocamos um toque de mãos e o puxei para um abraço. Estava duplamente aliviado, porque estava resolvendo mais uma pendência na minha vida e de Luana.

— Valeu cunhado.

— E se tratar mal minha irmã, só lembre desse dia e que treino todas as noites durante a semana — disse colocando tudo dentro da mochila.

Ah, se isso acontecesse, não precisaria de ninguém além da minha mãe para me castigar, tinha certeza disso.



Capítulo 32

Fred

— Sério mesmo que precisa disso, Fred? Eu já conheço a sua mãe — Luana falou desconfortável no carro assim que entrou. Ela estava com um vestido florido, a primeira vez que a vi fora dos jeans.

— É almoço de domingo e prometi que voltaríamos cedo, vou te ajudar com o que precisar na sua casa.

— Vai me ajudar a fazer faxina? — Riu alto e bateu na minha mão quando tentei levantar seu vestido. — Se comporte, porque só iremos transar depois que a casa estiver brilhando.

— Já pensou em contratar alguém para te ajudar?

— Com que dinheiro, Fred? Além do mais, gosto de cuidar da casa, é algo que faz me lembrar da minha mãe.

Lembrei do assunto familiar que estava cuidando do lado dela e tentei disfarçar meu incômodo. Aaron ainda iria falar com a mãe, o que não significava saber de toda a verdade. A realidade era que seu José Aparecido, em algum momento, teria que falar.

— E as entrevistas de emprego?

— Foram boas, segunda-feira começo na Concessionária de Carros Importados. — Ela bateu palmas, beijou minha bochecha e apertou minha coxa, sua animação pela minha conquista foi apenas um peso a mais na balança sobre deixar me envolver de coração com ela ou não. — Já está de olho no meu salário?

— Não, seu bobo. Estou feliz que você não vai ficar me mandando mensagem de cinco em cinco minutos. Ocupar a mente é uma benção — falou brincando, mas sabia que tinha um fundo de verdade. Porra, nunca tinha namorado, nunca senti necessidade de saber sobre a vida e o dia de alguém como sentia da dela.

— Assim você me ofende, só quero cuidar de você — tentei não parecer chateado.

— E está fazendo muito bem, só está perdendo o humor no caminho. — Ela pegou minha mão e cruzamos nossos dedos. — É só que me incomoda não te corresponder toda hora, ainda mais que você sabe como é minha rotina.

— Isso vai mudar — falei convicto, beijei sua mão e deixei em cima

da minha perna.

— Sim, cada dia mais falta um dia a menos desse pagamento.

— Você acha que eles vão deixar você ir depois de um ano de trabalho escravo, Luana? Não é cumprindo a pena que vamos nos livrar deles.

— O que você está fazendo, Fred?

Estacionei o carro na frente da casa da minha mãe, tirei o cinto e beijei a testa, depois a boca da minha mulher. Apesar de parecer descontraído, estava com o coração querendo sair pela boca por estar com ela aqui.

— Vamos ter um almoço de domingo com a sogra, minha corujinha.

— Mundo cruel e o poder que apelidos carinhosos tem — falou sonhadora, esqueceu a pergunta que não respondi, tirou o cinto e saiu do carro, eu acompanhei.

Minha mãe não sabia o que fazer para agradar Luana, desde o cumprimentar até incluí-la nas atividades de domingo. Sem medo, deixei-a na cozinha com dona Bety enquanto fui no escritório do meu pai, com certeza estaria concertando algo.

— Oi pai — cumprimentei de longe enquanto ele mexia em um antigo circulador de ar. — Nossa, isso tem quantos anos?

— Sessenta, no mínimo. É da sua avó. — Levantou o olhar apenas para cumprimentar e voltou a focar no que estava em mãos. — Estou há dias mexendo nessa placa, não descobri qual capacitor está estourado.

Inclinei para frente, identifiquei o capacitor mais estufado e apontei.

— Está precisando de óculos novos, cara — zombei e ele largou as ferramentas de lado.

— Seu irmão não vem, disse que está resolvendo um problema seu. — Olhou com seriedade. — Se ele precisa resolver, o negócio é sério. Diga o que é.

Olhei para trás, conferi se não vinha ninguém e baixeí meu tom:

— Não é para mim, mas Luana. Depois conversamos sobre isso, ela ainda não sabe o que estou fazendo.

— Conseguiu emprego novo, meu filho, parabéns! — Minha mãe invadiu o escritório e me abraçou. — Precisamos comemorar, vou abrir um vinho.

— Não é para tanto, mãe. Deixa passar os três meses do contrato de experiência — falei olhando para trás dela. — Onde está Luana?

— Está lavando a salada. Precisei vir aqui quando ela falou sobre seu emprego. — Minha mãe saiu do escritório e recebi dois tapas do meu pai nas

costas.

— Parabéns, filho. Aproveite para descansar hoje, amanhã você volta a rotina.

Cruzei os braços enquanto vi meu pai voltar ao que estava fazendo. Diferente de conversar com Alexia, tinha medo de ser julgado por ele, ainda mais com a pergunta besta que tinha na ponta da língua.

— Quando soube que queria casar com a mãe? — Segurei a respiração, ainda mais quando ele soltou tudo e me olhou com um sorriso enorme. — Pareço uma criança, eu sei, mas tudo o que mexi essa semana está me deixando confuso e impulsivo.

— Então você sabe a resposta dessa pergunta, meu filho. Não precisa ter explicação lógica, você precisa sentir. Só não faça nada por impulso ou para provar algo a ninguém. Sua mãe e a vó pressionam, mas com a intenção de você conseguir uma mulher fixa e não casar com menos de um ano de namoro. Ou mesmo já vir com uma criança.

Mordi a língua ao pensar em um filho, ainda mais nas vezes que fizemos sem proteção, que não foi apenas uma. Estava sendo descuidado e impulsivo, mas não queria provar nada para ninguém, apenas curtia o momento.

— Esse olhar... é o mesmo quando você fazia arte e não sabia como começar a contar — meu pai brincou e voltou a focar no seu trabalho.

— Dessa vez eu consigo limpar minha própria bagunça, pai — falei orgulhoso, porque se tiver que colocar a carroça na frente dos bois, eu surtaria no primeiro momento, mas depois bateria no peito e assumiria o necessário. — Não sou filho de pai assustado.

— Está falando com Ricardo? — rebateu e voltei para a cozinha, onde as mulheres que faziam a diferença no meu dia trabalhavam em harmonia.

Até que não seria uma má ideia tornar esse almoço rotina.



Capítulo 33

Fred

Mais sério do que esperava, Aaron trabalhava com pulso firme como o seu pai de criação. Controlei meu jeito despojado, consegui quebrar o gelo em outros e no final do dia, tudo o que eu queria era deitar e dormir com uma certa corujinha atrevida.

Depois do almoço na casa dos meus pais, fomos para a casa dela. Fui apresentado formalmente para seu José e me sentindo em casa, ajudei Luana a limpar a casa.

Infelizmente, constatei que a garrafinha de água que o meu sogro levava para lá e para cá era vodca diluída com água. O cheiro estava suave, alguém tão focada em trabalhar como Luana não perceberia a situação.

Tentei iniciar uma conversa com ele quando minha mulher foi tomar banho, mas o homem conseguia desviar o assunto, ainda mais me ignorando. Ouvi-o resmungar algo como “playboy metido” e tentei não me ofender, uma vez que sua filha foi muito bem recebida pelos meus pais.

Como seu José estava em casa e ela não quis ir para a minha, acabamos dormindo sozinhos e hoje, depois do dia custoso que tive, precisava dela. Faria o que fosse necessário para convencê-la a dormir comigo ou eu dormiria com ela na cama de solteiro do seu quarto.

Estacionei o carro perto do bar, tirei a jaqueta do terno e entrei procurando Luana. Minha corujinha estava atendendo os universitários na sinuca e para minha decepção, lá estava o babaca do Joilson, faltava babar ao encarar minha mulher.

Estava por um fio.

— Uma long neck — pedi ao dono do bar, que me ignorou. O cara ao meu lado pediu e o filho da puta atendeu.

Ah, dessa vez ele lembrou de mim, senão não faria essa putaria.

— Boa noite. O que vai querer? — Luana se aproximou e disfarçadamente, tocou minha mão e apertou.

— Uma long neck.

— Nós não vamos servir nada para esse cara, Luana — Joilson falou com raiva e não me olhou. Percebi minha mulher ficar tensa e com um aceno afirmativo, dispensei-a.

— Vou só observar então — falei para provocar, o que foi o meu erro.

— Para olhar tem que pagar. — Joilson avançou em Luana que estava próxima pegando um copo, segurou seu cabelo e a exibiu como se fosse um objeto descartável. — Essa prostituta é cara, mas se pagar em dinheiro, você leva fácil.

Não gostava de lutar, para mim a violência era o último caso. Os olhos de Luana temiam por ela e pelo o que faria, mas desta vez, iria longe demais.

Ergui do banco, esmurrei seu nariz e assim que o aperto do cabelo dela afrouxou, peguei-a e a acompanhei sair detrás do balcão.

— Filho da puta! — ele ia avançar nela assim que saísse detrás do balcão, mas consegui puxá-la para ficar atrás de mim e avancei com tudo o que tinha para cima dele.

— Isso é para você aprender a não tocar numa mulher, seu seboso!

Soquei umas três vezes antes dele cair e eu montar nele. As mãos de Luana tentaram me parar, mas desferi mais duas porradas antes de levantar, chutar sua barriga e sair com minha mulher. Todos olhavam, mas ninguém fazia nada.

— Por que fez isso? — ela perguntou tremendo e sabia que sua vontade era de me bater. Olhei para os meus pulsos e os vi inchar, um baixo preço a se pagar para protegê-la.

Agora, o pior aconteceu. Antes de Leo concluir a transação, eu fodi com tudo, porque minha mulher não voltaria naquele lugar nunca mais.

— Entre no carro, Luana — pedi sentando no banco do motorista. Estava nervoso pelo meu impulso, pela situação e para tentar raciocinar rápido. Se o dono do bar tinha contatos, precisava desaparecer com ela e o pai o quanto antes.

Ela demorou para fazer, mas entrou aos prantos.

— Nunca deveria ter deixado você entrar. Vão matar o meu irmão — ela choramingou e segui para a sua casa.

— Uma coisa de cada vez. Primeiro, vamos sair do radar, segundo...

— Eu não vou deixar meu pai! — falou alto e parei o carro na frente da casa dela.

— Em nenhum momento pensei em fazer isso. Eu fiz a merda, por pior que estava antes, vou resolver. Entre, coloque tudo numa mala e vamos...

— Mala? Você acha que alguém como eu, que não tem onde cair morta, tem uma mala? Como nunca percebi que éramos de mundos tão

diferentes! — Ela saiu do carro e a segui para dentro de casa. Seu José dormia no sofá, a garrafa de água no chão quase vazia denunciava o que o ajudou a fechar os olhos.

Estava tenso, a adrenalina corria solta e... só precisava que ela fosse embora comigo.

— Coloque as roupas em cima da cama e use o lençol como mala. Vamos para o Haras do meu tio, lá ninguém entra. — Fui para o quarto, Luana estava sentada na cama chorando.

— Meu irmão...

— Vamos, mulher! — exigi e finalmente levei as porradas que ela tentou evitar me dar. Abri seu guarda-roupas e joguei algumas mudas na cama enquanto era espancado.

— Eu te odeio!

— No momento, eu também, mas preciso fazer algo. Quer terminar o serviço aqui ou vai fazer a mala do seu pai? — falei alto e recebi um tapa na cara. Acho que nós dois precisávamos disso, ainda mais quando respiramos fundo e nos encaramos em busca de algum acordo.

— Vou proteger sua família como se fosse a minha, te prometo. O que aconteceu hoje poderia ter acontecido outro dia, quando não estaria por perto. E então?

Minha corujinha com os olhos cheios de lágrimas saiu do quarto. Observei suas ações e percebi que estava fazendo o mesmo com as roupas do pai.

Coloquei tudo o que tinha na cama, peguei as pontas do lençol e fechei. Fui para o carro, abri o porta-malas e coloquei dentro. Luana veio logo em seguida com a segunda mala improvisada.

— Entre no carro, vou trazer seu pai.

Não respondeu, apenas obedeceu e isso me doeu. Deixei a porta do passageiro aberta, peguei seu pai nos ombros e o coloquei dentro do carro.

— Tem mais alguma coisa que você quer levar? — perguntei antes de sentar no banco do motorista.

— Vamos logo, Fred — pediu baixo e o fiz, porque cada minuto era valioso para nós.

Enquanto dirigia, liguei para o meu irmão e apoiei o celular no meu ombro.

— *Ainda não terminei de resolver, Fred.*

— Leo, soquei o dono do bar e estou levando Luana e o pai para o Haras. — Escutei-o xingar e respirei fundo. — Só garanta que Aparecido não sofra por conta disso e...

— *E limpe sua bagunça. Não dava para esperar só mais um dia, tinha que foder com tudo agora?*

— No dia que tiver uma mulher que você goste *pra* caralho e descobrir que algum babaca estava fazendo mal a ela, vai saber o que estou sentindo. — Parei no semáforo, olhei para Luana que estava de costas para mim praticamente. Olhei pelo retrovisor e o pai estava capotado no banco, dormindo.

— *Vou providenciar um atestado médico para Luana de sete dias e levarei para o mercado. Deixe os dois lá com os tios por enquanto, vou ter que partir para o plano B.*

— Obrigado irmão, estou te devendo uma.

— *Saiba que cobrarei esse favor em outro momento.*



Capítulo 34

Luana

Os donos do haras nos receberam como se fôssemos da família. Tentei sorrir e ser agradecida, mas não conseguia, ainda mais quando colocamos meu pai numa cama e o tio de Fred falou:

— Coitado, olha o mal que o álcool faz. — Olhou para mim com carinho e apertou meu ombro. — Seu pai é um homem forte, amanhã, quando acordar, vou conversar com ele um pouco.

— Não se preocupe, nós cuidaremos dele — a tia falou e desatei a chorar. Ela me abraçou, fez carinho e também um pouco de chá. Fred observou de longe, estava receoso de se aproximar, ainda mais quando sentei do lado oposto que ele estava da mesa da cozinha

Ele conversou com Leo sobre proteger meu irmão. Falou que gosta de mim *pra* caralho, por isso fez o que fez.

Queria ficar brava, dizer tudo o que estava entalado na minha garganta, mas meu coração não permitia, minha consciência zombava do tapa que lhe dei. Meu Deus, isso era muita humilhação, mesmo que ele merecesse.

— Vocês podem ficar no quarto do Guido, está tudo limpo lá.

— Obrigado tia e desculpe chegar nesse horário — falou abraçando a doce mulher.

— Fico feliz que nos procurou, família sempre ajuda família.

Tomei meu chá e quando ficamos sozinhos, ele puxou a cadeira e sentou na minha frente. Estendeu os braços e com as palmas das mãos para cima, fez um convite para que o tocasse, mas não fiz.

— Desculpe — falou arrependido, seu olhar dizia que havia muita verdade nas suas palavras.

— Também me desculpe. — Soltei o ar e percebi o real poder do que estava dizendo, tanto para quem falava, quando para quem escutava. — Estou com medo de envolver sua família nos meus problemas.

— Se isso acontecer, o culpado serei eu. — Ele balançou a mão. — Me desculpe.

Era momento de ceder, porque estava precisando de carinho. Perdi o chão sob meus pés, não saberia dizer o que fazer a partir de agora e tudo estava nas mãos dele.

Coloquei minhas mãos sobre a sua e ele apertou, trouxe para a sua boca e beijou dedo a dedo.

— Estou nas suas mãos, Fred. Perdida e sem direção, você tem o poder de me destruir.

— E também o de te levantar. — Ele se levantou e me ajudou a fazer o mesmo. Trouxe meu corpo mais próximo e abraçou. Inspirei seu cheiro e tentei pensar como ele estava fazendo, senão, iria surtar. — Gosto muito de você, Luana, para brincar com sua vida. Quero te dar um pouco de paz.

Abracei forte, ergui minha cabeça e clamei por sua boca na minha. Ele, mais que depressa, me beijou e acalmou alguns temores.

Será que Fred realmente era o homem da minha vida?

Encerramos o beijo com um suspiro e escutei seu coração acelerado quando deixei minha cabeça deitar no seu peito.

— E agora?

— Meu irmão vai providenciar um atestado médico para você e entregará no mercado. Uma semana, esse é o prazo para ele resolver sua vida.

— E você? Joilson marcou seu rosto, ele com certeza anotou a placa do seu carro.

— Quando ele descobrir de quem é, vai preferir continuar se escondendo, minha corujinha. — Beijou minha testa. — Vai ficar tudo bem, meus tios são gente boa.

— Meu pai é alcoólatra — falei com um nó na garganta e fui consolada com o esfregar de mãos nas costas.

— Já tinha percebido, só não sabia se você também o tinha ou quando deveria falar. — Olhei para ele, que sorria triste. — Aquela garrafinha nunca foi de água.

Novamente, alguém do meu lado se perdeu no caminho da vida porque não dei a devida atenção. Os sinais estavam todos lá, as ações sem pensar, o jeito sonolento... Por que minha vida tinha que ser assim?

— Vamos para o quarto? Vou ficar com você até dormir.

— Toma banho comigo? — pedi, porque nesse momento, queria me sentir amada, amparada e especial. Ele iria embora depois que eu dormisse e amanhã, como ficaríamos? E se nessa uma semana ele percebesse que tudo foi apenas um ato de caridade e não amor?

Seguimos juntos para o quarto, ele trancou a porta e nos despimos com lentidão. Havia uma banheira pequena, Fred sentou na beirada e me observou

escovar os dentes. Estávamos nus e aos poucos, nossos corpos se acendiam com a necessidade de união.

Quando parei na sua frente, segurei seu membro e movimenteí com precisão. Nada mais precisava de pressa, queria gravar esse momento eternamente na minha memória, ainda mais se ele fosse o último.

— Parece uma despedida e não é. — Fred acariciou meu corpo e esfregou meu clitóris. — Eu vou voltar.

Não respondi e inconsequente, sentei no seu colo, encaixei seu membro e afundei na sua masculinidade. Sentia-me completa e realizada, mesmo que minha vida estivesse o caos.

— Te adoro, minha corujinha — falou baixo, o olhar nublado pela luxúria aumentava meu tesão. Era uma pena que não estávamos na mesma página, porque depois de hoje, resolvi me jogar no amor.

Beijei sua boca enquanto suas mãos apertavam minha bunda, ajudando a movimentar para próximo e para longe. Ofegar foi inevitável e os gemidos baixos era um indicativo que estávamos próximo ao precipício do prazer.

Abracei seu pescoço e enquanto meu quadril continuou os movimentos até que gozasse, fechei os olhos e sussurrei perto do seu ouvido:

— Te amo Fred. — A intenção era que ele escutasse e ao mesmo tempo não o fizesse, porque estava me entregando a ele, assinando um cheque em branco da minha vida e colocando-o em suas mãos. — Cuida de mim.

— Sempre — falou baixo gemendo e estocando uma última vez dentro de mim.

Estávamos sem camisinha, não foi a primeira vez e... só estava com o foda-se ligado acoplado ao amor que comecei a sentir por Fred, um homem improvável para se interessar por mim, mais ainda se apaixonar.



Capítulo 35

Fred

Passei a semana sentindo que estava no caminho certo ao mesmo tempo que remava contra a maré. Aaron finalmente conversou com a mãe e quer, a todo custo, conhecer a irmã pessoalmente. Não contei o que aconteceu, falei que estava doente e quando melhorasse, providenciaria o encontro.

Parecia tudo bem, mas a falta de notícias de Leo mesclados com estar longe de Luana não me deixavam em paz. Ela não lia minhas mensagens, parecia ter deixado de lado o celular. Falei com minha tia e ela parecia contente por ter companhia, que o pai de Luana estava ajudando com o trato dos cavalos e ela, ajudando-a na costura.

Também salientou que a minha namorada preferia se manter calada enquanto se fazia útil.

Por mim, voltava todo dia para o Haras, mas seria dar muita bandeira caso tivesse alguém me seguindo. Minha família poderia ser intocável, mas não Luana e seu pai, não ainda.

Alexia era a única que conseguia escutar, pelo menos por mensagem. A vontade de continuar fazendo loucuras era grande, mas já tinha feito merda no início da semana, não dava para fazer no final também.

Foi quando estava atendendo um cliente importante que Leo ligou e eu, entre fechar um negócio milionário e a vida da minha namorada, escolhi a segunda opção. Chamei Aaron, falei que tive notícias sobre Luana e ele assumiu meu posto.

— Me dê boas notícias, Leo.

— *Se você não se importar de ficar com um rombo na conta bancária, sim, temos boas notícias. O acerto foi feito, mas para isso, precisamos tirar Aparecido da prisão. Falei com o moleque, nem parece ter mais de vinte anos.*

— Você falou com o irmão de Luana?

— *Sim, precisava saber de toda a merda. Ele teve uma audiência agora a pouco e será liberado hoje. Vou acompanhar até uma casa segura, onde ficará até reencontrar com a irmã, ter uma nova identidade e sumir da cidade.*

— Vai precisar de tudo isso? Como você faz?

— *Menos pergunta e mais ação. Amanhã você já pode voltar com os dois para a casa, apesar que recomendaria sair do bairro. O dono do bar não*

está contente com o que aconteceu, por enquanto não fui atrás para resolver sobre esse rato.

— Droga. Assim não dá para deixar Luana sozinha.

— *Coloca ela na sua casa, ué. Agora que não precisa mais trabalhar naquele bar, você a leva e busca no mercado, é uma rota segura.*

Sorri para os cenários que surgiram na minha mente, até que não seria uma má ideia e com seu José adaptado no Haras, acho que seria muito melhor estar lá do que ficar sozinho em casa.

— Será que a mãe vai surtar quando eu disser que estou morando junto com Luana? — falei com humor.

— *Surtar eu não sei, mas que te obrigará a comprar um anel de compromisso e noivar, com certeza.* — Riu e bufou. — *Me dê um tempo para resolver com o bebum do bar, estou há muito tempo nessa missão, preciso de um descanso.*

— Pode me mandar a conta, sei que além da dívida, você usou recurso da empresa.

— *Vou te passar apenas a dívida, o resto é ônus e bônus de ser irmão. Lembre-se do que fiz, um dia vou precisar.*

— Diz isso como se já soubesse o que vai pedir. O que está aprontando, Leonides?

— *Sei de nada, trouxe. Tchau.*

Encerrei a ligação e fui atrás de Aaron. O valor da dívida de Aparecido era maior do que daria conta, por isso compartilharia com meu cunhado.

Depois do que para mim pareceu uma eternidade, fui até o Haras no meu horário de almoço, sem avisar ninguém. Tentei não fazer muito barulho quando estacionei o carro, entrei na casa e procurei por ela.

— Luana está lá no fundo colhendo os ovos para o bolo que farei à tarde. Parece até que adivinhei — minha tia falou quando entrei na cozinha, beijei seu rosto e olhei para a porta, esperando por ela.

— Ela não respondeu minhas mensagens. Como ela está, tia, de verdade?

— Parece que está de luto, meu filho. Pouco conversa com o pai, comigo e o seu tio. Se ocupou das costuras comigo e vai dormir cedo.

— Ela é mais feliz que isso, tia. Será que estou fazendo algo de errado? — perguntei preocupado e ela sorriu carinhosa.

— Está seguindo seu coração? — ela perguntou baixo e virei meu rosto para ver Luana se aproximar com uma cesta de vime nas mãos. Parecia cautelosa, por isso me aproximei antes dela chegar na cozinha, coloquei a cesta em cima da mesa e a tomei nos meus braços para beijar como se não houvesse amanhã.

Céus, que saudades!

Ela retribuiu com igual disposição e começou a rir de alívio.

— Oi, minha corujinha. Precisando de um celular novo? — perguntei suave, mas com intenção de cobrança.

— Só não queria ter migalhas antes de saber se você voltava mesmo — falou passando a mão no meu rosto. — Oi.

— Oi. Assunto resolvido com seu irmão mais novo, você e seu pai poderiam voltar para casa, mas ainda temos o Joilson.

— Como assim resolvido? Onde conseguiram dinheiro? O quê...

— A única coisa que você precisa se preocupar é: quase acabou. Se quiser voltar para a cidade, você pode ficar na minha casa.

— Meu Deus, cadê o celular, vou gravar e mandar para a sua mãe. — Minha tia enxugou as mãos e começou a procurar nos bolsos. Olhei para uma Luana envergonhada e revirei os olhos.

— Sem exageros, tia. Guarde todo esse arsenal para Guido. — Peguei a cesta de vime, levei para a pia, sentei numa cadeira e trouxe Luana para o meu colo.

Não tive tempo de protestar, ainda mais porque estava olhando para o perfil de Luana, que sorria com timidez. Minha tia tirou uma foto e gemi tanto pela vergonha que me faria passar quanto pela *zoação* que teria que aguentar na próxima reunião de família.

— Não acredito — resmunguei.

— Preciso estimular meu filho a fazer o mesmo. Já imagino ele com uma moça boa de cozinha, que cuidará dele como eu cuidei...

— Mais fácil pagar uma faxineira, tia. Dará menos dor de cabeça. — Levei uma cotovelada de Luana e ri baixo. — Manda essa foto para mim também.

— Então, vocês vão morar juntos?

— Sim.

Fazendo o almoço ao mesmo tempo que preparava o bolo, a mãe de Guido era a típica esposa do lar, o que não era ruim, porque você não a via triste.

Levei outro cutucão de Luana e a encarei sem entender.

— Você, por um acaso, perguntou se quero morar com você? Mesmo que seja provisório, é muito precipitado...

— E romântico. Já vejo vocês contando essa história para os seus filhos e netos.

— Bem, chega de açúcar para mim hoje, só queria trazer notícias e avisar que de noite venho buscar vocês. — Levantei e fiquei de frente para minha mulher.

— Acho que meu pai ficará, Fred. Está sendo bom para ele e... — Ela olhou para minha tia, que acenou afirmativo.

— Sim, sim, sim, deixe-o aqui, os peões o adoraram. Aqui ele terá muito carinho e trabalho, melhor remédio para qualquer mal do coração.

— Então venho te buscar, minha corujinha — falei baixo, tomei seu rosto com as minhas mãos e a beijei escutando o barulho da câmera do celular. — Pelo amor de Deus! — falei indignado para minha tia, que ria como se tivesse ganhado na loteria.

— Mande a foto para você também, depois me agradeça. — Beijei seu rosto, deixei mais um beijo em Luana e voltei para o trabalho.

Hoje à noite aproveitaria minha mulher, amanhã revelaria mais uma parte das ações que eu fiz. Por ela.



Capítulo 36

Fred

Parecia um desesperado por sexo. Como se dependesse disso para acordar, fui me esfregando em Luana e ela em mim que nos enrolamos nos lençóis e fomos parar no banho. Avisei que hoje a levaria para meu serviço, apenas por precaução e ela não relutou, nem desconfiava que conhecerá o irmão mais velho.

Bem alocada na minha casa, ocupando metade do meu guarda-roupa, parecia que essa mulher pertencia a esse lugar. Se estava com medo de um relacionamento ontem, hoje nem saberia dizer de onde veio isso de tão confortável que estava.

Havíamos conversado pouco, mas entramos em um acordo sobre ela fazer a compra do mercado uma vez por mês. Para mim, tudo bem, até porque, isso indicava que ela não tinha intenção de voltar para a sua casa.

Era o provedor, aquele que protegia a minha mulher e tinha as melhores noites de sono. Não poderia me esquecer dos cafés da manhã maravilhosos. Foram com esses pensamentos que nos aprontamos, seguimos para o carro e guiei até meu emprego novo.

Assim que entrei na Concessionária, Aaron me viu com Luana e já indicou o escritório para entrarmos.

— Ele é seu chefe? — ela perguntou baixo e apenas acenei. Queria contar a verdade, mas não seria pela minha boca.

Entramos no escritório e Aaron parecia emocionado ao lado do seu pai de criação, o dono da Concessionária.

— Oi Luana, estou feliz em te conhecer.

— Ah, oi... — ela falou envergonhada, estendeu a mão e foi puxada para um abraço.

— Estou parecendo um menino, mas é que sempre quis ter irmãos e agora tenho dois.

— Como é que é? — Luana tentou se afastar e percebi meu erro, havia esquecido de comentar com Aaron que ainda não tinha contado nada a ela. — Fred? — Ela olhou para mim e deu um passo para trás.

— Quando fui atrás para resolver o problema do seu irmão e o pagamento da dívida dele, descobri que seu José tinha mais um filho nesse

mundo, que por coincidência, era uma das pessoas que eu faria entrevista de emprego.

Corri para segurá-la, porque suas pernas fraquejaram e seu rosto perdeu a cor, sua pressão tinha despencado. Ajudei-a sentar e ajoelhei na sua frente.

Um copo de água apareceu na sua frente, ela bebeu tudo e suspirou olhando para mim.

— Como assim tenho um irmão? Por que foi mexer onde não foi chamado? — Ela segurou no colarinho do meu terno e apertou. — Por que está me dando o céu e o inferno cada vez que estamos juntos?

— José Aparecido — Aaron começou a falar e o encaramos para continuar —, nosso pai tinha duas mulheres quando jovem. Quando descobriu que minha mãe estava grávida, a família dele a rejeitou e ele fez o mesmo. Ele se casou com sua mãe e antes da sua mãe ficar grávida, ele tentou pedir desculpas para a minha mãe, que na época não aceitou, só o considerou morto. — Sentei na poltrona ao lado de Luana e segurei sua mão, que apertava a minha com força.

— Meu pai tinha duas mulheres?

— Eles eram jovens e minha mãe, ao saber de você, se emocionou. Palavras dela, sabendo que você existe e precisa de nossa ajuda como um dia ela precisou, é uma forma de mudar o que foi dolorido no passado. Ela quer te conhecer.

— E quem é você? — Luana perguntou para o senhor mais ao fundo, que só observava.

— Sou pai de Aaron, de coração. Meu nome pode não estar na certidão de nascimento, mas não diminui o que somos.

Os lábios de Luana curvaram para baixo, sua cabeça parecia agitada, como se um carro corresse um milhão de quilômetros por segundo.

— Você também ajudou Fred com... com a dívida do Cido, meu irmão? — perguntou com voz trêmula.

— Sim, eu e Fred fizemos. Foi um choque saber que vocês existiam, mas depois de um tempo a gente acostuma.

— Quanto tempo você sabe disso, Fred? — ela questionou com acusação para mim e implorei:

— Corujinha...

Previa merda e aconteceu.

Ela se levantou, acenou para que não nos aproximássemos e deixei.

Luana precisava de um tempo tanto quanto Aaron precisou. A Concessionária era grande, daria para caminhar e refletir antes de voltar.

— Que história, cara. No dia que quiserem, seu José ficou no Haras, está trabalhando com meus tios. Venham falar com ele.

— Sim, eu gostaria muito — Aaron falou e olhou para o pai, que sorriu acenando afirmativo.

— Bem, vou pegar Luana e levar para casa antes de voltar para trabalhar...

— Tire o dia de folga, é sexta-feira mesmo. Segunda-feira retornamos, vai dar tudo certo.

Saí da sala confiante por ter recebido essas palavras, mas cada vez que andava pela Concessionária e não parecia nem ter sinal de Luana, percebi que era uma doce ilusão.

— Viu a mulher que entrou comigo? — perguntei para a recepcionista, que me entregou um celular e xinguei ao perceber que era de Luana.

— Ela estava chorando, deixou o aparelho cair e saiu sem que eu pudesse oferecer uma água.

— E você não a impediu? — perguntei indignado.

— Você não mexe com uma mulher de TPM, tenho certeza que era isso.

— TPM é o caralho. Porra! — esbravejei me afastando correndo para as ruas.

Nenhum sinal da minha mulher. Enquanto Joilson não fosse contido, não era seguro para ela andar sozinha na cidade.

Um pressentimento ruim tomou conta de mim, andei até meu carro e saí pelas ruas, sem saber para onde ir. Liguei para Leo e implorei por ajuda em seu descanso.

— Irmão, preciso de você. Te deverei minha alma, mas ache minha mulher antes do dono do bar.



Capítulo 37

Luana

Uma parte de mim parecia destruída. Se passei alguns dias me sentindo de luto no Haras, agora, tinha certeza que existia algo para se lamentar a morte e era a admiração que tinha do meu pai.

Por que ele fez isso? Eu tinha um irmão mais velho!

Se eu me achava fora de lugar, agora tinha certeza.

Caminhei até o ponto de ônibus e entrei no primeiro que parou. Estava sem bolsa, tinha vindo apenas com meus documentos no bolso da calça, porque confiava tanto em Fred, o amava, e ele me escondia algo tão grandioso como isso. Não encontrei meu celular, ele deveria ter caído em algum lugar.

Como conseguiria enxergar sua proteção e cuidado sem pensar que estava me invadindo? Tudo bem, a partir do momento que o aceitei na minha vida e ele veio arrumar o chuveiro de casa, sabia que ele não perguntava, apenas fazia. Era o melhor para mim? Só eu saberia responder...

Às vezes, as situações mais certas logicamente eram as piores para aquelas pessoas que se deixavam guiar pelo coração. Por que doida tanto ser a última a saber?

Meu irmão ajudou a pagar, ou seja, Fred também o fez. Não saberia dizer se eu valia a pena para gastar tanto dinheiro. Lembro do dia que um rapaz apareceu em casa e tentou me obrigar a sair a força para pagar uma dívida de Cido. Disse que era forte e que trabalharia, implorei pela minha vida e do meu pai que faria tudo para cumprir a pena que fosse, mas com o suor do meu trabalho, não de uma obrigação que não tinha.

Como consegui tocar o coração do rapaz, não sabia, mas depois dos primeiros dias de trabalho percebi o quanto era trocar seis por meia dúzia. Quantas mulheres, para proteger pai e irmão, se entregaram para desconhecidos? Não queria fazer parte dessa estatística, mas depois de um ano servindo de corrimão para Joilson, sabia que me sentiria assim.

Mas foram apenas poucos meses, Fred conseguiu me tirar de lá e não sentia falta, só estava preocupada com meu irmão.

Céus, tinha um irmão mais velho e outro mais novo. Isso deveria ser bom, mas por que estou tão decepcionada?

Coincidência ou não, o ônibus que peguei parou no ponto final do meu

bairro. Como deixamos a casa aberta da última vez que saímos, segui até ela, entrei e lá estava, do jeito que deixamos.

Agachei no chão da sala e chorei pela minha mãe, pelas omissões e pelo meu pai. Quis compreender o motivo dele ter sido assim, mas lembrei de uma fala de Fred, sobre não poder mudar o passado, mas a partir desse momento para frente.

Será que só bastava aceitar meu pai como era, para parar de doer?

Tão absorta no meu sofrimento, não percebi alguém entrar até que meu cabelo foi puxado e caí do chão.

— Sua vagabunda, você me pertence e só vai sair das minhas mãos quando pagarem o seu valor. — Gritei e levei um tapa forte na cara. — Cala a tua boca e vamos andando, estava esperando o momento que você voltasse para dar um tiro na cabeça daquele playboy.

Ele me ergueu com força, caminhei curvada para trás e saí de casa descabelada e com lágrimas nos olhos. Joilson apontou uma arma para as minhas costas e me obrigou a caminhar normal até o bar.

Com minha vida em risco, percebi que o medo nublou meus verdadeiros sentimentos, o amor que sentia pela minha família e por Fred. O homem tinha entrado na minha vida como se fosse para uma guerra, assustada demais, tentei me afastar, mas ele era muito mais persistente que eu.

Chegamos perto do bar, que estava fechado e entramos pela porta existente entre as grades. Realmente combinava, esse lugar era uma prisão.

Sabia que poderia ter minha vida mudada a partir desse momento e que as atrocidades que ele planejava acabaria com a minha sanidade. Comecei a orar e quando fui empurrada para dentro do depósito de frios, onde a temperatura estava abaixo do que normalmente estamos acostumados, só pensei em Fred e no quanto ele aqueceu meu coração nesses últimos dias.

— Não faça barulho, eu juro que te dou um tiro antes de pedir a recompensa.

Ele fechou a porta e me encolhi por causa do frio. Por mais que estava de luto por conta da mudança radical da minha vida, eu queria, pela última vez, dizer que amo a minha família, ela sendo desajustada do jeito que era.

Fred

A próxima vez iria comprar um GPS e grudar na pele dessa mulher. Desesperado não descrevia nem metade do que estava sentido. Precisei ir até a academia de Bastien para saber quem mais poderia me acompanhar nessa busca, porque Leo estava me ajudando por outros meios.

— Velho, pensa com racionalidade, você já foi nos lugares que vocês frequentaram juntos? — um homem sério se aproximou de mim e meu primo como se soubesse todas as perguntas e respostas.

— Se já não tivesse ido, não estaria assim, porra — rebati e fui acalmado com tapas no ombro.

— Foi no café, nos arredores da Concessionária, na sua casa... — Bastien falou.

— Ela mora com você ou outra casa? — o homem insistiu. — No trabalho?

— Ela não teria ido para o bar — resmunguei e gemi por ser tão relapso ao ponto de não pensar direito quando chegava nesse estado emocional. — Porra, ela teria ido na casa dela!

— Vamos lá, sou policial, posso dar apoio se precisar — o homem se ofereceu e seguimos juntos no meu carro. Percebi que ele estava de posse de uma arma e lidando com a minha mulher e sua família, previ que talvez precisasse de uma.

Só por precaução.

Passamos na frente do bar e não havia nada, depois na casa dela e a porta estava aberta. Entrei correndo, procurei em todos os cantos, mas não havia nenhum sinal dela. Todavia, sentia que ela esteve aqui.

— Cara, o dono do bar a pegou — falei chateado na sala da casa de Luana com os dois homens como apoio.

— Vamos lá, ele vai ter que abrir para nós — Bastien sugeriu.

— Ou vigiamos, não dá para abordar um civil dessa forma sem levar represálias.

— Enquanto vigiamos, sabe-se lá o que esse imbecil está fazendo com a minha mulher. Ele se esfregava nela de propósito! — falei alterado e o policial não pensou duas vezes, saiu para a rua. Eu e meu primo o seguimos.

Não havia entrada lateral e dos fundos, para conseguir algo, precisaria

entrar em uma das casas ao lado. Estávamos na esquina cogitando subir no telhado quando o arrogante do Joilson saiu e acendeu um cigarro.

— É ele! — falei alto e corri em sua direção. Ele foi mais rápido, largou o cigarro e entrou para dentro com pressa. Bati na porta da grade e fiz barulho. — Abre essa porta, porra!

— Calma *véio* — Bastien tentou me controlar.

— ABRE ESSA PORTA OU COLOCO FOGO AQUI!

— E vai matar sua namoradinha, playboy — o homem gritou do lado de dentro e meu sangue ferveu.

— O que você quer? — o policial pediu colocando um dedo na boca para pedir silêncio.

— Dinheiro, *mermão*. Traga um milhão até o fim do dia ou entrego a vagabunda pela metade — falou rindo e os dois me afastaram de perto. Ela estava ali, precisava salvá-la.

Escutei um grito de mulher, me soltei para bater naquela grade.

— SEU FILHO DA PUTA! LUANA!

Enquanto machucava minhas mãos de tanto bater, o policial acionou seu batalhão e em menos de cinco minutos havia viaturas pelas quadras. Bastien, com toda a sua força, conseguiu me tirar de perto e que deixasse a polícia assumir a ocorrência.

Fingi me acalmar, porque apenas agachei e me preparei para correr assim que eu visse minha mulher. Nada de mal seria feito a ela, justo agora que a encontrei e sua vida estava quase alinhada com a minha.



Capítulo 38

Fred

Quando Joilson descobriu que a polícia estava envolvida, deu um tiro. Minhas pernas amoleceram e não consegui mais ficar agachado, sentei no chão e fiz todas as promessas possíveis e inimagináveis para que esse tiro não acertasse ela.

A porta de metal foi arrombada e quando vi uma mulher saindo carregada por um policial, tentei me levantar, arranjar forças para saber a verdade, precisava confirmar que ela não tinha ido.

Parecia que o mundo tinha perdido o som, um silêncio mortal tinha tomado conta e meu olhar não conseguia focar.

— Vem, cara, Luana está chamando por você — Bastien me trouxe para a realidade, minhas forças foram recobradas e corri em direção a minha mulher, que estava sendo colocada deitada em uma maca.

— Luana! — Passei a mão no seu rosto e fui procurar algum ferimento em seu corpo. Havia vermelhidão na bochecha e testa, algo me dizia que ele bateu nela. — Você está bem? Pelo amor de Deus, diga que está bem.

— Ele me bateu e se matou. Jurava que tinha sido na minha cabeça — ela falou rindo e chorando. — Eu estou viva, obrigada, Fred, eu te amo.

Os paramédicos a colocaram na ambulância e quase não conseguiram me separar porque não a queria longe de mim. Se fosse o caso, eu andaria amarrado com ela. O hospital nos foi indicado, não havia nada que eles pudessem fazer.

Foi Bastien que me levou até o carro, mas não sem antes agradecer o apoio do policial que nos ajudou. Meu primo guiou e no caminho, liguei para Aaron e também para Leo, ambos estavam se deslocando até o hospital, preocupados.

Chegamos no local e demoraram muito para nos direcionar onde Luana estava. Aaron chegou com sua mãe. Depois veio Leo, que com seus contatos, finalmente descobriu onde minha mulher estava.

— Está com fome? — a mãe de Aaron perguntou e então percebi que já havia passado o horário do almoço e nem percebi.

— Preciso ver Luana, depois penso nisso — respondi tentando não ser estúpido.

— Ela está terminando de ser consultada por um médico. Não foi nada grave, já foi medicada e terá alta, por isso não podemos entrar. — Leo apareceu e apertou meu ombro. — Você até parece um leão enjaulado, calma cara, ela está bem.

— Me deixa — falei me afastando, a sala de espera está ficando cheia e minha respiração parecia presa nos pulmões.

Se omitir algo dela, para tentar fazer o certo deu tudo isso, nunca mais esconderia nada. Pelo amor de Deus, nunca orei tanto na minha vida. Seria parte da profecia jogada em mim pela minha mãe? Sim, eu faria tudo por ela!

Quando escutei um suspiro, olhei para a porta e percebi que era Luana se aproximando em uma cadeira de rodas. Passei na frente de todos e a abracei, ter seus braços em volta do meu corpo era o bálsamo que precisava para me acalmar.

— Estou bem, é apenas protocolo do hospital. — Ela me afastou, se levantou e a segurei pela cintura. Seu olhar cansado fazia meu coração doer.

— Oi Luana, desculpe nos conhecer nesse momento, mas é que fiquei realmente preocupada. — A mãe de Aaron se aproximou junto dele. — Sou Camila, mãe do Aaron.

— Ah, oi. — Ela se soltou de mim e deu um forte abraço. Diferente do que imaginava e o que aconteceu hoje de manhã, ela foi bem receptiva. — Obrigada por virem, eu estou bem. — Agora foi a vez de Aaron receber o abraço e percebi que os dois ficaram emocionados. — Desculpe qualquer coisa, só preciso descansar um pouco.

— Claro, filha, haverá muitos momentos para estarmos juntos. — Elas apertaram as mãos, voltei a enlaçá-la pela cintura e se despediram.

— Que susto, cunhada — Leo falou e seguimos para fora do hospital.

— Aqui tem fortes emoções — Bastien falou divertido. — Eu dirijo, cara.

— Obrigada por me ajudarem. Prazer em conhece-lo, Leo. Estar sob a mira de uma arma não é fácil, te faz repensar as batalhas que você quer lutar nessa vida.

— Que eu continue no páreo — falei pegando-a no colo quando chegamos no estacionamento. Ela suspirou e encostou a cabeça no meu ombro.

— Ele parecia até touro bravo querendo invadir o bar. Fred merece perdão — Bastien falou.

— Não há nada que se desculpar, está tudo bem como está agora, só

preciso dormir um pouco e relaxar a cabeça.

— Só para avisar, domingo tem almoço no Haras.

— Nós não vamos! — falei ao mesmo tempo que Luana falou:

— Nós estaremos lá.

— Corujinha, você precisa descansar — falei baixo e precisei rir das gargalhadas que meu primo e irmão deram. Foda-se, era minha corujinha.

— Preciso estar ao lado das pessoas que me amam. Se hoje for meu último dia, que seja o melhor de todos.

Chegamos no carro e Leo, controlando o riso, entrou em seu campo de visão.

— A cabeça está ruim, mas e o coração?

— Vai melhorar. Por quê? — questionou Luana.

— Tem alguém que precisa se despedir, porque vai recomeçar.

Um homem muito parecido com Luana saiu do carro próximo a nós. Ela se mexe no meu colo, coloquei-a no chão e ela o abraçou.

— Cido, meu Deus, você está bem!

— O irmão — falei baixo para meu primo.

— Os melhores parentes sempre começam com cu — Bastien falou baixo e foi para o banco do motorista.

— Estou seguindo vocês, conversem no carro — Leo acenou e se afastou, abri a porta de trás para os dois e sentei no banco da frente.

Ainda não era hora de estar com minha mulher, cuidar e expor tudo o que sentia por ela. Da mesma forma que ela percebeu que se fosse o último dia de sua vida, queria estar com a família, eu também queria, principalmente ao seu lado.



Capítulo 39

Fred

Os irmãos se reconciliaram e fizeram as pazes dentro do carro. Não que estivessem de mal um do outro, mas havia muita culpa na relação deles e com uma pequena conversa, foi possível esclarecer grande parte.

Ele sabia sobre o pai ter outro filho e quando estivesse com a vida feita, tentaria voltar para mostrar que era uma pessoa melhor.

O carro foi estacionado e todos saímos de dentro.

— Não me esqueça, mana.

— Você nunca deixará de ser meu irmão mais novo, estando ao meu lado ou não. Você precisa perdoar o nosso pai.

— Vou tentar... só não hoje. — Eles se abraçaram. Estávamos do lado de fora da minha casa.

— Te amo, seja feliz.

Eles se despediram e Leo o levou para sei lá aonde. Essa era a parte que não perguntava para o meu irmão, apenas aceitava que era assim.

— Pode ficar tranquilo, eu me viro para chegar em casa. Melhoras Luana. Até domingo. — Bastien se despediu no momento oportuno, entramos em casa e fomos direto para a cama.

— Quer água? Vou ligar o ar condicionado. Está com fome?

— Eu estou bem, Fred, não se preocupe. Você precisa almoçar e eu, tirar esse cheiro de hospital e dormir. Chega de movimentação na minha vida, só quero ficar em paz.

Ela estava tirando sua roupa quando me aproximei, beijei seus hematomas no rosto e depois sua boca. Foi suave, atencioso e queria dizer muito mais do que as palavras que iria falar agora:

— Acho que nunca disse isso para ninguém antes, mas sim, eu te amo também.

Foi a vez dela ficar em silêncio, tocar meu rosto e suspirar.

Sim, estávamos cansados, precisávamos espairar e deixar a conversa para outro dia. Mas, que não receber as palavras de volta era uma merda, isso era. Agora imaginei a insegurança que ela ficou quando se declarou e não retribuí de mesmo tamanho.

Enquanto ela tomava banho esquentei uma lasanha de micro-ondas. Quando a escutei deitar na cama, comi em silêncio e em dúvida se deveria deixá-la sozinha ou a acompanhava.

Não era nem 18 horas, mas o dia parecia ter passado mais de 24 horas.

— Fred, você vem? — ela pediu e precisei rir para a minha dúvida. Ela estava na minha cama, fazia minha casa a dela, era claro que estávamos bem, na medida do possível.

— Já vou, corujinha — respondi com seu apelido, porque sabia o quanto ela gostava.

Praticamente engoli o restante da comida, tomei um banho rápido e me acomodei às suas costas. Ela vestia uma camiseta minha, que apesar de grande, ainda deixava sua bunda com calcinha a vista.

— Tive muito medo — ela falou baixo acariciando meu braço.

— Eu surtei — confessei e rimos.

— Já percebi que quando algo foge do seu controle, parece que você esquece tudo, só atropela.

— Era você em jogo, só não derrubaria meus pais para chegar no meu objetivo. — Beije seu ombro e depois sua cabeça.

— Você entrou na minha vida e não só a bagunçou por completa, mas deu uma nova perspectiva. Céus, vi meu irmão, não sei por quanto tempo verei o mundo para você.

— Contanto que continue ao meu lado, enquanto for bom para nós, a dívida está paga. Não falo que faria isso para qualquer um, mas até eu achar outra pessoa como você...

— Outra? Você acha que não daremos certo? — Ela parou o carinho no meu braço e me aconcheguei mais no seu corpo, o que a fez gemer.

— Droga, desculpa, te machuquei?

— Está tudo bem e...

— Não, minha corujinha, só existe uma mulher na minha vida que mexeu comigo desse jeito e não pretendo encontrar outra porque estou muito bem, obrigado, com você. O que fiz, até então não sabia, foi por amor. Eu te amo, com toda a loucura que está sendo o começo do nosso relacionamento.

— Também te amo, muito. Nunca me aproximaria de alguém para resolver minha vida, eu só...

— Só precisava de um louco intrometido para realizar seus desejos mais secretos. No final das contas, eu fiz exatamente o que meus parentes fazem

comigo, me intrometi sem ser convidado formalmente. — Esfreguei meu quadril em sua bunda e parei quando comecei a me animar e ela também. — Tem alguma restrição?

— Não, mas hoje estou cansada...

— Só perguntei por perguntar. Sou curioso, mulher. Agora durma. — Não resisti a brincadeira.

Ela suspirou e poucos segundos depois, já dormia pesadamente. Demorei para fechar os olhos, até então eu parecia em ação, a adrenalina ainda corria em minhas veias.

Enquanto pensava em nós e nos planos que poderíamos fazer juntos, como viajar, ela tirar carteira de motorista se não tiver, comprar um carro, terminar a faculdade, minha mente finalmente se acalmou e conseguiu colocar meu coração eufórico para dormir.

Ela também me amava.



Capítulo 40

Fred

Pensando no bem-estar da minha garota, a família adiou o evento do final de semana para o outro. Ninguém queria forçar sua ida, ainda mais debilitada emocionalmente. Para conhecê-la, eles a queriam recuperada e de bom humor, como sempre.

Passamos o final de semana em casa, por várias vezes tive que dissuadir minha mãe de aparecer, porque queria dar apoio a sua nora. Nesse momento, a única coisa que Luana precisava era de paz e carinho, que não medi em nenhum momento.

Repetimos a dose de assistir filme, no sofá, quase nus. Dessa vez, o déjà vu foi mais do que um presente para meu coração apaixonado.

A volta a rotina veio com um sabor diferente. Ter alguém por perto era como se estivesse num final de semana como também em dia da semana. Luana conheceu a senhora que fazia faxina em casa e se deram bem.

Mesmo implorando para que continuasse na cama, minha mulher foi trabalhar, porque não estava com a vida ganha como a minha. Nenhum de nós estava nessa situação, isso era fato, mas que o caminho para vencer estava bom, não poderia negar.

Aaron queria um encontro com sua irmã, sua mãe nos convidou para um jantar na sua casa, em plena quarta-feira, ao mesmo tempo que recebi uma mensagem de Luana lembrando que gostaria de falar com o pai, que estava trabalhando no Haras. Tudo parecia que estava caminhando para o acerto de contas, os próximos passos seriam reaver a faculdade e quem sabe, mudar de emprego.

Se estava exagerando no planejamento? Só estava seguindo minha intuição, mesmo que ainda não tinha exposto tudo a ela.

Ela voltava para casa antes de mim, por isso, em um dos dias, no horário do almoço, fui no shopping e comprei rosas, alguns livros de romance indicado pela vendedora, um ursinho de pelúcia em forma de coruja e chocolates. Deixei tudo em cima da cama com um bilhete de que iríamos jantar com Aaron e sua mãe, se ela quisesse, para ficar pronta assim que eu chegasse do meu expediente.

Passei a tarde imaginando mil e um cenários para sua chegada em

casa, olhei para o celular várias vezes antes de ir embora. Tive que controlar meu impulso de ligar e saber sua opinião, até porque, tinha confirmado nossa ida mesmo sem ela me dizendo sim.

Quando cheguei em casa, assustei ao ouvir um choro baixo. Sentada na cama, já vestida para sairmos, Luana chorava segurando o livro e abraçada ao ursinho de pelúcia de coruja.

— O que foi? — perguntei assustado, aproximei com cautela e para responder, ela precisou respirar fundo várias vezes:

— Coitada dessa mulher. Tendo que viver sozinha com um filho, porque o marido praticamente a expulsou de sua vida. — Soluçou e fechou o livro, me fazendo entender que a explicação tinha a ver com a história do livro. Irmandade Horus: Vincenzo era o nome. — Nem emprego fixo ela tinha, deveria ser crime abandonar uma grávida ou uma mãe.

Comecei a rir, sentei ao seu lado e a abracei.

— Posso considerar que você gostou do livro?

— Não só dele, como da coruja e o convite para ir na casa da mãe do meu irmão. Me sinto carente demais, não quero desperdiçar nenhum momento longe da família que nunca achei que poderia ter. Obrigada, eu amei tudo.

— Vamos ver se você vai continuar com a mesma opinião quando conhecer a minha família. — Beije sua testa, suas lágrimas, a boca e me afastei. — Vou tomar um banho para irmos.

— Tenho medo da sua família — falou deitando na cama e colocando as mãos na barriga e esse ato me chamou atenção, sem exatamente processar o real motivo.

— Eu te protejo, ou melhor, não se preocupe, é mais fácil dona Bety te proteger do que a mim. Vai dar tudo certo, um passo de cada vez. — Comecei a tirar minha roupa.

— Se eu estiver sendo muito invasiva ou folgada, você me avisa, Fred? — Virou de lado e colocou as mãos debaixo do rosto. — Realmente estou me sentindo em casa aqui, nem pensei sobre o que fazer com a outra casa.

— Você não quer falar com seu pai? Veja com ele o que fazer, ainda mais se ele decidir ficar lá pelo Haras.

— Será que ele vai ficar por lá? O que sua tia diz?

— Que ele é muito calado, mas parece empenhado em fazer um bom trabalho com os peões.

Ela se levantou quando entrei no banheiro e com uma intimidade que

nem sabia que tínhamos, entrei debaixo do chuveiro enquanto ela ficou na porta me encarando.

— No final de semana eu vou fazer isso mesmo, conversar com meu pai, dar o fim naquela casa e começar uma nova etapa da minha vida. — Suspirou e colocou as mãos na cintura. — Estava pensando em fazer um curso de corte e costura, gostei de ajudar sua tia.

— Por que não voltar para a faculdade de Letras?

Percebi que ficou encabulada, que tinha vontade de continuar, mas algo a impedia.

— Vou te esperar lá na sala.

Terminei o banho rápido e fomos para a casa dos pais de Aaron em silêncio. Ela parecia perdida em seus pensamentos e eu estava um tanto receoso para penetrar esse muro que ela tinha criado para darmos continuidade na conversa sobre seus estudos.

Parei o carro em frente a uma mansão e como minha mulher, tentei não ficar surpreso com o local onde eles moravam. Sempre fui confortável de dinheiro, mas não no nível que a família de Luana era.

— Só espero que a comida seja comum, não aguento comer aqueles pratos de passarinho — falei brincando enquanto esperávamos que o portão fosse aberto, do lado de fora, de pé.

— E ainda quero ver você elogiar e agradecer. Preciso fazer uma boa impressão.

— Você, por si só, já é a melhor impressão. — Beije seu rosto e o portão foi aberto nos mostrando os anfitriões.

— Bem-vinda, Luana e Fred. Aaron e Patrícia estão lá no fundo esperando por vocês — dona Camila nos cumprimentou junto de Pedro, seu marido e dono da empresa onde trabalhava. — Entrem!

Comum da minha profissão, conversei com todos como se fosse íntimo. Minha corujinha parecia o próprio animal, desconfiado e olhando tudo com curiosidade, mas tentava disfarçar muito bem. Ela acabou conversando mais com Patrícia e já se tratando como cunhadas, trocaram números de celular e se esconderam na cozinha com a dona da casa, deixando os homens sozinhos.

— É impressão minha, ou as mulheres já estão se sentindo amigas de infância? — seu Pedro falou divertido para mim tomando um gole da sua água tônica. Ninguém estava bebendo álcool hoje.

— A minha mulher faz amizade com todos os atendentes. Não pode ir

na drogaria que fica meia hora conversando. Sou sociável, mas minha mulher ganha de todas.

— Isso é bom, vai preparando o terreno para quando ela conhecer a minha família. — Tomei um gole do meu refrigerante e vi os dois curiosos com o que falei. — Lidar com duas mulheres é fácil, quero ver lidar com cinco tias, dez primas, mais um par de agregadas, crianças... — Bati no ombro do meu cunhado. — Já estive em uma reunião de família dos Saad?

— Não. Vai me convidar? — questionou me encorajando.

— Esse final de semana será da Luana, o próximo vocês estão mais do que convocados.

Até eu mesmo estava me sentindo em casa com eles. No final das contas, o segredo de família não desuniu, apenas aumentou o amor e a união.

Estávamos no caminho certo.



Capítulo 41

Fred

No domingo...

— Nunca te vi assim, Luana. Está tudo bem, são apenas pessoas — falei tentando não rir. A mão dela estava fria e suada, suas pernas tremiam levemente e estávamos dentro do carro, parado na frente da porteira para participarmos da reunião de família.

— São sua família, quero dar uma boa impressão. Da última vez que estive aqui, era praticamente uma foragida.

— Justamente por causa disso você precisa relaxar. Você já conhece meus tios, agora conhecerá minha avó e outros parentes.

— E se não gostarem de mim? E se...

Peguei seu rosto com minhas mãos, beijei seus lábios com a intenção de pará-la e suspirei.

— Você esteve com seu irmão, foi acolhida pela mãe dele como sendo filha também. Todos vão te amar, minha corujinha — falei unindo nossas testas e ela parecia aliviar.

— Acho que esse nervoso é sobre algo que ainda não falei para você — sussurrou.

— Seja o que for, estou aqui com você. — Olhei em seus olhos. — Quer me falar agora?

— Queria, mas não sai... — Ela colocou a mão na boca, beijei seus dedos e saí do carro para abrir a porteira antes que a obrigasse a jorrar tudo. Se tinha algo que me deixava angustiado é saber que existia algo que eu não sabia. Mas, por Luana e seu nervosismo, eu descontaria em duas cervejas e na carne, em casa, de noite, descobriríamos o que seria isso.

Voltei para o carro, atravessei, saí para fechar a porteira e depois segui até debaixo da mangueira. Segurei sua mão e apertei com carinho, ela parecia se acalmar, ainda mais quando minha mãe apareceu do lado dela do carro.

— Oi, querida! Que bom que você veio, Fred não me deixou visitar nem levar comida a vocês essa semana.

— Sem exageros, mãe — pedi tentando tirar minha mulher dos braços

da minha mãe, mas elas foram na frente.

Ainda bem que a sogra de Luana era gente boa.

Parente a parente fui cumprimentando e apresentando minha namorada. Simone e Miriam, claro, fizeram questão de fazer uma piada sem graça como eu sempre fazia com elas:

— Nossa, primo, finalmente achou alguém que te aguentasse. — Simone abraçou Luana e sussurrou algo que fizeram as duas rirem.

— O que foi? — quis saber e as duas deram de ombros.

— Vingança. — Miriam acenou com um sorriso amarelo.

— Suas primas são uns amores — minha namorada me abraçou de lado e finalmente chegamos na minha roda, perto da churrasqueira.

— Esses são Guido, filhos dos donos do Haras, Bastien e Leo.

— Olá, apesar de já conhecer dois de vocês.

Ela os cumprimentou e já foi puxada pelas minhas primas para ver o artesanato em couro que meu tio fazia, desde sela de cavalo a pulseira.

— Se está com ela aqui, então é oficial. Fred está fora da jogada — Guido falou tomando um gole de cerveja e meu irmão se afastou quando fui tomar a sua e me trouxe uma.

— Sim e vou falar para vocês, está bom demais. Parece que é final de semana todo dia, mas com a diferença que tenho que trabalhar.

— Ou seja, está transando — Bastien falou baixo e bati na sua cabeça.

— Respeito com minha mulher, caralho! — Tentei soar divertido, mas fiquei ofendido. As brincadeiras de antes, agora, parecia ofensivas.

— Deixa o cuzão apaixonado de lado, ele e o Ricardo vão formar a dupla dos casados. — Leo agachou e a sua afilhada correu para o seu braço.

— Pois é, você fala tanto, mas treinamento para ser pai você já está executando — rebati e meu irmão apenas deu de ombros e seguiu para a baia dos cavalos, as crianças adoravam vê-los.

— E aí, meu primo, gostei de ver. Agora só falta esses vagabundos — Ricardo se aproximou rindo e olhando-o com malícia, virei para os outros.

— Sim, está na hora de fazer esses mulherengos tomarem jeito. — Cutuquei Bastien, que brincou fazendo o sinal da cruz.

— Isso me lembra a piada para pular na piscina gelada, que está boa. — Guido olhou para cima e fez uma careta. — Com a vinda de Luana para o Haras, minha mãe agora só fala em você tomando jeito, que eu deveria fazer o mesmo.

— Está na hora de mudar esse quarteto de solteiros para quarteto de noivos. Até quando vocês acham que aguentarão ficar no fervo? — Ricardo acenou para a filha, Leo estava voltando com ela.

— Só para constar, continuo no fervo, a diferença é que com minha mulher. — Olhei para os lados, para trás e não achei Luana. — Falando nisso, cadê ela?

— Ih, agora não sabe mais ficar longe da mulher, é um babão mesmo — Bastien bateu no meu ombro e me afastei a procura da minha corujinha. Não que me preocupasse com ela longe, estávamos no Haras com minha família, mas era sempre bom tê-la por perto.

— Ela foi falar com o pai, que não quis participar da reunião hoje — minha tia falou ao perceber que estava procurando alguém. — Seu José precisa de um tempo, ele vai se sentir incluído quando for o momento.

— Vou lá, para caso ela precise de apoio.

— Faça isso, meu filho. Sua mãe está orgulhosa de você.

Procurei minha mãe, que acenou e me deu todo o incentivo que precisava para seguir. Sabia que a conversa com o pai não seria fácil e nervosa como estava, ela precisaria de um apoio depois, ou quem sabe, durante.

Nada me dava mais satisfação do que poder ser essa fortaleza para Luana e só então percebi o que meu pai sentia pela minha mãe... tudo isso era o amor em ação.



Capítulo 42

Luana

— Pai? — Bati duas vezes na porta do seu quarto e abri. Ele estava sentado na cama, as pernas estendidas e sem camisa.

Era impressão minha ou ele tinha muitas cicatrizes e estava tão magro?

— Oh, minha filha, vou por uma camiseta. — Ele deixou uma revista de lado, se vestiu e entrei para cumprimentá-lo com um abraço. — Como você está?

— Estou bem, pai. — Ele olhou para o meu rosto e percebeu o último hematoma desaparecendo perto do meu olho. — Não se preocupe...

— Sua mãe teria vergonha do homem que me tornei. Sinto muito por não poder dar mais para você e seu irmão.

Controlei as lágrimas, mas estava difícil, ainda mais na minha atual situação. Céus, queria dizer tudo ao mesmo tempo que morria de medo do que ele pensaria de mim. Apesar de ter cuidado dele por um tempo, eu ainda o via como meu pai, aquele que sempre cuidou dos filhos.

— Tenho certeza que você faria mais se pudesse.

Sentei na cama e ele ficou de pé na minha frente.

— Dona Jú falou que você queria falar comigo, mas não quis ir na festa deles, não sou da família.

— Como está aqui? Pretende ficar permanente? — Tentei começar por outro ponto, já que o final da conversa seria essa, ele era sim da família e tinha que começar a se acostumar como eu.

— Vou ser sincero, não tem nada para mim nesse mundo. — Olhou para baixo com vergonha. — O dinheiro que ganhava com os bicos de pedreiro eu comprava bebida...

— Pai. — Não era uma repreensão, mas admiração por estar assumindo para mim. Ele ergueu a cabeça para me encarar e deixei as lágrimas escorrerem finalmente, porque ambos estávamos dando grandes passos. — Conheci Aaron, meu irmão, seu filho mais velho.

Ele estendeu a mão, porque parecia que ia cair, ajudei-o a sentar ao meu lado e em silêncio, ele chorou. Fiz carinho em suas costas, porque soube uma parte da sua história pela Camila. A vida do meu pai nunca foi fácil, meus avós eram muito rígidos e fechados, nunca aceitaram a amizade do meu pai com

a minha mãe, nem depois que ele apareceu com sua real namorada grávida em casa. Uma baita confusão sobre ter duas mulheres, a verdade era uma, ele só não tinha maturidade para reconhecer.

Só de pensar imagino no desespero dos três, meu pai foi obrigado a casar com a minha mãe e Camila, grávida, foi renegada. Quando ele deu por si, que estava deixando uma mulher e seu filho por conta de um capricho de meus avós, era tarde demais e com o tempo, meus pais construíram o amor acima da amizade que tinham.

Minha mãe sempre foi apaixonada pelo meu pai, mas no início do relacionamento deles, nunca houve a mesma reciprocidade. Lembrei até do momento em que disse que amava Fred e ele não me correspondeu, seria destino ou karma as mulheres da família amarem antes dos homens?

— Nunca traí sua mãe... — seu José começou e beijei sua testa, ele estava mais calmo.

— O que aconteceu, tinha que ser assim, meu pai. Aaron quer te conhecer.

— Como posso estar feliz em ver meu filho mais velho se o mais novo não está aqui? — Tampou o rosto com as mãos e suspirou. — Meu Deus, por que tanto sofrimento?

— Falei com Cido, pai. Ele está livre e vai reconstruir sua vida. — Ele me olhou assustado e sorri, as lágrimas ainda não pararam de escorrer. — Prometeu voltar quando estiver bem. Ele vai tomar jeito.

— Agora, mais do que nunca, preciso continuar aqui, no meio do mato. Tenho trabalho todos os dias se quiser, dona Jú me dá alimento e um teto, preciso disso para reconstruir.

— O que faremos com a casa? — Limpei minhas lágrimas e respirei fundo várias vezes. Entraríamos em outro assunto delicado.

— Você não está nela? — Neguei com a cabeça. — Não fique, melhor assim, outra pessoa poderia ir atrás de você novamente e estou longe.

— Estou morando com Fred — soltei e ele parecia recomposto e até se levantou.

— Você vai casar, minha filha?

— Não sei, pai. Estamos namorando e morando juntos, vamos ver se vai dar certo. — Olhei para ele com amor, para que lembrasse do nosso vínculo e me respeitasse também. — Gosto dele.

— Se for igual a família dele, não se preocupe, ele será direito com

você. — Voltou a sentar e segurou minha mão. — Sobre a casa, faça o que quiser com ela, não quero nada.

— Pai, foi fruto do seu trabalho!

— E da sua mãe, ou seja, é seu e do seu irmão. Faça uma poupança, dívida com ele e pense no seu futuro, os filhos quem sabe...

Engasguei com a saliva, tossi e ele bateu nas minhas costas para tentar me ajudar. Assim que comecei a respirar normalmente, comecei a rir.

— Ai, pai, só você. — Peguei sua mão e alisei os calos que haviam nela. — E se eu disser que estou grávida?

— Grávida? — duas vozes repetiram a pergunta. Olhei para a porta e vi Fred nos olhando pela pequena fresta que havia.

Mordi o lábio e tentei não recuar, ainda mais quando a vergonha tomou conta de mim. Não era assim que eu queria que ele soubesse, precisava de um pouco de apoio antes, para caso ele se assustasse, não ficaria desamparada, como a mulher do livro que ele me deu.

Precisei me controlar muito para não contar para minha cunhada e mãe de Aaron, mas o meu pai, eu tinha que falar.

— Como assim, Luana? Como descobriu? — Fred entrou no quarto e olhou de mim para o meu pai com assombro.

Busquei apoio naquele que, apesar de toda dificuldade, era minha referência masculina. Foi a vez dele pegar minhas mãos, alisar os dedos e depois entregou para meu namorado.

— Se esperam minha benção, tem de todo o meu coração. Que a criança venha com saúde e ilumine as nossas vidas como você fez, Luana.

Fred me levantou e meu pai fez o mesmo, indo em direção a porta.

— O senhor vai para a festa? — perguntei com esperança. — O senhor faz parte dessa família também, será avô.

— Tudo no seu tempo, minha filha. Agora acuda o pai da criança que ele ainda está em choque.

Olhei para Fred e só então percebi que ele encarava o nada atrás de mim. Peguei seu rosto com as mãos, foquei meu olhar no dele e então, depois de algumas piscadas, ele me enxergou.

— Não era assim que pretendia dar a notícia, mas sim, estou grávida.



Capítulo 43

Fred

— Quando descobriu? — Segurei suas mãos no meu rosto e tentei decifrar o que estava sentindo, mas a única coisa fácil de identificar era que meu estômago estava embrulhado.

A cerveja estava estragada, só poderia ser.

— No hospital, quando fui atendida depois que Joilson me sequestrou.
— Abracei-a e senti o quanto ela estava precisando disso.

— Por que não me contou antes?

— Medo. Não sabia se você me amava e quando se declarou, não estava preparada para contar. — Esfregou seu rosto da minha camiseta. — Minha cabeça está o caos, não queria esconder, só queria ter mais apoio antes de falar.

— Eu vou ser pai — falei alisando suas costas e tentando não surtar. Comecei a rir de nervoso, isso só poderia ser pegadinha.

— E eu vou ser mãe, minha vida vai mudar tanto, nem sei por onde começar, só tenho algo na mente, preciso ser melhor para ele ou ela.

— Por isso não quer voltar para a faculdade? — Afastei-a e encarei sua barriga, que não tinha nenhuma alteração de quando nos conhecemos. — Você pode fazer, nós vamos dar um jeito.

— Prefiro corte e costura, posso trabalhar em casa até eu me readaptar com um bebê. — Olhei para seu rosto e vi receio. — Tenha paciência comigo.

— Toda do mundo, minha corujinha. — Beije seus lábios um, duas vezes e a vi mudar completamente. — Será que é verdade sobre hormônios da gravidez e tesão?

— No quarto do meu pai não, Fred. — Ela me empurrou para fora e saímos do quarto e da casa de mãos dadas e rindo.

Minha cabeça estava uma zona, porque lembrava das palavras de Ricardo ao mesmo tempo que percebia que nunca mais teria minha vida de solteiro de volta.

Vi as crianças correndo pelo gramado e um sentimento de dever cumprido me dominou. Claro, precisava de vocação e vontade para continuar o legado da família como minha avó e minha mãe queriam, mas só de saber que era possível, que estava no caminho, me enchia de orgulho.

— Sou foda, te engravidei na primeira transa sem camisinha — falei no seu ouvido e recebi um tapa no peito em protesto. Paramos de caminhar até a parte coberta com churrasqueira e ficamos frente a frente.

— Não fale isso para os outros, o que sua mãe vai achar de mim?

— Que você é a melhor pessoa no mundo para ela agora, porque lhe dará um neto. Mas minha avó...

— Sua vó é um amor, Fred. Não quero fazer algo que não deve.

— Bem, já temos a benção do seu pai, então, só falta eu agir. — Peguei sua mão, beijei o dorso e voltei a caminhar. — Confia em mim?

— Depois de tudo o que passamos, você ainda pergunta? Não só confio como amo, Fred.

Sabia que estaria sendo precipitado, que meus primos iriam zoar e minha avó encher a cabeça de Luana com algum sermão que a própria mãe dela, minha bisavó, deu a ela. Tudo bem, estava sendo louco, mas o que seria um pedido em meio a tantas coisas que vivemos.

Foi Luana mesmo quem disse, depois de tudo, só existia amor.

— Família, tenho uma novidade para contar — falei alto e Luana abraçou minha cintura envergonhada. Ah, minha corujinha, você não sabia nem metade do que estava planejando.

— Ah, meu Deus, Luana finalmente viu o quanto você é chato e te deu um pé na bunda — Miriam falou alto e a encarei com superioridade. Quem ria por último, ria melhor.

— Pelo contrário, diferente do seu juiz bunda mole, eu sou um Saad e faço papel de homem. — Simone e ela vaiaram. Olhei para minha mulher, que controlava o sorriso e continuei: — Vamos nos casar.

O sorriso dela sumiu na hora, os gritos de felicitações das tias dominaram e claro, os palpites.

— Vocês precisam ir com calma, fazer um teste primeiro morando junto — um tio falou.

— Cadê a aliança? Coloque logo no dedo dela, não faça como meu primo — outra tia falou.

Enquanto isso, encarava os olhos assustados da corujinha mais linda do mundo.

— Era para dizer que eu estava grávida, não para me pedir em casamento — falou baixo, mas muitos escutaram e um novo alvoroço se formou, dessa vez, meus primos vieram até mim, tiram-me de perto de Luana e me deram

banho de cerveja.

— Vai ser pai! Fred vai ser papai! — gritaram me fazendo rir e procurar minha mulher, que já estava sendo paparicada pelo lado feminino da família.

Sim, iria ser pai, marido e homem, tudo de uma vez, como nunca planejei.

Tirei a camiseta polo cheia de cerveja, olhei para o sol e fiz um breve agradecimento à Deus e o universo. Certo ou errado, eu faria meu melhor.

Quando voltei a olhar para as pessoas que só falavam sobre a novidade, lá estava ela, minha mulher, cheia de lágrimas no rosto e um amor imenso nos olhos direcionados a mim.

“E quem me viu, se visse hoje não acreditaria

Que o cachaceiro virou homem de família

Toquei a noite pelo dia.”

Não tinha música melhor para descrever minha atual situação e para mim, estava perfeito.



Epílogo

Fred

Três meses depois...

— A barriga da sua mulher já está aparecendo, seu bacuri vai ser grande, heim? — Guido provocou enquanto estávamos no nosso costumeiro canto de conversa nas reuniões da família no Haras.

Apesar do quarteto de solteiros estar desfalcado, minha posição ainda estava mantida, pelo menos, para a conversa fiada.

Era o nosso noivado, seu José estava presente e conversava com meus tios e pai como um igual. Ele era mais turrão do que imaginava, demorou para que me olhasse de igual. O que importava mesmo era o apoio e amor que dava para minha mulher, esse ele se manteve desde o dia que a pedi em casamento.

Um menino, descobrimos há pouco tempo que seria um menino, sacudo, igual o pai. A piada desse nível para baixo era muito comum, ainda mais por querer me destacar dos meus primos solteiros.

Minhas primas iriam reservar um horário, depois do almoço, para fazer brincadeiras e mesmo depois que perguntei, meus primos disseram não saberem de nada do que viria.

Tentei ignorar o que estava por vir, ainda mais que minha mulher não parecia preocupada.

— Melhor fase da vida — falei tomando um gole da minha cerveja sem álcool. Enquanto estivesse com uma carga preciosa dessa, nem uma gota de bebida alcoólica entraria na minha boca.

— Ah, sim, ouvi falar desse tal de hormônio das grávidas — Bastien entrou na conversa e olhou para os lados.

— Vai me dizer que pegou uma grávida, cara! — Guido perguntou baixo e Bastien fez uma careta.

— Só escutei um papo na academia. As mulheres falam de tudo lá dentro — tentou se defender.

Vi Alexia tocando a barriga de Luana e segurei a respiração ao ver tal ato, ainda mais quando minha mulher pegou na sua mão e segurou. Minha amiga não parecia com repulsa, pelo contrário, estava maravilhada com tudo. Ouvi algo sobre ela estar fazendo uma nova terapia, mas como nunca pressionava ou

questionava, deixava esse papel para Luana.

As duas fizeram amizade e sempre conversavam, me deixando de lado muitas vezes. Agora estava mais fácil de convidar Alexia para sair, ainda mais que só ia nós três, fazia tempo que ela não via Leo e nem o contrário.

Meu irmão estava em uma missão e tentaria vir antes de tudo terminar. Não contei para a minha amiga sobre esse detalhe, só disse que ele não estaria pelo almoço.

— Cara, esqueci de contar, lembram do Torto? — Guido falou e Ricardo se aproximou.

— Isso me fez lembrar daquela festa de formatura que fomos, você quase pegou a irmã dele, certo? — Ricardo questionou.

— Eu só lembro dos quatro pneus furados da caminhonete — Bastien comentou.

— Esse mesmo, o cara praticamente jogou a menina no meu colo! — Guido confessou.

— Tudo bem, você nem gostou — Bastien ironizou.

— Pois então, ele vai ser meu cliente agora, vai trazer seus cavalos para eu tratar e já falou da irmã de novo. — Guido revirou os olhos. Se eu me lembrava bem, ele até que curtia a menina, só não foi para frente, porque ela era muito nova e ele tinha medo de ir preso.

— E sua mãe não para de falar em casamento, ainda mais agora que sua irmã arranhou um namorado. — Ergui minha cerveja para Júnior, o churrasqueiro do dia e o homem de quem falávamos. Eu não sofria mais com as cobranças, o foco da família estava todo do meu primo.

— Você sabe que algo entre eu e Laís é praticamente impossível de dar certo. Ela é muito *pra* frente...

— Sim, lembro disso — Ricardo falou segurando o riso e batendo no braço dele. — Mas nessa vida, impossível só para dar vida aos mortos, o resto, rezando tem futuro.

Rimos alto e Guido ficou envergonhado. A referência que fizemos foi do que aconteceu na festa, a tal Laís ajoelhada tentando convencer meu primo de que era a sua melhor escolha.

Terminei minha cerveja, encontrei minha mulher e lhe dei um beijo de arrancar o fôlego.

— Vocês podem reservar essas demonstrações de afeto para quatro paredes — Alexia reclamou de brincadeira.

— Tudo isso é ciúmes do meu irmão? Não se declarou, perdeu a vez, agora só tem eu para te consolar — Leo apareceu atrás de nós e com um grito assustado, Alexia se afastou. Percebi que ele havia segurado seu braço e com um soco no seu peito, o encarei chateado.

— Menos, cara!

— Olha isso, meu amor — Luana desviou minha atenção para algo em sua mão. Era um convite de casamento na cor marrom... ou era rosa? Havia um casal de corujas em cima e meu coração parecia que tinha parado de bater por um segundo.

Eu ia casar.

— Não gostou? — Minha corujinha estava preocupada, por isso beijei sua testa e forcei o sorriso. Não tinha nada a ver com querer ou não querer, era apenas... medo.

— Está lindo, será tudo do seu jeito. Eu aprovo.

— Bundão — Meu irmão caçou.

— Agora, o posto de mais chato é do Leo. Vem, Alexia, vou mostrar as pulseiras lá dentro — Simone falou pegando na mão de Miriam e ela pegando a mão da minha mulher.

— Hei, acabei de chegar perto dela — reclamei e ganhei um beijo de despedida de Luana.

— Depois eu compenso. — Mandou um beijo no ar e Leo sentou ao meu lado vendo todas se afastarem para a casa, já que estávamos na parte da churrasqueira.

— Parabéns Fred. — Meu irmão bateu seu ombro no meu. — Menos um para a concorrência.

— Obrigado, Leo. O posto de chato agora é todo seu.

— Não vejo a hora de ver meus filhos casados — dona Bety apareceu sorridente.

— Eu só caso depois do Bastião — Leo comentou.

— Arranjo mulher quando Guido aceitar ser cunhado do Torto — brincou Bastien.

— Esquece, cara, nunca vou casar. Praticamente uma missão impossível — Guido completou e algo na minha mente estalou.

Um casamento. Nós quatro de noivos.

PORRA!

Ainda bem que não foi minha mãe pensando... talvez não vire profecia

igual aconteceu comigo.

— Parem de ter medo. Casar é a melhor coisa do mundo, não é Amim?
— minha mãe chamou meu pai, que divertido, acenou rapidamente, como se fosse mandado.

Rimos alto e tentamos dissipar essa neblina de casório, até porque, estava planejando o meu, só não tinha escolhido a data. Luana acreditava que o nascimento do bebê decidiria tudo em nossa vida.

Não demorou muito para as mulheres voltarem da casa gritando animadas. Luana estava com um vestido de retalhos brancos, uma coroa com véu na cabeça e um sorriso que não cabia no seu rosto. Sua barriga aparecia tímida, maravilhosa.

Não percebi meus primos agindo atrás de mim, colocaram uma jaqueta de terno e tentaram colocar uma gravata, já feita o nó, passar pela minha cabeça, mas fui rápido e desviei.

— Aí vocês apelaram, gravata? — reclamei.

— Vai começar as brincadeiras. Os noivos sentam aqui! — Simone falou alto, Miriam pegou duas cadeiras e colocou no meio do gramado. Estava começando um chá de panela surpresa.

Rindo e um pouco nervoso, sentei e olhei para minha mulher, que estava linda como uma noiva improvisada.

— Está linda, minha corujinha. — Tentei beijá-la, mas uma colher de pau apareceu entre nós. Era minha tia se divertindo.

— Epa, que agora o beijo só vai ser no final.

— Primeira brincadeira! — Simone gritou, levantou o braço e deu início a uma avalanche de acontecimentos divertidos, que contribuíram não só para o meu futuro casamento, mas do nosso filho, que teve seu nome definido nesse momento, Maurício.

Não sabia, mas depois de alguns dias desse acontecimento, enquanto via a barriga da minha mulher crescer na mesma proporção do nosso amor, descobri que meu noivado foi apenas o começo de um desencadear de situações onde os solteiros da família se tornariam noivos.

No fritar dos ovos, estava achando tudo isso o máximo.

Agradecimentos

Cheguei até aqui. Parecia que seria fácil, que tudo seria como água correndo pelo cano... mas é a vida, imperfeita e linda, do jeito que eu precisava.

Tive uma necessidade enorme de contar uma história, com toques de realidade, sobre a família do meu marido que levo, de forma artística, seu sobrenome. Em honra a família Sales, essas histórias tem uma parte do meu amor por vocês.

Aos meus pais, gratidão pela vida e pelo dom da escrita. Família tem um sentido especial para mim, não é à toa que essa é a segunda série sobre o tema.

Ao meu marido e filhos, que com amor me apoiam em todas os sonhos que me proponho realizar, muito obrigada. Vocês fazem parte de cada vitória.

Para meus amigos literários, que estão no dia a dia e me ajudam a fazer acontecer, obrigada. Os grupos Encantadas, Destino Literário, Vício em Livros, Romances da Brasil, Panela das Letras, Leitoras de Campo Grande, etc, obrigada por me acolherem e torcerem por mim!

Às minhas leitoras especiais, que leem antes e me ajudam com suas opiniões e conselhos: Ray, Lê, Paula, Josi, Alci, Tharcy, Pri, Fer, Digo, Michele, Carla, Sara. Gratidão por fazerem parte dos bastidores de muitas histórias e agora, do Quarteto de Noivos. Sei que não foi fácil, escrever sobre casamentos e enlaces por “obrigação” é sair da minha zona de conforto. No final, os noivos eram mais para mim do que para vocês e no final, o que valeu foi o apoio, aquele que só vocês conseguem me proporcionar.

Bárbara Sá, Daisy Yukie, Denilia Carneiro, Joice Penedo, Lih Santos, Lis Santos, Mariana Helena e Tatiane Souza, muito obrigada por sempre estarem disponíveis a cada novo lançamento. O apoio, divulgação e indicação de vocês fazem a diferença sempre. Valorizo demais o trabalho de vocês, fonte de inspiração. Gratidão.

Aos meus leitores poderosos, que estão sempre dando feedbacks nas redes sociais e na própria amazon, obrigada por dar uma oportunidade para as minhas obras.

E claro, aqueles que estão no meu dia a dia, com um trabalho maravilhoso e voluntário, gratidão. Meus parceiros poderosos, vocês fazem parte desse lançamento (Instagram):

@50livros
@AlfasLiterarias
@anaflpimentta
@betaliteraria
@blogcheirodelivros
@cafecomletras.oficial
@cia_da_leitura
@contandocapitulos
@dayukie
@duaslivrolatras
@ebtb_brasil
@enquadrando livros
@epifania_literaria
@estantedagabii
@sayociosa
@folhadepolen
@gabieumlivro
@indicacoes_literarias
@issoateparecemagia
@jheni_literaria
@jujueoslivros
@literariaraposa
@literatura.hot.livros
@literaturaemdiajessica
@divaliteraria
@livrosdamicosta
@lmeninados
@lua.de.papel
@mafiosas_literarias
@maniaca_literaria
@menina.que.amaler
@minhapequenacolecao
@ocantinhodaleituraa

@coice_literario
@queen_of_literature
@samurailiteraria
@a_magiadoslivros
@totoroliterario
@viciadosemliteraturanacional
@leitorasinsanas1
@vidadebibliotecaria
@perfeicao_literaria
@bibliovicio.da.jess
@Sussurrando_Sonhos
@paraleloliterario
@euleitoraminhapaixao
@impressaodoleitor
@naosoucompulsiva
@umlivroumamor1
@divando_livros
@jaqueronaminhaestante
@resenhasnacionais
@mariindicanacional
@lsapoioliterario

Sobre a Autora

Mari Sales é mãe, esposa e escritora em tempo integral, analista de sistema quando requisitada e leitora assídua durante as noites e madrugadas. Nos intervalos entre suas vocações, procura controlar a mente para não se atropelar em todas as ideias que tem. Entusiasta das obras nacionais de romance contemporâneo, contribuiu com esse universo literário através do blog Resenhas Nacionais e entrou no universo das publicações independentes em janeiro de 2017 com Superando com Amor, e desde então, não tem planos para parar tão cedo.

Facebook: <https://www.facebook.com/autoramarisales/>

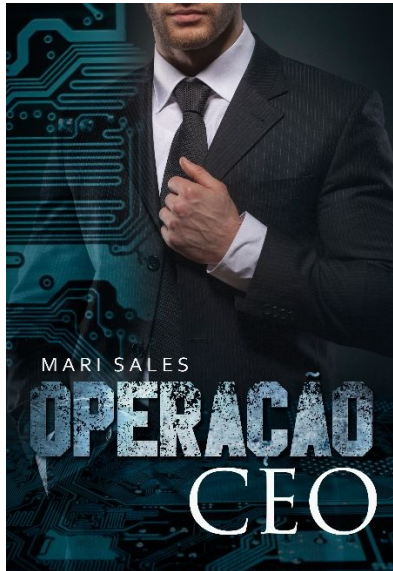
Instagram: <https://www.instagram.com/autoramarisales/>

Wattpad: https://www.wattpad.com/user/mari_sales

Site: www.autoramarisales.com.br

Livros Físicos e outros brindes: <http://loja.autoramarisales.com.br>

Outras Obras



Operação CEO: <https://amzn.to/2Chlamo>

Sinopse: Sabrina é uma profissional da área de TI que está tentando sobreviver aos trinta dias de férias repentinas do seu chefe setorial. Sua primeira atividade será ajudar o mais novo CEO da empresa, que possui um sotaque irresistível e olhos hipnotizantes.

Enrico Zanetti assumiu a posição de CEO de forma repentina, depois que seu pai foi afastado por causa de um infarto. Em poucos dias de presidência descobriu que a empresa possui um rombo em suas finanças, e agora está disposto a encontrar o responsável a qualquer custo.

Com a ajuda do setor de TI, Enrico descobrirá não só o responsável pelas falcaturas em sua empresa, mas também uma mulher competente, destemida e que, aos poucos, despertará seus sentimentos mais profundos e nem um pouco profissionais.

No meio dessa complexa investigação, Enrico e Sabrina descobrirão afinidades, traição e amor.



Encantadas por Livros e Música – Primeira Temporada:

<https://amzn.to/2GFfZlF>

Sinopse: Os dez contos da primeira temporária da série Encantadas por Livros e Música está aqui, com um capítulo bônus final.

10 contos em um só livro! Serão várias páginas de muito amor, emoção e erotismo.

O Desejo de Leo

O Sonho de Justin

A Aposto de Kant

A Farsa de Evandro

O Charme de Alex

O Rompante de Well

O Retorno de Fabiano

A Escolha de Bruno

A Marca de Ryan

A Promessa de Thor



BOX – Família Valentini: <https://amzn.to/2RWtizX>

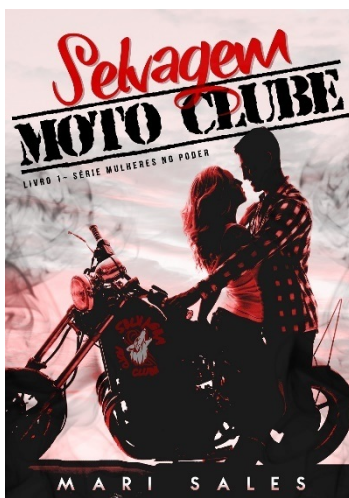
Sinopse: Esse e-book contém os seis livros da série família Valentini:

- 1 - Benjamin
- 2 - Carlos Eduardo
- 3 - Arthur
- 4 - Antonio
- 5 - Vinicius
- 6 – Rodrigo

1 - Benjamin – sinopse: Marcados por uma tragédia em sua infância, os irmãos Valentini estão afastados há muito tempo uns dos outros. Benjamin, o irmão mais velho, precisou sofrer uma decepção para saber que a família era o pilar de tudo e que precisava unir todos novamente.

Embora a tarefa parecesse difícil, ele encontra uma aliada para essa missão, a jovem Rayanne, uma mulher insegura, desempregada e apaixonada por livros, que foi contratada para organizar a biblioteca da mansão e encontrar os diários secretos da matriarca da família.

Em meio a tantos mistérios e segredos, o amor familiar parece se renovar tanto quanto o amor entre um homem e uma mulher de mundos tão distintos.

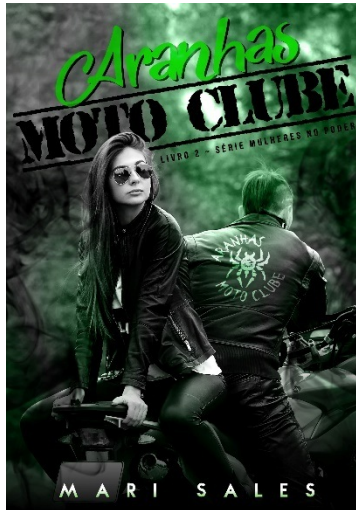


Selvagem Moto Clube: <https://amzn.to/2QIULdz>

Sinopse: O presidente do Selvagem Moto Clube está gravemente doente e um sucessor precisará ser escolhido antes que John morra. O vice-presidente deveria ser o herdeiro legítimo, mas seu mal caráter e negócios ilícitos fazem com que essa vaga seja disputada.

John nunca quis que sua família se envolvesse com seu Moto Clube, mas sua filha Valentine entra na disputa pela presidência e nada mudará sua decisão. No meio dessa disputa entre o comando do Selvagem, Doc é o único homem que ela poderá confiar para lutar pelo Moto Clube e quem sabe pelo seu coração, que há muito foi judiado por outro motociclista.

Entre a brutalidade e o preconceito, Doc e Valentine encontrarão muito mais do que resistência nos membros do Moto Clube, mas intrigas e traição.



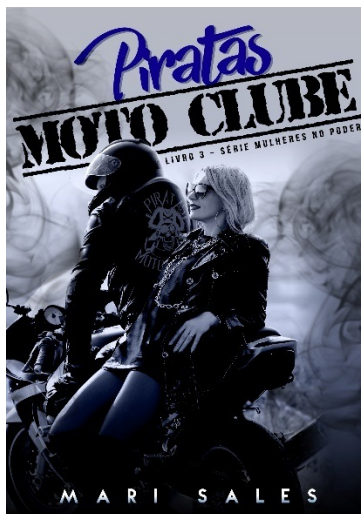
Aranhas Moto Clube: <https://amzn.to/2x62CDU>

Sinopse: Ter um relacionamento afetivo nunca foi preferência na vida de Rachel Collins. Seu trabalho e seu irmão eram as únicas prioridades, até que seu caminho cruza com o de Victor Aranha em um tribunal, em lados opostos. O homem de postura arrogante e confiante, presidente de um Moto Clube, abalou os planos da advogada.

Tempos depois, os dois se encontram informalmente e a chama adormecida se acende. Prudente e competente, Rachel acaba em conflito de interesses ao ser convidada por Victor, para uma noite sem compromisso. O lado pessoal dos dois estava pronto para colocar em risco tudo o que construíram.

Ela seguia as leis. Ele as quebrava.

Victor precisa de assessoria jurídica, e claro que convoca a atrevida Rachel Collins. Tentada pelo desafio, acaba envolvida em muito mais do que suas teias, mas no lado obscuro do Aranhas Moto Clube.



Piratas Moto Clube: <https://amzn.to/2QpLOzN>

Sinopse: Ser o presidente do Piratas Moto Clube nunca tinha passado pela cabeça de Richard Collins, um homem respeitado e de valores tradicionais. Ele assumiu o posto de chefe de família muito cedo e isso trouxe sequelas para sua confiança. Apesar disso, ninguém sabia que debaixo daquela postura firme e cheia de argumentos morava um homem assombrado pelas suas limitações. Nina está envolvida em todos os assuntos dos seus amigos, principalmente quando Richard, seu Lorde da vida, está em causa. Quando ele precisa de proteção extra, além do que já tem por causa de JFreeman, ela não só se voluntaria, mas decide investir, finalmente, na sua atração pelo homem que é o verdadeiro príncipe de terno e gravata.

Apesar de serem de mundos diferentes e com convicções completamente opostas, as circunstâncias colocarão à prova tudo o que acreditam, inclusive seus próprios medos.

As aparências trazem julgamentos precipitados e as histórias de família mal contadas também. Existem muito mais segredos pirateados do que ocultos nessa história.

^[1] Miça é nome de um bar. Com a mesma sonoridade de missa, o personagem quis brincar.

^[2] Laço comprido, Team Roping, Prova de Bezerro, etc.

Table of Contents

Sinopse
Dedicatória
Prólogo
Capítulo 1
Fred
Capítulo 2
Fred
Capítulo 3
Fred
Capítulo 4
Fred
Capítulo 5
Fred
Capítulo 6
Luana
Capítulo 7
Fred
Capítulo 8
Fred
Capítulo 9
Fred
Capítulo 10
Luana
Capítulo 11
Fred
Capítulo 12
Fred
Capítulo 13
Fred
Capítulo 14
Luana
Capítulo 15
Luana
Capítulo 16
Fred

[Capítulo 17](#)

[Fred](#)

[Capítulo 18](#)

[Fred](#)

[Capítulo 19](#)

[Luana](#)

[Capítulo 20](#)

[Luana](#)

[Capítulo 21](#)

[Fred](#)

[Capítulo 22](#)

[Fred](#)

[Capítulo 23](#)

[Fred](#)

[Capítulo 24](#)

[Luana](#)

[Capítulo 25](#)

[Fred](#)

[Capítulo 26](#)

[Fred](#)

[Capítulo 27](#)

[Fred](#)

[Capítulo 28](#)

[Fred](#)

[Capítulo 29](#)

[Fred](#)

[Capítulo 30](#)

[Fred](#)

[Capítulo 31](#)

[Fred](#)

[Capítulo 32](#)

[Fred](#)

[Capítulo 33](#)

[Fred](#)

[Capítulo 34](#)

[Luana](#)

[Capítulo 35](#)

[Fred](#)

[Capítulo 36](#)

[Fred](#)
[Capítulo 37](#)
[Luana](#)
[Fred](#)
[Capítulo 38](#)
[Fred](#)
[Capítulo 39](#)
[Fred](#)
[Capítulo 40](#)
[Fred](#)
[Capítulo 41](#)
[Fred](#)
[Capítulo 42](#)
[Luana](#)
[Capítulo 43](#)
[Fred](#)
[Epílogo](#)
[Fred](#)
[Agradecimentos](#)
[Sobre a Autora](#)
[Outras Obras](#)